Eles nos olham de dentro de seus retratos: rostos sérios, imóveis e sóbrios para o fotógrafo, acima de colarinhos engomados e trajes simples. Mas quem foram realmente esses ousados pioneiros adventistas?

O transporte de Tiago White em seu primeiro itinerário como pregador foi um cavalo emprestado. Nem ele nem o cavalo seriam os mesmos outra vez. O famoso cirurgião Amós Twitchell amputou a perna de Urias Smith, que tinha doze anos de idade, numa operação de vinte minutos realizada sobre a mesa de cozinha da família Smith – sem anestesia. José Bates foi quase expulso do local da pregação numa de suas viagens evangelísticas. E quem foi o objeto do amor não correspondido de Annie Smith?

Muitas vezes famintos e geralmente sem um centavo, eles discutiam apaixonadamente e trabalhavam sem descanso, martelando suas crenças como a "única regra de fé e prática", seguindo-a com inteligência e disposição.

Nenhum deles foi perfeito, mas todos fizeram o seu melhor, pela graça de Deus, para disseminar a mensagem do breve retorno de Jesus e as boas-novas do sábado como o dia santificado. Este livro conta as emocionantes histórias deles.

Norma Collins cresceu nas belas montanhas Ouachita, no estado norte-americano de Arkansas, e tornou-se adventista do sétimo dia após freqüentar uma reunião evangelística. As histórias dos pioneiros estão no seu sangue, pois trabalhou durante 30 anos no Patrimônio Literário de Ellen G. White, onde ela começou a carreira como secretária de Arthur L. White, neto de Ellen White. Em 1995, tornou-se a primeira mulher na função de diretora associada. Tem participado diretamente do preparo de muitas compilações de Ellen G. White, incluindo *A Verdade Sobre os Anjos* e *To Be Like Jesus*. Mulher de muitos interesses, Norma pilota avião, faz acabamento em móveis e coleciona pequenos elefantes (nenhum deles vivo) em Hagerstown, Maryland.

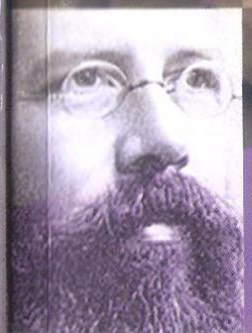
casa

ISBN 978-85-345-1041-7

Norma J. Collins

RETRATOS DOS PIONEIROS

Norma J. Collins



Retratos dos PIONEIROS

Detalhes inspiradores da vida dos primeiros adventistas

Retratos dos PIONEIROS

Norma J. Collins

Detalhes inspiradores da vida dos primeiros adventistas

Tradução

Eunice Scheffel do Prado

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Título do original em inglês:
HEARTWARMING STORIES OF ADVENTIST PIONEERS

Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição – 3 mil exemplares
2007

Editoração: Márcio Dias Guarda e Neila D. Oliveira
Programação Visual: Vera Diniz
Capa: Vera Diniz
Ilustração de Capa: A.F.C.

IMPRESSO NO BRASIL/*Printed in Brazil*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Collins, Norma J.
Retratos dos pioneiros : detalhes inspiradores da vida dos primeiros adventistas / Norma J. Collins ; tradução Eunice Scheffel do Prado. -- Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira, 2007.

Título original: Heartwarming stories of adventist pioneers
Bibliografia.

1. Adventistas do Sétimo Dia – Biografia
I. Título.

07-1721 CDD-248.24092

Índices para catálogo sistemático:
1. Adventistas do Sétimo Dia : Biografia
248.24092

EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

Tipologia: Bell MT STD 11/13 – 9187/16163 – ISBN 978-85-345-1041-7

Sumário

Uma Palavra ao Leitor 7

1. *Guilherme Miller*: "Hoje, Hoje e Hoje, Até que Ele Venha" 10
2. *Hiram Edson*: Pregador e Operador de um Milagre de Cura 28
3. *José Bates*: Arauto do Sábado 36
4. *Tiago White*: "Verás teu Senhor Voltando" 58
5. *Ellen Gould Harmon*: Mensageira do Senhor 74
6. *William Foy e Hazen Foss*: Duas Respostas Diferentes 94
7. *Heman S. Gurney*: O Ferreiro Cantor 98
8. *Tiago e Ellen White*: Eles Trabalharam Juntos 106
9. *Urias Smith*: "Seu na Bem-Aventurada Esperança" 140
10. *John Nevins Andrews*: Nosso Homem Mais Capaz 154
11. *Annie Smith*: Poetisa, Artista, Editora 174

Bibliografia 184

Dedicado a

James R. Nix
Meu amigo e colega por muitos anos.
O seu profundo interesse em pesquisar e
conhecer os pioneiros como indivíduos despertou
meu desejo de conhecê-los por conta própria.

Uma Palavra ao Leitor

Ao entrar hesitantemente na sede do Patrimônio White, no primeiro dia de trabalho após o feriado de 4 de julho de 1970, não imaginei que me tornaria uma peça permanente ali pelos trinta anos seguintes. O primeiro dia foi um tanto sobrecarregado, à medida que eu aprendia acerca do Patrimônio Literário White e do que significaria ser secretária do Pastor Arthur L. White.

Uma das minhas primeiras tarefas foi reorganizar o Arquivo de Perguntas e Respostas, atividade que ajudou a aumentar meu conhecimento prático acerca do significado do Patrimônio White para a Igreja Adventista, em termos mundiais. Criado para economizar tempo, a fim de que a pequena equipe não precisasse usar seu tempo respondendo às mesmas perguntas vez após vez, o arquivo continha perguntas feitas freqüentemente e suas respostas. (Se você tem uma pergunta que estava naquele arquivo naquela época, é só me perguntar!)

O Pastor White e eu desenvolvemos uma amizade profunda e prática. Ele estava sempre disposto a tomar tempo para responder às minhas perguntas e me mostrar como encontrar sozinha as respostas. No início de uma tarde, perguntei-lhe como havia acontecido algo, e ele me levou ao depósito e me mostrou onde e como localizar a resposta. Depois, piscando o olho, disse: "Por hoje você já teve a sua aula, mas seu aprendizado ainda não terminou!"

Um ou dois anos mais tarde, ele achou que seria uma boa idéia se eu fizesse uma excursão para visitar lugares relacionados com a história de nossa igreja, principalmente os localizados na região da Nova Inglaterra [nordeste dos Estados Unidos], já que isso aumentaria grandemente o meu conhecimento do mundo no qual eu havia passado a viver – o mundo de Ellen White e de outros pioneiros adventistas. Jim Nix era o novo diretor do que viria a se tornar a filial do Patrimônio Literário White em Loma Linda, Califórnia, e, embora Jim já demonstrasse grande interesse pela história dos primórdios do adventismo, o Pastor White achou que ele também precisava da experiência dessa excursão. Essa viagem foi o início de uma amizade que tem perdurado e crescido ao longo dos anos. O entusiasmo de Jim ao apresentar os pioneiros fez com que eu também desenvolvesse um especial interesse por eles.

Durante anos, tenho contado muitas das histórias deste livro em reuniões campais, Escolas Sabatinas e cultos da igreja. Você lerá acerca de Tiago White saindo para sua primeira viagem como pregador, com um cavalo emprestado por seu pai, usando uma sela remendada e rédeas que lhe foram dadas por um pregador. Ao retornar para casa, suas roupas estavam praticamente gastas, e o cavalo do seu pai nunca mais seria o mesmo. Você lerá acerca de Guilherme Miller como autodidata, lendo até tarde da noite à luz de nós de pinheiro, e sobre como finalmente ele abandonou as idéias deístas e aceitou um Salvador pessoal, a quem ele podia amar. Você achará graça do senso de humor de Urias Smith em algumas das coisas que ele publicou na antiga *Review* [a *Revista Adventista*, em inglês]. Seu coração chorará (e talvez seus olhos também) ao ler sobre a tristeza pessoal de J. N. Andrews e seu árduo trabalho na Europa, mas se regozijará com ele ao declarar sua fé em Jesus, garantindo que seus "pés estão firmemente plantados sobre a Rocha".

O nome José Bates é provavelmente familiar a você, mas sabia que ele quase chegou a ser linchado numa de suas viagens ao Sul como pregador? E que Heman Gurney, o ferreiro cantor, era um poderoso homem de oração que participou de várias experiências de oração durante as quais pessoas foram curadas?

Nunca ouviu falar de Heman Gurney? Você vai amá-lo! E pode ter um vislumbre novo do caráter de William Foy, mas terá dó de Hazen Foss, que chegou a se declarar "um homem perdido". A história de Annie Smith é outra que tem uma peculiaridade sobre a qual você pode nunca ter ouvido antes.

Para esses homens e mulheres, não foi fácil deixar de lado ensinos aos quais se haviam apegado a vida toda, mas a verdade é a verdade, e eles a seguiram com inteligência e disposição. Espero mesmo que você chegue a conhecer e amar cada um deles. Às vezes, as conversas citadas não são exatamente literais, mas tudo está dentro do espírito de sua vida e personalidade. Houve tantos desses queridos guerreiros pioneiros que defenderam com entusiasmo a nova luz cuidadosamente acalentada que suas histórias não couberam num só livro.

Para aqueles que cresceram – e até envelheceram – ouvindo essas histórias, espero que sua fé se renove ao lê-las novamente, e quem sabe até aprendam algo que não sabiam antes. Para aqueles que não tiveram a experiência de conhecer os pioneiros da Igreja Adventista,

espero que seu interesse seja despertado e que aceitem o desafio de conhecer tudo o que puderem a respeito deles. Foram pessoas maravilhosas. Não eram perfeitas em todo sentido, mas fizeram seu melhor com a graça e ajuda de Deus para disseminar a mensagem da breve volta de Jesus e as boas-novas do sábado do sétimo dia.

Todas as pessoas destas histórias se tornaram minhas amigas. Eu as acompanhei no calor e no frio, na fome e na fartura, sem um tostão e nem tão afligidas assim pela pobreza, na enfermidade e na saúde, e por ocasião da morte de filhos e entes queridos. Tenho rido e chorado com elas. São reais para mim e espero que você também chegue a conhecê-las com o mesmo realismo.

O subtítulo deste primeiro volume [em inglês] – "You Will See Your Lord a-Coming" – foi tirado do cântico que Tiago White usou no início de uma das suas primeiras reuniões. Tantas pessoas superlotavam o salão que o nível do ruído era quase esmagador, e ele nem mesmo podia chegar à frente da igreja. Teve a idéia de cantar este hino para chamar a atenção da multidão barulhenta – e funcionou. Quando começou a cantar, marcando o ritmo na capa de trás da Bíblia, as pessoas se apertaram umas contra as outras no corredor e abriram espaço para que ele chegasse à plataforma. O título do cântico diz tudo – eles ansiavam ver seu Senhor voltando, e agora nós temos o mesmo anseio.

Aqui está o hino que Tiago White cantou. Que a Sua vinda seja real em breve.

"Verás teu Senhor voltando,
Verás teu Senhor voltando,
Verás teu Senhor voltando,
Já, já, sem mais tardar.
Ouve a música tocando,
Ouve a música tocando,
Ouve a música tocando,
Soando pelo ar."

Norma J. Collins

CAPÍTULO 1

Guilherme Miller:
"Hoje, Hoje e Hoje, Até que Ele Venha"

Com o rosto vermelho e ofegante, devido ao galopar desenfreado no cavalo mais rápido de seu pai, o rapaz bateu diligentemente à porta dos fundos da casa de Miller. Guilherme Miller escancarou a porta diante de seu sobrinho, Irving Guliford, filho de sua irmã.

– Irv! – exclamou Miller, alarmado. – O que você está fazendo aqui, tão cedo? Algum problema? Como vão seus pais?

Por que estaria Irving ali tão cedo?

– Não, não, tio Guilherme – respondeu apressadamente o rapaz. – Está tudo bem. Mas papai me enviou com um recado, e ah!, tio Guilherme, ele me deixou vir com o seu novo cavalo. Como ele é rápido! Sabe, nós voamos como o vento!

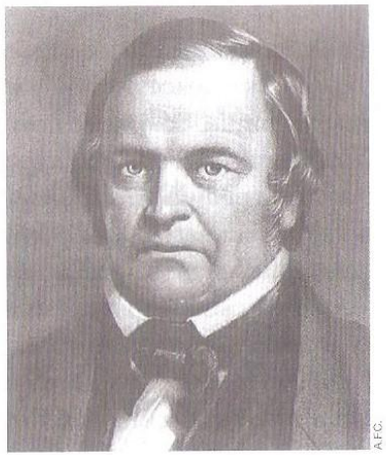
– Irv – disse Miller com ar grave, ainda um tanto apreensivo. – Qual é o recado?

– Ah, desculpe – disse Irving. – Não haverá pregador amanhã em nossa igreja e papai quer saber se o senhor pode ir e falar aos nossos vizinhos sobre as profecias que está estudando. O senhor vai?

Nada teria sido um choque maior para Miller. Sem uma palavra, disparou para fora de casa e correu até uma pequena elevação, entrando num bosque que se havia tornado seu refúgio. Ele não queria pregar. Achava que não conseguiria. Mas, após uma terrível luta com Deus, o fazendeiro que entrara no bosque saiu de lá como pregador. Humildemente foi para casa com seu sobrinho. No dia seguinte, em Dresden, a 25 quilômetros de sua casa, pregou seu primeiro sermão sobre a segunda vinda de Cristo.

***

Sendo o mais velho de 16 irmãos, Guilherme trabalhava arduamente ajudando o pai a administrar a fazenda, mas sua grande paixão era ler e aprender. A família possuía somente três livros: a Bíblia, o Saltério e um Livro de Orações – livros que o jovem Guilherme lia repetidas vezes. Mas chegou o tempo em que ele quis mais, e assim saiu pedindo livros emprestados de qualquer pessoa da vizinhança que os possuísse. Tinha uma curiosidade insaciável de aprender.


A.F.C.

Guilherme Miller, assim como Abraão Lincoln fez muitos anos mais tarde, permanecia acordado depois que a família ia para a cama, e então lia até de madrugada. As velas eram caras demais para ser desperdiçadas com uma frivolidade como ler noite adentro, mas havia abundância de nós de pinho, e tudo o que ele precisava fazer era juntá-los no bosque. Assim foi que Guilherme formou o hábito de queimar nós de pinho na lareira como iluminação para sua leitura noturna.

Sua mais elevada prioridade era ter certeza de que haveria fartura de nós de pinho à mão para suas excursões pelo mundo dos livros. Sempre atento a tocos de pinho que produzissem boa luz, ele os recolhia e cortava em pedaços para que servissem às exigências de sua iluminação noturna. Providenciou até um esconderijo especial onde estocava os pedaços de pinheiro.

Certa noite, quando Guilherme ficou um pouco mais velho, seus nós de pinho causaram um problema. Seu pai, também chamado Guilherme, achava que as leituras noturnas prolongadas do filho roubariam sua energia e eficiência para o trabalho do dia seguinte. E a fazenda exigia todo minuto de trabalho que ele pudesse obter do filho. Por isso, insistia para que Guilherme se recolhesse para dormir ao mesmo tempo que os demais membros da família. E até onde o pai sabia, o garoto dormia profundamente a noite toda, assim como os demais.

As "escapadas" de Guilherme para ler continuaram por algum tempo. Noite após noite, lia por tanto tempo quanto se atrevia a fazê-lo, e então subia para o andar de cima – evitando o degrau que rangia – e dormia até que chegasse a hora das tarefas matutinas.

Mas certa noite aconteceu algo que ele não imaginara. Seu pai acor-

dou e notou uma claridade no piso térreo. Achando que fosse um incêndio em casa, desceu correndo pela escada a fim de salvar das chamas o lar e a família. Só que, em vez de uma casa incendiando, ele viu o filho Guilherme deitado pacificamente diante da lareira, lendo algum livro que havia pedido emprestado de um vizinho. O pai pegou o chicote do cavalo e saiu perseguindo o filho em volta da sala, usando palavras das quais Guilherme se lembraria por algum tempo: "Rapaz, se você não for para a cama agora mesmo, vou lhe dar uma surra de chicote!"

Guilherme subiu imediatamente para dormir, pelo menos naquela noite. Na realidade, o que ele estava querendo era apenas obter instrução – uma educação mais abrangente do que a que podia receber dos professores que iam à sua comunidade durante três ou quatro meses no inverno, davam algumas aulas e seguiam para outro lugar.

Foi o aprendizado por conta própria que deu a Guilherme a distinção de ser considerado o "escrevinhador geral" da comunidade. E o que era um escrevinhador geral? A maioria das pessoas daquela região pouco sabia em termos de leitura e escrita, e um jovem que quisesse dizer algo especial a uma moça não tinha as palavras certas à disposição para impressioná-la. Assim, esses jovens pretendentes procuravam Miller, descreviam a garota que queriam conhecer melhor, e Guilherme escrevia palavras e frases floreadas que tocavam o coração da garota. O pretendente fazia chegar o bilhete ou poema à jovem de sua escolha, como se fosse uma criação sua, e às vezes conquistava o lindo coração.

Lucy, Seu Amor

Crescer numa região isolada como Low Hampton era uma experiência solitária. Finalmente, Guilherme encontrou um emprego de verão em Poultney, Vermont, a alguns quilômetros de Low Hampton. Lá conheceu a senhorita Lucy Smith, e a partir de então freqüentemente encontrava pretextos para visitar Poultney. A senhorita Smith correspondeu ao interesse romântico e aceitou casar-se com Guilherme.

Mudaram-se logo para a cidade dela e, maravilha das maravilhas, Poultney tinha uma biblioteca! Era a primeira vila de Vermont a ter uma biblioteca pública, gratuita, e lá Guilherme era freqüentemente encontrado, lendo para satisfazer seu coração. Lucy sabia que se havia casado com um rapaz da zona rural, e achou que, quanto mais ele lesse, mais refinado se tornaria, e melhor marido e pai seria. Incentivava seu amorzinho a ir à biblioteca sempre que pudesse. Infelizmente, parece que aquela biblioteca o pôs em contato com os escritos de Voltaire, David Hume, Thomas Paine e Ethan Allen – todos considerados grandes escritores deístas. Guilherme deu as costas à religião e começou a assimilar a filosofia do deísmo. (Os deístas crêem que Deus criou o Universo de acordo com certas leis de causa e efeito, colocou algumas pessoas neste mundo, colocou-o para funcionar e depois perdeu o interesse por ele.)

Guilherme começou a se reunir com um grupo de deístas em Poultney. Suas dúvidas acerca da Bíblia ficaram cada vez mais sérias, até que ele finalmente concluiu que "a Bíblia era tão-somente a obra de homens astutos, e eu a descartei por isso mesmo". Ele permaneceu deísta por doze anos.

A despeito de seguir idéias deístas, Guilherme Miller era um homem de princípios elevados, imparcial e justo. Seus vizinhos e amigos gostavam dele e nele confiavam. Envolveu-se com a política, uniu-se aos maçons e se tornou um democrata atuante. Ano após ano, era eleito para funções locais como juiz de paz, policial e subdelegado. Progredindo cada vez mais, ele era um jovem a caminho de se tornar um dos mais eminentes cidadãos de Poultney.

Em 1987, mais de mil documentos – todos escritos à mão pelo próprio Guilherme Miller – foram encontrados num barril no sótão de sua casa em Low Hampton. Datados da época em que Miller era juiz de paz, os papéis vão desde empréstimos e reembolso dos empréstimos, comprovantes de recolhimento de impostos e ordens de captura até qualquer outra coisa que um juiz de paz possa ser chamado a julgar. Permaneceram guardados nesse barril por volta de 150 anos, sem que ninguém tivesse conhecimento do precioso conteúdo histórico.[1]

Guerra e Amor

Guilherme e Lucy Miller viviam bem, embora ele houvesse se desinteressado pela religião. Então, o mundo deles mudou. Veio a guerra de 1812 e, embora Miller não tivesse interesse em religião, ainda nutria um forte senso de patriotismo, dever e honra. Naturalmente, quando o presidente dos Estados Unidos convocou homens para defender a honra da nação, Guilherme apresentou-se como voluntário – assim como seu pai havia feito durante a Guerra da Independência.

Um fato revela exatamente o quanto a comunidade de Poultney

estimava Guilherme. Um dos seus deveres era recolher impostos. Ele deve ter sido um coletor justo e razoável porque, quando o presidente anunciou a necessidade de voluntários para defender os Estados Unidos, 47 homens de Poultney disseram que iriam sob uma condição. Essa condição era que Guilherme Miller – coletor municipal de impostos, recenseador, subdelegado e várias outras coisas – fosse indicado como o comandante deles. O rol original daqueles 47 homens que assinaram seu nome para ir à guerra com o Capitão Guilherme Miller agora se encontra pendurado na casa de Guilherme Miller, em Low Hampton, Nova Iorque.

Antes que Guilherme deixasse Lucy e seu lar para ir à guerra, os dois combinaram em escrever um para o outro pelo menos uma vez por semana. Mas Lucy não era bem a fiel escritora de cartas que seu esposo imaginava. Longe de casa, perto da fronteira com o Canadá, ele não recebia notícias de Lucy com a freqüência combinada. Assim, escreveu para ela esta carta:

"Querida Lucy: Você já partiu desta vida? Ou está tão ocupada que não possa dedicar uma hora por semana ao seu humilde servo? As seguintes palavras são as que você me escreveu não faz muito tempo. A saber: 'Se viva estiver, eu lhe escreverei semanalmente e colocarei uma carta no correio todas as segundas-feiras de manhã.' Desde o meio-dia de quarta-feira tenho andado vestido de luto. 'Porventura verei minha Lucy de novo?', tenho perguntado com freqüência. Ah, não! Ela não me contaria uma falsidade. Deve ter morrido. O que posso escrever se ela se foi? Nada posso escrever; ela não me ouve. Só posso escrever aos meus filhos, em cujas mãos espero que esta carta caia. Queridos filhos, vocês perderam sua mãe e dentro de pouco tempo seu pai deve segui-la; talvez, antes que recebam esta carta, ele já não exista. Preparem-se, meus filhos, para encarar as carrancas do destino e aprendam, em sua juventude, a repelir os dardos da adversidade. ...

"Se Lucy não existir mais, ou se ela se esqueceu de Guilherme Miller, então esta carta se dirige a Guilherme S. Miller, seu filho mais velho."

Tudo indica que esse bilhete foi suficiente para fazer com que a caneta de Lucy voltasse a funcionar.

Como capitão do exército dos Estados Unidos, Guilherme estava na batalha de Plattsburg quando uma bomba explodiu a menos de um metro dele e de três outros homens. Os outros sofreram ferimentos, mas Miller escapou ileso. Naquele notável momento, com a batalha ainda sendo travada, ele não teve tempo para filosofar. Não conseguia esquecer o incidente com a bala do canhão, e por fim entendeu que o Deus do Céu o havia protegido.

O Dom da Reconciliação

Guilherme Miller não recebera apenas o dom de uma mente perspicaz e inquiridora, mas parece ter tido também o dom da reconciliação. Possuía uma capacidade maravilhosa de persuadir as pessoas a colocar de lado suas diferenças e trabalhar lado a lado.

Dois homens do seu regimento haviam crescido na mesma região, e tinham sido amigos íntimos. Durante a guerra, permaneceram amigos e procuravam um ao outro. Algum tempo mais tarde, os dois soldados foram transferidos para perto da fronteira canadense – provavelmente próximos um do outro – e um grande desentendimento lhes destruiu a amizade. Sabendo quão chegados haviam sido e quão infelizes estavam por se haverem tornado inimigos, é possível que seus familiares tenham sugerido que procurassem o Capitão Miller e lhe pedissem que fosse o seu mediador. Afinal, ambos o tinham em alta estima. Em algum ponto, no fundo do coração, eles devem ter desejado ser amigos outra vez, pois concordaram com o plano.

Sem outro meio de transporte, os dois ex-amigos foram a pé até a fazenda de Miller para pedir-lhe que os ajudasse a desfazer suas diferenças. Tão grave era o seu desentendimento que, em vez de fazerem o percurso juntos, na realidade foram por caminhos diferentes, cada um viajando sozinho, acompanhado apenas de seus pensamentos hostis.

Naturalmente, o Capitão Miller ficou alegre por vê-los, mas triste porque se haviam tornado inimigos tão rancorosos. Enquanto ele ouvia suas histórias, o Deus a quem ele não reconhecia lhe deu sabedoria para despertar o bom senso e a justiça deles. Depois de passarem alguns dias na fazenda de Miller, e haverem tido sem dúvida várias conversas com o bom capitão, os dois viajaram para casa juntos, como bons amigos.

Em outra ocasião, quando um dos partidos políticos locais pediu permissão para realizar seu piquenique do dia quatro de julho na propriedade de Miller, ele persuadiu a comissão a convidar o outro partido político para participar também da recreação. Assim, o dia do piquenique na fazenda de Miller tornou-se um evento festivo, em vez de político.

Aparentemente, ele possuía outro dom – o de imitar os outros tanto na voz como nos gestos. Ele usou esse "dom" para divertir seus amigos à custa de vários religiosos conhecidos, incluindo seu avô Phelps e seu tio Eliú. É bem provável que seu humor não se limitasse ao clero, o que demonstra que, mesmo sendo estudioso e sério, ele tinha uma boa veia humorística. Essa não é exatamente a imagem que em geral temos de Guilherme Miller.

O Sermão que Mudou a Vida de Miller

Após a morte do pai de Miller, Guilherme e Lucy se mudaram para Low Hampton, a fim de que ele pudesse ficar perto da mãe e cuidar dela. Conquanto os anos na guerra o tivessem levado a começar a questionar os ensinos do deísmo, ainda assim ele não cria num Deus que Se interessasse pessoalmente em cada um dos Seus seres criados.

Cristã devota, a mãe freqüentava a igreja todas as semanas. Para agradá-la, Guilherme às vezes ia à igreja também. Afinal de contas, um deísta ia à igreja para que pudesse ser visto como honrado e íntegro na comunidade. E Miller queria a esposa e os filhos na igreja. Era a coisa certa a fazer. Além disso, não se incomodava de ouvir o tio Eliú falando aos domingos.

Mas quando o tio Eliú era chamado a pregar em uma de suas outras igrejas, os diáconos tinham de fazer rodízio para ler os sermões de um livro. Os diáconos não tinham muita instrução e não liam muito bem, e Miller achava um tédio ouvi-los. Quando sabia que seu tio estaria ausente do púlpito, Guilherme não ia à igreja com a mãe.

Num domingo, ela perguntou por que ele não iria, e ele explicou que lhe era um verdadeiro castigo ouvir as trôpegas tentativas de alguns dos homens solicitados a ler. Disse que, se ele pudesse ler os sermões, então certamente estaria lá.

É claro que a Sra. Miller fez o que qualquer mãe faria naquelas circunstâncias: Informou à comissão de diáconos que seu filho Guilherme estava disposto a ler os sermões nos dias em que o pregador se ausentasse. Os diáconos ficaram encantados. Para eles, era um castigo também. A partir de então, quando o tio Eliú estava em alguma de suas outras igrejas, os diáconos escolhiam o sermão do domingo e Guilherme Miller se comprazia em lê-lo.

As coisas continuaram nesse ritmo por algum tempo – Miller ainda apegado a suas idéias deístas e, embora pouco à vontade, lendo os sermões no domingo. Ele ainda considerava as Escrituras tão-somente escritos de homens.

No dia 15 de setembro de 1816, os diáconos escolheram a leitura intitulada "A Importância dos Deveres Paternos", um sermão escrito por Alexander Proudfit. Enquanto Miller lia em voz alta, de repente se desfez em prantos, tão vencido pela emoção que não pôde prosseguir. Foi obrigado a entregar a leitura a um dos incultos diáconos e tomar seu assento na congregação.

Nesse sermão, o Sr. Proudfit fala da maneira como se deve educar as crianças. Mostra que, se desejamos que nossos filhos creiam em Deus, nós devemos crer. Se queremos que creiam no valor da oração, nós mesmos devemos crer na oração. Se desejamos que tirem algum proveito do culto, devemos estar lá esperando extrair algo dele, em vez de ficar só de corpo presente.

Foi provavelmente nesse ponto que o Espírito Santo pôde alcançar Guilherme Miller. Deus sabia que ele não cria na oração, embora estivesse presente nos momentos de oração em sua casa e na igreja. Sabia que ele não acreditava que houvesse algum valor em ir à igreja, mas assim mesmo estava lá. Não acreditava no estudo da Bíblia nem em qualquer coisa que tivesse a ver com a vida cristã. Para um deísta de pensamento lógico e racional, esse seria um ponto provável mediante o qual o Espírito Santo fizesse contato com ele. Miller pôde ver a incoerência de sua própria vida.

Pouco depois dessa experiência, Miller escreveu: "Subitamente, a idéia de um Salvador me impressionou a mente com toda a força. Pareceu-me que poderia haver um Ser tão bom e compassivo a ponto de tornar-Se, Ele mesmo, expiação por nossas transgressões, e assim salvar-nos de sofrer a penalidade do pecado. Imediatamente senti quão amorável seria um Ser como esse; e imaginei que poderia lançar-me nos Seus braços e confiar na misericórdia de alguém assim."

Mais tarde, ele disse: "Deus me abriu os olhos; que Salvador eu descobri que Jesus é!"

Ele foi forçado a admitir que a Bíblia apresentava um Salvador exatamente assim como ele precisava, e que "as Escrituras devem ser uma revelação de Deus".

Ele afirmou: "As Escrituras tornaram-se meu deleite, e em Jesus encontrei um Amigo." A Bíblia passou a ser seu principal estudo, e ele a esquadrinhou diligentemente.

Enquanto passava por toda essa mudança, Miller refletiu acerca da bala de canhão que explodira tão perto dele sem feri-lo. Não chegou a outra conclusão senão a de que há um Deus que Se interessa por nós como indivíduos; há um Deus que toma interesse nos negócios das nações. E, sim, há um Deus que vai em busca de cada pessoa e que amava pessoalmente a ele, Guilherme Miller.

Começando com Gênesis 1:1, ele passou a estudar a Bíblia em cada momento livre. Não usou comentários e dicionários bíblicos ou ainda livros acerca das Escrituras. Queria tão-somente descobrir que tipo de Deus a própria Bíblia revela.

Durante os dois anos seguintes – de 1816 a 1818 – usando apenas a Bíblia e a *Concordância de Cruden*, Miller estudou as Escrituras. Quando encontrava uma palavra que não entendia, ele a procurava na concordância e, depois, em cada texto que mencionava aquela palavra. Após ter examinado todas as palavras em seu contexto, ele sabia como a Bíblia usava aquela palavra.

Foi durante essa época que Miller descobriu a profecia dos 2.300 dias de Daniel 8:14: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado." Enquanto estudava, ponderava e permitia que o Espírito Santo o guiasse e chegou à conclusão de que a Terra era o santuário a ser purificado por fogo quando Jesus voltasse.

Ele havia se apaixonado por Jesus e pela Bíblia! Expressou-se assim: "Vi que a Bíblia apresentava um Salvador exatamente como o de que eu precisava, e fiquei perplexo ao descobrir como um livro não-inspirado podia expor princípios tão perfeitamente adaptados às necessidades de um mundo caído. Fui compelido [forçado!] a admitir que as Escrituras devem ser uma revelação de Deus. Elas tornaram-se meu deleite, e em Jesus encontrei um Amigo."

O profundo amor por seu novo Amigo, Jesus Cristo, foi a força que o susteve quando começou a pregar a breve volta de Jesus. Enquanto estudava as Escrituras, chegou à conclusão de que Jesus voltaria dentro de uns 25 anos. Jesus, seu Amigo recém-encontrado, retornaria à Terra dentro de aproximadamente 25 anos! Sendo um homem honesto, Miller estudou e reestudou suas descobertas. Em 1818, havia concluído que Cristo voltaria em 1843, aproximadamente.

Durante os treze anos seguintes, cresceu sua convicção de que devia contar a outros sobre a breve volta de seu melhor Amigo, Jesus, mas não queria sair de sua casa para pregar. Não queria ser ridicularizado, ser motivo de piadas. Assim, ele tinha um monte de motivos para não se expor em público. Finalmente, chegou ao ponto em que se dispôs a conversar com as pessoas, uma a uma, mas continuava sem disposição de levantar-se e pregar diante de um auditório.

Ele Não Falava de Outra Coisa

Foi nessa época que um médico da vizinhança começou a dizer que Guilherme Miller era monomaníaco. Já comentei que ele era muito respeitado e apreciado na comunidade; por isso, provavelmente o médico não tivesse mesmo a intenção de ser maldoso. Ele simplesmente não gostava de ouvir uma pitada que fosse das descobertas de Miller sobre a Bíblia, e ficou conhecido por dizer algo neste teor: "Todos nós gostamos do Esquire Miller [um título respeitoso], mas quando ele começa a falar do seu negócio de profecias, não é nada mais que um monomaníaco."

Em outras palavras, quando tinha chance, ele ia longe com esse negócio de profecia. É claro que o perigo de dizer coisas por trás das costas de alguém é bem conhecido – alguém acabaria lhe contando o que estava sendo dito. E foi isso que aconteceu.

Já vimos um pequeno exemplo do senso de humor de Miller naquela troca de cartas com sua esposa. Vejamos como ele lidou com a situação do médico que dissera que ele era um monomaníaco das profecias.

Com dez filhos na família, não demorou muito para que um deles ficasse doente, e esse mesmo médico foi chamado para examinar a criança. Ele cuidou do menino e estava prestes a sair rapidamente. Com certeza não queria entrar em discussão com o Esquire.

Mas lá estava Miller ao lado da porta, com aparência de enfermo. Na verdade, empenhando-se em fingir que estava na pior condição possível.

O doutor perguntou se havia algo errado com ele, e Miller admitiu que talvez houvesse, mas não sabia exatamente o quê. O médico verificou seu pulso, que parecia normal. Então perguntou a Miller o que ele achava que seria o problema.

– Bem – respondeu Miller –, não tenho plena certeza, mas poderia acontecer de eu ser um monomaníaco? – O médico ficou parecendo um arco-íris.

E Miller prosseguiu: – Doutor, o senhor identificaria um monomaníaco se realmente visse um?

– Claro! Acho que sim.

– Então eu gostaria que o senhor me examinasse para descobrir se realmente sou monomaníaco. Se sou, quero receber tratamento para o caso – para minha paz de espírito, para minha saúde mental.

Não houve escape para o pobre e embaraçado médico. Como fazer um exame para diagnosticar tal incômodo? Enquanto ele procurava uma forma de passar pelo Sr. Miller e sair pela porta, ouviu Miller dizendo: – Ah, doutor, e sinta-se à vontade para cobrar o preço costumeiro por esse exame.

Naturalmente, Miller sabia que o único jeito de o doutor X examiná-lo para diagnosticar essa enfermidade específica seria se o próprio Miller desse ao médico um estudo bíblico. Ele estava tão preocupado com a salvação daquele homem que achou válido pagar o exame para poder sentar-se com ele e descrever, a partir de Daniel, por que achava que a profecia dos 2.300 dias estava para terminar e Jesus a ponto de retornar.

O escape parecia impossível. Por fim, o doutor se sentou e Miller passou um por um daqueles textos familiares de Daniel. Aos poucos, enquanto decifravam a cronologia, o doutor X viu que aquilo não era simplesmente um amontoado de mistificações. Realmente fazia sentido. Ficou tão agitado que deu um salto e correu porta afora. Guilherme Miller sorriu diante da expectativa de seu encontro seguinte – que aconteceu mais cedo do que ele esperava.

No dia seguinte, bem cedinho, ouviu-se uma batida à porta. Quando Guilherme viu que era o médico, exclamou: – Doutor, parece que o senhor não pregou o olho a noite inteira!

– Não, realmente não consegui dormir – respondeu o médico. – Se tudo o que você me disse é verdade, quero saber mais. Não estou pronto para ir para o Céu. Você precisa estudar comigo até que eu saiba tudo o que é possível saber.

Assim, o Dr. X e o Sr. Miller combinaram em fazer mais estudos bíblicos. No fim dos estudos, o médico se foi jubiloso – tão monomaníaco acerca das profecias quanto o próprio Guilherme Miller.

Acontece que Miller não estava disposto a tornar públicas as suas descobertas. Com as aguilhoadas do Espírito Santo, crescia a certeza de que ele deveria – na verdade, precisava – contar aquilo ao mundo. Mas quem, raciocinava ele, ouviria um fazendeiro pregando que Jesus voltaria em breve?

Às vezes, o Senhor precisa começar a convencer Seus filhos de algo

que devem realizar, bem antes do tempo em que aquilo tem de ser feito. Por treze anos, o Espírito Santo vinha insistindo para que ele compartilhasse suas descobertas de que Jesus voltaria logo. Miller ainda resistia, indo e vindo, sem a disposição de entregar-se à pregação das boas-novas de sua descoberta.

Mas o Espírito Santo não permitiria que ele saísse livre daquela situação. Enquanto cuidava dos seus afazeres, Miller ouvia continuamente as palavras lhe soando aos ouvidos: "Vá e informe o mundo de seu perigo."

Cedendo, por fim, desesperado, ele disse ao Senhor que iria e pregaria se alguém lhe pedisse. Sentiu-se perfeitamente seguro ao fazer essa promessa, porque tinha certeza de que ninguém convidaria um fazendeiro de 50 anos para pregar sobre a segunda vinda do Senhor. Mas o relógio de Deus tiquetaqueava. Havia chegado o momento, e Deus tinha uma surpresa para Miller.

Imagine: apenas meia hora depois daquela promessa ao Senhor, o sobrinho Irving Guliford bateu à porta com o convite para que Miller fosse a Dresden e pregasse.

E lá, no bosque, assim como Jacó na antiguidade, Miller lutou e argumentou com o Senhor. Prometera que iria se fosse convidado, mas não esperava ser convidado! Agora procurava escapar de sua promessa ao Senhor.

Por fim, a razão prevaleceu. Mesmo como deísta ele havia sido um homem de palavra, e Deus certamente sabia disso. Qualquer coisa que ele prometesse, procurava cumprir. Finalmente cedeu, prometendo a Deus que, se o Senhor o sustentasse, ele iria. Era Deus, e não o próprio Miller, quem queria que ele pregasse.

No dia seguinte, em Dresden, pregou seu primeiro sermão sobre o segundo advento. O local da reunião estava repleto e o auditório atento. A princípio, Miller não se sentiu à vontade e estava nervoso, mas, tão logo começou a falar, seu desconforto desapareceu.

O interesse foi tão grande que o povo de Dresden lhe pediu que ficasse ao longo da semana e desse palestras todos os dias. A cada dia que passava, mais pessoas chegavam de cidades vizinhas para ouvir as boas-novas de que Jesus voltaria logo. Aquele foi o início de um reavivamento no qual todos os membros das 13 famílias se converteram, com exceção de duas pessoas.

Ao voltar para casa, na semana seguinte, Miller encontrou uma

carta de um pastor de Poultney, Vermont, pedindo-lhe que falasse na sua igreja sobre o mesmo assunto. Esse pastor não ouvira falar da experiência de Dresden, e dali para a frente choveram convites para que o fazendeiro de 50 anos de idade pregasse sobre a segunda vinda de Jesus. Espalhou-se a notícia de que, se um pastor quisesse realizar uma grande série de reavivamento, Guilherme Miller era o homem que atrairia as multidões com bons resultados.

A reputação de Miller como "a maior influência evangelística no nordeste dos Estados Unidos entre 1840 e 1844" é bem merecida. Mas homem algum é uma ilha, e ele não agiu sozinho.

Às Grandes Cidades

Josué V. Himes entrou em cena em 1839. Ouvira Miller pregar e creu na sua mensagem. O próprio Himes continuaria espalhando essa mensagem até sua morte, aos 91 anos de idade. Miller foi apenas às cidades e vilas para onde havia sido convidado. "Mas o que dizer das grandes cidades?", era a pergunta de Himes. Ele indagou se Miller pregaria nas metrópoles, caso fosse convidado, e a resposta foi afirmativa.

Himes demonstrou-se um gênio em relações públicas. Deu início à publicação milerita *Signs of the Times* [Sinais dos Tempos] e editou *Millennial Harp*, uma coleção de hinos referentes ao segundo advento. Manteve uma coluna de jornal que relacionava todas as falsidades acerca dos ensinos de Miller, e incentivava as pessoas a enviar reclamações e evidências de falsos ensinos. Era um organizador por excelência e deu ao movimento milerita a estrutura e liderança necessárias ao se tornar ele uma força poderosa dirigida pelo próprio Deus.

Outro entre os seguidores de Miller foi Josias Litch – um pregador metodista cuja vida foi transformada quando ouviu a mensagem do breve retorno de Cristo. Litch tornou-se o principal teólogo milerita, escrevendo panfletos e livros, e editando um dos jornais do advento, *Trumpet of Alarm*.

E houve outros. O milerismo era um esforço de equipe. Seus líderes representavam diferentes estados, diferentes igrejas e diferentes tipos de personalidade. Cada pessoa prestava alguma contribuição significativa ao movimento. Assim, fazia o seu melhor para preparar o povo para o breve retorno de Cristo.

No início deste capítulo aparece uma foto de Guilherme Miller, mas

algumas palavras podem acrescentar compreensão à seguinte história: Quando ele tinha uns 62 anos de idade, Miller era descrito como tendo altura mediana e estando um pouco obeso. Tinha olhos azuis que contemplavam as pessoas com uma expressão de calorosa bondade. Mesmo aos 62 anos, seu cabelo não era grisalho, mas de um castanho levemente avermelhado. Sua voz era forte e distinta. Mas sua cabeça balançava, como se ele tivesse paralisia. Sua roupa era simples e comum.

Certo pastor, Timothy Cole, em Lowell, Massachusetts, tendo ouvido sobre a obra de Miller e seus resultados, convidou-o para pregar em sua igreja. Nunca havia visto Miller, e esperava ver um cavalheiro elegantemente vestido quando foi à estação recebê-lo. Tinha ouvido que Miller usava uma capa de pêlos de camelo e chapéu branco.

Na estação ferroviária, Timothy Cole se pôs na plataforma inspecionando atentamente todos os que desembarcavam do trem. Nenhum homem se encaixava na imagem do Sr. Miller. Finalmente, observou a última pessoa a descer do trem – um homem velho e trêmulo.

Não, não, pensou ele. *Não! Esse não pode ser Guilherme Miller.*

Mas... aquele homem usava um chapéu branco e uma capa de pêlos de camelo. Temendo que aquele pudesse mesmo ser o Sr. Miller e, nesse caso, lamentando tê-lo convidado para falar em sua igreja, Cole aproximou-se e cochichou ao seu ouvido: – Seu nome é Miller?

Miller confirmou, com a cabeça.

Com um suspiro, Cole disse: – Então siga-me.

E ele foi caminhando na frente, deixando o Sr. Miller fazer o melhor que podia para segui-lo, até que finalmente chegaram à casa de Cole. Não houve conversa. Cole sequer perguntou se ele havia feito boa viagem ou lhe agradeceu por ter ido. Nada de bom humor. Cole estava constrangido por ter convidado um homem com a aparência de Miller. Certamente aquele homem pouco conheceria da Bíblia e a palestra seria sobre suas próprias fantasias.

Tiveram provavelmente algum tipo de refeição leve – talvez sopa e sanduíche, com uma xícara de algo quente para beber. Guilherme Miller, tremendo de paralisia, esforçava-se para tomar a sopa sem derramá-la. A conversa foi esparsa, limitada às necessidades mais básicas. Foi uma grande provação para todos os envolvidos. Cole se recriminava mentalmente por ter de lidar com o que considerava um erro, enquanto Miller permanecia sentado à mesa de

seu antipático anfitrião sabendo que não era bem recebido e tentando controlar as mãos trêmulas para não derrubar o alimento e a bebida. Talvez a esposa de Cole tentasse deixar Miller à vontade. Era de se esperar apenas que ela tivesse um pouco mais de compaixão do que seu esposo àquela altura.

Depois de comerem, o Pastor Cole disse ao Sr. Miller que achava que já era hora de ir para a igreja. Novamente saiu andando na frente, sem consideração para com o visitante. Na igreja, Cole mostrou a plataforma para o convidado, mas foi sentar-se com a congregação. Nem mesmo apresentou o orador visitante. Miller estava sozinho, numa congregação estranha, sem apoio do ministro que lhe havia estendido o convite. Era uma situação constrangedora, para dizer o mínimo.

Com sua voz cheia e melodiosa, Miller leu um hino. Depois de ter sido cantado, ele orou e leu outro hino, que também foi cantado. Dizer que ele se sentia desconfortável por ter sido deixado sozinho na plataforma seria uma declaração muito abrandada. Mas ele foi em frente e leu seu texto. Era o preferido dele: "Aguardando a bem-aventurada esperança, e o glorioso aparecimento do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo."

Iniciando seu sermão, Miller se esqueceu de todos os aborrecimentos. Falou com autoridade, provando todos os pontos pelas Escrituras. Timothy Cole ouviu por uns quinze minutos e então, vendo que só a Palavra de Deus era apresentada – com autoridade – e que as Escrituras eram expostas de maneira inteligente, subiu e tomou assento na plataforma.

Teria Timothy Cole sentido vergonha de si mesmo pela maneira deselegante como tratara o servo de Deus? Teria pedido desculpas por sua falta de hospitalidade no púlpito, bem como na sua casa? Se o fez, Guilherme Miller as aceitou, pois era um genuíno cavalheiro cristão.

A questão deve ter sido amenizada certamente, porque Miller falou na igreja de Cole por nove dias naquele mês de maio, e durante outros seis dias em junho. Seguiu-se um maravilhoso reavivamento, e no fim de julho Cole escreveu ao Sr. Miller contando que umas 60 pessoas se haviam unido à igreja.

Timothy Cole aprendeu que não se pode julgar uma pessoa por sua aparência.

No início de 1844, Miller relatou que nos doze anos anteriores havia pregado uns 4.500 sermões diante de pelo menos 500.000 pessoas. Seu principal objetivo era contar às pessoas sobre seu melhor amigo, Jesus. Nada era mais precioso para ele do que o pensamento do breve retorno de Cristo. Embora a crença errada de Miller de que Jesus voltaria em 1843 ou 1844 emprestasse urgência à sua pregação, o tempo não era a sua mensagem principal. Ele anelava que as pessoas aceitassem a Jesus como seu Salvador pessoal e estivessem prontas para encontrá-Lo por ocasião da Sua volta – quando quer que isso acontecesse. Desde o momento de sua conversão – naquele domingo em que leu o sermão na igreja de sua mãe – sua vida girou em torno de estar com Jesus e fazer todo o possível para ajudar outros a estarem prontos para o Seu retorno.

Miller e seus companheiros continuaram pregando, advertindo o mundo sobre a breve vinda de Cristo. Mas o dia 22 de outubro de 1844 chegou e se foi sem o aparecimento do Senhor Jesus. Houve um devastador desapontamento por todas as fileiras.

Na verdade, Guilherme Miller aceitou a data de 22 de outubro só umas duas semanas antes do dia. Em todas as suas pregações, havia sido relutante em dar uma data exata para o segundo advento. Ele pregava a respeito de um preparo constante, fosse qual fosse o dia. E foi esse o teor de uma carta ao seu velho amigo Josué V. Himes, umas duas semanas após o desapontamento:

"Fixei minha mente em outro tempo, e aqui pretendo ficar até que Deus me dê mais luz – e esse tempo é Hoje, Hoje e Hoje, até que Ele venha."

Em 1848, Miller mandou construir uma capelinha[2] na sua fazenda, perto da casa, onde aqueles que continuavam leais à mensagem do advento pudessem prestar culto. A maioria deles havia sido desligada das igrejas em que eram membros, como acontecera com ele mesmo.

Também por volta dessa época, Miller começou a perder a visão. Uma de suas maiores tristezas veio no dia em que não mais pôde ver para ler e escrever. Quando menino, havia lido à luz dos nós de pinho na lareira. Quando se casou e se mudou para Poultney, deleitou-se nos muitos livros que a biblioteca pública oferecia. Por fim, podia ler tudo o que quisesse. E agora o privilégio da leitura de sua amada Bíblia lhe era negado. Sua nora sabia o quanto isso era duro para ele, mas conta que ele nunca se queixou. Seu melhor amigo era Jesus, e Jesus o ajudou a levar sua cruz com graça.

Ele escreveu ao grande amigo Josué V. Himes:

"Seria, na verdade, um tempo triste e melancólico para mim, não fosse pela 'bem-aventurada esperança' de ver Jesus em breve. [...]Embora minha visão natural seja escura, a visão da minha mente se ilumina com uma perspectiva brilhante e gloriosa para o futuro."

Após o desapontamento de 1844, Guilherme Miller nunca esteve realmente bem. A partir de então, sua saúde debilitou-se rapidamente. Às vezes ele melhorava, saindo até mesmo para pregar, mas por fim sua última enfermidade lhe sobreveio.

Quando pareceu que Miller se aproximava da morte, foi enviado um telegrama para Josué Himes. Ele chegou no dia 17 de dezembro e, embora o Sr. Miller estivesse muito doente, reconheceu a voz de Himes. Mal pôde crer que seu velho amigo estivesse ali e exclamava repetidamente: "Ah, é realmente você, Pastor Himes? É mesmo o Pastor Himes? Ah, como fico feliz por vê-lo!" Ele falou da causa do advento, do trabalho que fizeram juntos e encarregou o amigo de ser fiel aos seus deveres.

No seu último dia, Miller não conseguiu falar muito. Mas, de tempos em tempos, emitia expressões como "Poderoso para salvar!", "Ah, como anseio estar lá!" e "Vitória! Vitória!" Podemos apenas imaginar as cenas gloriosas que lhe passavam pela mente. Com certeza, o Senhor estava muito próximo dele durante aquelas horas finais da sua vida. Ele adormeceu em Jesus no dia 20 de dezembro de 1849, sem ver concretizada sua mais cara esperança.

Foi colocado para repousar no cemitério de Low Hampton, a curta distância de sua casa. Lá, ele aguarda o chamado de seu melhor Amigo. Em sua lápide aparece a citação de Daniel 12:13: "Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança."

Ellen White, a quem foi mostrada a recompensa final de Deus a Seu dedicado servo, escreveu: "Anjos vigiam o precioso pó deste servo de Deus, e ele ressurgirá ao som da última trombeta."

No grande dia da ressurreição, Miller realizará o desejo do seu coração: ver seu Senhor voltando e estar com seu Amigo Jesus.

***

O Sr. Frenologista

Um frenologista era supostamente capaz de "ler" as saliências na cabeça de uma pessoa, e a partir daí revelar seu caráter e habilidades. Isso era algo muito popular no início dos anos 1800, e aparentemente inofensivo. Com freqüência, aparecia um frenologista e reunia um auditório para realizar tais demonstrações.

Guilherme Miller era um homem com uma missão – a missão de contar aos outros que Jesus voltaria em breve. Ao longo do caminho, encontrou muitas pessoas interessantes e passou por diversas experiências. Certa ocasião, em 1842, um recém-converso convenceu Miller a ir até um frenologista.

Enquanto o frenologista examinava a cabeça do seu desconhecido cliente, começou a brincar acerca de como ele achava que seria a cabeça de Guilherme Miller. Sabendo que o homem que havia levado o cliente anônimo era milerita, o frenologista declarou: "O Sr. Miller não conseguiria converter facilmente este homem com as suas baboseiras. Este aqui tem muito bom senso para isso."

O examinador concluiu que aquela esplêndida cabeça era justamente o oposto do que seria a cabeça de Miller. O auditório sorriu enquanto ele exclamava: "Ah, como eu gostaria de examinar a cabeça do tal Sr. Miller. Eu lhe daria um bom aperto!"

Sabendo quem era o cliente, aqueles que assistiam ao procedimento passaram a rir. O frenologista participou alegremente do riso, achando que todos estavam apreciando suas piadas. Quando terminou o exame e preparou o gráfico, disse ao cliente: – E qual é o seu nome, senhor?

O pobre homem já se havia colocado no papel de bobo, e Miller não quis embaraçá-lo ainda mais, de modo que disse com modéstia: – O nome não é importante.

Mas o Sr. Frenologista insistiu. Precisava colocar o nome no gráfico.

– Muito bem – veio a relutante resposta. – Pode me chamar de Miller.

– Miller, Miller – murmurou o Sr. Frenologista, enquanto preenchia o registro. – E qual é o seu primeiro nome?

– Bem, o pessoal me chama de Guilherme Miller – respondeu ele em voz baixa.

– O quê? O cavalheiro que faz conferências em Boston?

– Sim, senhor; o próprio.

Diante disso, o frenologista ficou pálido, deixou-se cair na cadeira e não teve mais palavras para dizer.

CAPÍTULO 2

Hiram Edson:
Pregador e Operador de um Milagre de Cura

Ofélia olhou para seu pai toda esperançosa e perguntou: – Por favor, papai, posso ser batizada hoje à noite?

A série de reuniões de reavivamento a que ela e o pai assistiam estava para encerrar-se. O pai percebia quão ansiosa estava ela, mas o clima extremamente frio o fez hesitar. – Agora, Ofélia – disse ele com amor –, já está muito tarde. São três ou quatro quilômetros para ir até o lago num trenó aberto, depois voltar, e ainda temos outros vinte quilômetros até nossa casa. Esta é uma das noites mais frias que já tivemos. Além disso, está congelado nas margens.

Ofélia estivera ouvindo os sermões dos ministros e sentia que precisava ser batizada antes de voltarem para casa. O Espírito Santo lhe tocara o coração, e ela não queria esperar outro dia.

– Está certo – disse ela, ansiosamente. – Sei que está muito frio, mas posso agüentar. Eu realmente quero ser batizada hoje à noite. Por favor, papai! Isso significa muito para mim.

Um dos ministros, em pé ali perto, ouviu a conversa. Notando a ansiedade no rosto de Ofélia voltado para cima e seu óbvio anelo de fazer uma demonstração pública de seguir a Jesus, ele se voltou para o pai dela. – Irmão Edson – disse –, para mim será uma alegria ir ao lago com o irmão e sua filha e batizá-la. Creio que o Senhor nos protegerá de quaisquer efeitos nocivos do frio.

Assim, o Sr. Edson, a filha e o amigo foram até o lago gelado. Com uma machadinha afiada, quebraram gelo suficiente para poder entrar na água. Ali, num frio extremo, apenas com uma lanterna para iluminar, Ofélia foi batizada, disposta a entregar a vida a Jesus.

Voltando para o local das reuniões, Ofélia e seu novo amigo vestiram roupas secas e quentes. Ela se sentia extremamente feliz porque o ministro se dispusera a sair no tempo frio e entrar na água gelada para atender o desejo do seu coração. Sua felicidade não conhecia limites quando ela agradeceu repetidamente a bondade dele.

As horas tinham passado rapidamente e a maioria dos que estiveram na reunião já havia ido para casa. Agora, bem agasalhados com casacões e cobertores, o pastor, Ofélia e seu pai se acomodaram e voltaram para suas casas. O alegre tilintar dos sininhos dos arreios combinava com as felizes batidas do coração de Ofélia.

Como seu pai havia predito, já era muito tarde quando o cavalo e o trenó entraram na propriedade. E foi mesmo uma viagem enregelante, mas nenhum deles se importava. Cultivavam um relacionamento amoroso, e Ofélia tinha facilidade para conversar com seu pai. Os quilômetros passaram rapidamente enquanto ambos falavam sobre o amor de Jesus e Seus planos para a vida dela.

Já fazia horas que eles haviam comido os lanches que tinham levado, e estavam famintos. A mamãe aqueceu um pouco de comida e fez chocolate quente. Acharam tudo saboroso enquanto estavam sentados à grande mesa da aconchegante cozinha – e quanta coisa tinha Ofélia para contar à mãe! Mamãe também ficou emocionada ao saber que a filha havia dedicado a vida a Jesus.

Esse incidente aconteceu no fim de um reavivamento em 1855, onze anos após o Grande Desapontamento, e nos apresenta Hiram Edson, fazendeiro, ativo leigo cristão e dedicado pai de seis filhos.

O Grande Desapontamento

Hiram Edson era membro da Igreja Metodista no município de Ontário, Nova York, quando ouviu pela primeira vez a mensagem da breve volta de Jesus. Como homem que apreciava andar com o Senhor, seu coração se abriu à voz do Espírito Santo e ele aceitou a mensagem da volta de Jesus. Bom amigo e vizinho, partilhava esse conhecimento recém-adquirido com todos os que se dispunham a ouvir.

Certa noite, Edson afundou pesadamente na sua poltrona em frente ao fogo. Estava cansado, e o calor da lareira lhe fez bem após um longo dia de trabalho. Recostou-se e relaxou, deixando que o calor lhe penetrasse nos ossos. Mas, enquanto ficou ali sentado, pensou no seu vizinho. O homem – vamos chamá-lo de Sr. Brown – estivera moribundo por vários dias, e Edson sentiu crescer a convicção de que havia algo que Deus queria que ele fizesse pelo Sr. Brown. Logo,

aquilo se tornou uma voz quase audível que lhe dizia: "Vá e cure seu vizinho doente."

Edson sabia que o homem estava gravemente enfermo. Na verdade, o médico o havia desenganado. Edson indagou a si mesmo se aquela ordem "quase audível" fora só imaginação. Então, ao refletir sobre a experiência incomum, concluiu que não queria perder uma oportunidade de obedecer a seu Senhor.

Colocando rapidamente as botas e o casaco, apressou-se em ir até a casa do Sr. Brown. Quando ninguém respondeu à batida na porta, ele entrou, olhando a sala onde vários membros da família cochilavam em suas cadeiras. Entendendo que estavam exaustos por cuidar do enfermo, Edson pegou a vela do seu lugar na mesa do corredor e silenciosamente se dirigiu ao quarto do doente.

O Sr. Brown estava deitado quieto e imóvel no travesseiro branco, sendo quase imperceptível a sua respiração. Edson colocou a mão sobre o ombro do homem e falou as palavras que Deus lhe deu:

"Irmão, o Senhor Jesus lhe restitui a saúde."

Imediatamente, o Sr. Brown abriu os olhos, sorriu, jogou as cobertas de lado e saiu da cama quase saltando. A cor lhe voltou à face. Seus braços e pernas, anteriormente fracos, estavam fortes. Para o deleite de Edson, o homem andou pelo quarto, bradando louvores a Deus. O Senhor o havia curado por completo!

A família adormecida despertou ao som das altas vozes, e todos foram correndo ver o que acontecia. A esposa tinha certeza de que seu esposo falecera. Os filhos tinham certeza de que o pai havia morrido. Mas não! Ele estava muito vivo, louvando ao Senhor por Seu poder de cura. Eles mal sabiam como reagir!

Mas Hiram Edson sabia o que fazer. Dirigiu a família toda numa jubilosa oração de louvor e ação de graças. A presença do Espírito Santo foi tão evidente no quarto que vários membros da família se converteram ali, naquele momento. Passaram a crer em Jesus como o Filho de Deus e dedicaram-Lhe a vida.

A manhã seguinte encontrou o Sr. Brown – que apenas horas antes estivera doente para morrer – ao lado da estrada, cortando lenha. O médico aproximou-se em sua pequena carruagem e, ao ver o paciente cortando lenha, gritou: – É você mesmo, Brown? Esperava encontrá-lo morto.

Podemos imaginar o sorriso do paciente. – Não senhor, doutor. Não estou morto coisa nenhuma. Estou bem porque Deus me curou! – E a vizinhança toda ficou alvoroçada com a notícia.

Haveria uma reunião naquela noite na igrejinha próxima, e Edson preparou a carroça e levou a família e o Sr. Brown até a pequena casa de reuniões. Ficaram surpresos por encontrá-la quase repleta.

A breve mensagem do pastor deixou um pouco a desejar naquela noite, não tendo sido interessante nem proveitosa. Quando ele terminou de falar, deu sem muita ênfase uma oportunidade para que fossem ouvidos testemunhos, e várias pessoas se puseram em pé para louvar ao Senhor, inclusive o Sr. Brown. Mesmo assim, o pastor não parecia ter consciência de que algo incomum estava acontecendo, pois fez o convite num tom apático e monótono. – Se houver alguém aqui que deseja uma oração especial em seu favor, por favor se coloque em pé – entoou ele.

Imediatamente, todos se puseram em pé. Algo maravilhoso havia acontecido naquela comunidade – um amigo e vizinho fora curado por Deus – e um grande reavivamento começou naquela mesma noite. Muitas pessoas experimentaram uma genuína conversão. Deus estava atuando entre elas, e não tinham dúvida quanto a isso. Só faltava que o pastor também tivesse uma renovada experiência com seu Mestre.

Desapontados

Muitas reuniões de oração e louvor se realizaram no espaçoso e convidativo lar de Hiram Edson e família durante as semanas anteriores a 22 de outubro de 1844. Tornara-se o principal lugar de encontro para aqueles que, na região, esperavam a breve volta de Jesus.

Mas o dia 23 de outubro de 1844 trouxe uma infeliz e sombria manhã para os milhares de mileritas que haviam esperado que seu Senhor voltasse literal e visivelmente à Terra no dia anterior. Haviam encerrado ou passado adiante os seus negócios. Haviam feito o melhor para acertar tudo com Deus, com os vizinhos e com todos os conhecidos. Haviam esperado confiantemente estar, àquela altura, no reino celestial. Em vez disso, seus pés continuavam firmemente plantados no úmido solo outonal, e sentiam-se vencidos pelo desapontamento.

O dia, contudo, guardava um dos mais dramáticos incidentes do movimento adventista, e Hiram Edson esteve diretamente envolvido nele. Mas voltemos ao dia anterior.

O dia 22 de outubro começara claro e limpo sobre a vila de Port Gibson, Nova York. O lar de Hiram Edson ficava a um quilômetro e meio da vila, um

lugar conveniente para o encontro dos crentes que moravam naquela área. Eles se reuniriam lá para esperar. Desde o romper do dia, começaram a chegar carroças e carruagens cheias de sinceros crentes – homens, mulheres e crianças ansiosos por testemunhar a pequena nuvem que lhes traria Jesus.

Ao longo do dia, vigiaram e aguardaram felizes, cantando hinos e lendo as promessas e profecias da Bíblia uns para os outros. As crianças brincavam discretamente, conservando os olhos e ouvidos voltados para o céu e para a conversa dos adultos.

Entardeceu, o sol desapareceu por trás das montanhas e as esperanças deles começaram a desaparecer. Bravamente vigiaram até a meia-noite. O relógio de parede marcou as doze horas. O dia se foi e, com ele, suas esperanças do retorno de Jesus.

Ficaram arrasados. O que dera errado? Que significava aquilo? Jesus iria voltar para levá-los para o Lar? Eram falsas as profecias da Bíblia? Onde estava Deus quando mais precisavam dEle?

Mas a fé de Hiram Edson permaneceu firme. Ele fez com que o grupo se lembrasse de que muitas vezes o Senhor lhes enviara auxílio exatamente quando mais necessitavam. Garantiu-lhes que Deus conhecia seu desapontamento, e que de alguma forma os confortaria.

Escrevendo sobre sua experiência depois de passada a meia-noite, Edson confessou: "Choramos e choramos até o alvorecer." Foi um período aflitivo de pesar.

Depois de terem orado e recebido a certeza da contínua orientação de Deus, muitos daqueles que se haviam reunido na propriedade de Edson voltaram lentamente para casa, esperando não encontrar nenhum dos seus vizinhos. Durante a espera pela volta de Cristo, já haviam suportado a zombaria dos descrentes. Não precisavam agora ouvir mais expressões de provocação e de regozijo com a desgraça alheia.

Pela manhã, Edson sugeriu a alguns homens que ainda se encontravam em sua casa que se dirigissem ao celeiro para orar. O local escolhido para a oração foi um recinto pequeno e quase vazio usado para estocar a ração do gado. Fecharam a porta e ajoelharam-se para orar. Não sabemos o que disseram ou como o Espírito os consolou, mas de alguma forma tiveram a certeza de que suas orações foram ouvidas e de que havia uma explicação para o seu desapontamento.

As evidências sugerem que O. R. L. Crozier era um dos homens que ainda se encontravam na casa de Edson no início da manhã. Pode até ser que ele estivesse morando temporariamente com a família

Edson. De qualquer forma, Hiram e o irmão Crozier decidiram visitar alguns outros crentes e encorajá-los. Evitando a estrada, atravessaram um dos extensos campos de Edson, onde os pés de milho permaneciam silenciosos e as abóboras continuavam presas aos rastejantes pés escuros e secos.

Subitamente, Edson sentiu como se a mão de alguém o tocasse no ombro, fazendo-o parar no mesmo instante. O milharal parecia transformado pela luz e pela glória. Ele viu algo que parecia uma visão. Viu que Jesus, nosso Sumo Sacerdote, havia entrado naquele dia no Lugar Santíssimo do Santuário Celestial para iniciar Sua obra de juízo.

Como um novo alento, a compreensão se tornou muito clara na mente de Hiram Edson. Não era a Terra que devia ser purificada, mas o Lugar Santíssimo do Santuário Celestial. Deus havia respondido às suas orações!

Quando Edson parou no meio do milharal, Crozier continuou caminhando, perdido em seus próprios pensamentos. Foi só quando chegou à cerca que percebeu que estava sozinho. Olhando para trás, viu Edson simplesmente parado no meio do campo.

– Irmão Edson – chamou ele –, por que está parado?

– Deus está respondendo à nossa oração da manhã, dando luz acerca do nosso desapontamento – respondeu Edson.

Hiram Edson compreendeu que a profecia havia sido cumprida! Eles tinham simplesmente se enganado quanto ao evento. Essa maravilhosa notícia se espalhou entre os crentes leais. Não entenderam completamente, mas creram.

Uns poucos homens começaram imediatamente a submeter o assunto a um completo exame através da Bíblia. Pode ter havido outros envolvidos, mas Hiram Edson, o Dr. F. B. Hahn e O. R. L. Crozier estavam entre os que começaram aquele estudo da Escritura para testar e provar a "visão" de Edson. Isso exigiu um bom tempo, mas, enquanto estudavam a Bíblia, Deus os guiou às verdades que tinha para eles.

Enquanto os homens estudavam e discutiam a situação, chegaram à conclusão de que deviam publicar pelo menos mais uma edição do *The Day Dawn*, o jornalzinho criado para disseminar a mensagem da breve volta de Jesus. Embora não restasse dinheiro a nenhum dos homens, eles sentiam a convicção de que deviam encontrar os meios de publicar pelo menos mais uma edição do jornal. Seus companheiros crentes deviam ter a oportunidade de saber que havia uma explicação para o

seu desapontamento. Eles precisavam espalhar a notícia aos que tinham sido tão dolorosamente provados.

Saíram a trabalhar – literal e figuradamente – para juntar os meios necessários para a impressão do jornal, e de alguma forma encontraram dinheiro suficiente para uma nova edição. A Sra. Edson chegou a vender algumas preciosas pratarias do seu casamento para ajudar a suprir a necessidade.

Enquanto os homens compilavam uma lista de endereços, descobriram que alguns crentes haviam sumido; outros tinham voltado às suas antigas igrejas; outros ainda haviam desistido completamente da fé. Mas o jornal foi enviado a todos cujos nomes e endereços estavam disponíveis.

Foi um dia feliz aquele em que Hiram Edson abriu sua caixa de correspondência e encontrou várias respostas entusiásticas e agradecidas de alguns que haviam recebido o jornal. Expressavam sua gratidão pela luz sobre o santuário e o juízo. Ele recebeu uma carta de alguém chamado Tiago White e outra do capitão José Bates. Perguntavam se seria possível marcar uma reunião daqueles que criam nessa nova luz, a fim de poderem estudar juntos.

Hiram Edson já vinha planejando um encontro assim na sua fazenda, e foi um grupo entusiasmado que se reuniu para o estudo pouco tempo mais tarde. José Bates estava entre eles. Tiago White pretendera ir, mas foi chamado para um funeral. O pequeno grupo se reuniu na casa de Edson com a mente aberta à nova luz que Deus havia revelado sobre o santuário. Desfrutando o companheirismo do estudo em conjunto, absorveram a luz que Deus lhes revelava.

Edson não sabia que José Bates era ministro, mas cortesmente o convidou a presidir a reunião. A certa altura do estudo, Bates decidiu que era hora de partilhar outra mensagem com o grupo. Em seu bolso, "por acaso", havia um exemplar do seu livreto sobre o sábado. Tirando-o, começou a lê-lo para o grupo. Hiram Edson ficou tão estupefato e entusiasmado que mal conseguiu ficar quieto até que o Capitão Bates terminasse. Tão logo foi concluída a leitura, Edson se pôs em pé de um salto.

–Irmão Bates, isso é luz e é verdade! – exclamou ele. – O sétimo dia é o sábado, e lhe faço companhia para guardá-lo!

Prosseguiu dizendo aos homens que, logo depois de ter recebido a luz sobre o santuário – lá fora no milharal –, ele tivera a impressão de que o sétimo dia é o sábado. Mas até aquele momento, não tivera a convicção de que seria importante guardá-lo. Agora estava convencido de que isso era importante, e quis começar a guardar o sábado imediatamente.

Seu amigo Crozier, porém, não estava tão ansioso por apressar-se, e aconselhou prudência: –Vamos devagar, irmãos. Vamos devagar. Sejamos cautelosos. Não queremos avançar sobre novas plataformas até sabermos que elas nos sustentam.

Mas a resposta de Edson foi firme: –Tenho estudado a questão do sábado por longo tempo. Quanto a mim, já me coloquei ao seu lado e sei que essa plataforma nos susterá.

O Dr. Hahn e esposa concordaram.

–É a verdade – disseram ambos.

Vários dos presentes concordaram em guardar o sábado. Assim, naquele mesmo dia, formou-se um pequeno núcleo de guardadores do sábado. Embora Crozier guardasse o sábado por algum tempo, logo desistiu. Não mais andou em harmonia com aqueles com quem estudara por tanto tempo.

Daquele dia em diante, Hiram Edson e José Bates – juntamente com Tiago White, que não pudera ir à primeira reunião – associaram-se para disseminar a mensagem do sábado. Outra parte da mensagem era que Jesus estava agora no santuário celestial, conduzindo o julgamento de todas as pessoas. Quando o juízo se encerrasse, então sim, Ele retornaria à Terra para levar Seu povo para o reino celestial, onde estava construindo um lar para cada um deles.

Hiram Edson não era somente um meticuloso estudante da Bíblia e evangelista, como também fazia enormes sacrifícios financeiros no sentido de promover o avanço da obra de Deus que ele tanto amava. Em 1850, vendeu sua fazenda em Port Gibson para ajudar a financiar a obra evangelística. Adquiriu uma fazenda menor em Port Byron, só para vendê-la dois anos mais tarde, emprestando a Tiago White uma parte da renda para comprar uma impressora manual destinada à nova gráfica em Rochester.

Não está claro se a ordenação de Edson em 1855 foi para o ministério local ou geral. Mas em 1870 foram-lhe concedidas credenciais de ministro evangélico ordenado. Trabalhou com Frederick Wheeler na obra evangelística no Estado de Nova York. Foi ele o mentor do jovem J. N. Loughborough, com quem viajou por um circuito de igrejas até que ele se familiarizasse com o ministério adventista.

CAPÍTULO 3

José Bates:

Arauto do Sábado

O longo e lustroso tubarão seguiu o navio cargueiro Fanny o dia todo, permanecendo sempre do mesmo lado do navio. O tubarão era suficientemente esperto para manter-se fora do alcance dos arpões e, embora os marinheiros tentassem tudo o que sabiam para livrar-se dele, não tiveram êxito. Uma das muitas superstições relacionadas com o mar era que, quando um tubarão seguia um navio, alguém iria morrer ou cair no mar. Não poucos dos homens no Fanny acreditavam nessas superstições.

No fim da tarde, o oficial de plantão mandou o jovem José (ainda inexperiente) subir num dos mastros para esquadrinhar o mar à procura de outras embarcações. Não vendo nada, ele começou a sua descida. De alguma forma escorregou, não conseguiu firmar-se e caiu na direção do convés. No último instante, agarrou-se a uma corda e, em vez de ter uma morte quase certa, espatifando-se no convés, foi lançado ao mar. Mergulhou mais e mais nas profundezas.

– Homem ao mar! Homem ao mar! – gritou um dos marujos que o vira caindo.

Correndo para a popa, o capitão e seus homens fixaram os olhos nas rodopiantes águas atrás do navio. Não havia sinal do marinheiro que havia caído.

O peso de sua roupa, especialmente das botas, arrastava José cada vez mais para o fundo. Após um tempo que lhe pareceu uma eternidade, ele voltou à tona, mas suas roupas estavam tão encharcadas que ele não conseguia nadar. O navio continuava avançando, e as chances de resgate minguavam rapidamente.

Por sorte, um dos oficiais o localizou entre as ondas espumantes e, com toda a força que pôde reunir, jogou uma corda na direção do

A.F.C.

rapaz que se afogava. Exausto, José sabia que aquela era a sua única oportunidade. Pegou a corda com o último resquício de forças e se agarrou a ela para salvar a vida, literalmente, enquanto os homens o puxavam através da água e o erguiam até o convés. A única coisa que podia fazer era ficar deitado ali, recuperando o fôlego.

Em meio ao terror de afogar-se, José não se lembrara do tubarão, mas a mortífera criatura estivera sempre presente na mente de alguns dos homens, pois José caíra exatamente onde o tubarão havia estado o dia inteiro. Os marinheiros olharam para o lado. A sombra escura não se encontrava mais ali. Correndo para o outro lado do navio, eles viram o corpo brilhante do tubarão ainda acompanhando o cargueiro. Aparentemente, ele não teve noção da refeição suculenta que perdera por ter mudado de lado.

Enquanto os marinheiros observavam o tubarão, José foi levado para uma pequena cabine que servia como compartimento de enfermos. Lá foi energicamente esfregado com toalhas rústicas e envolto em cobertores. Deitado na maca, recuperando-se daquele que poderia ter sido seu encontro com a morte, pensou em sua mãe. Embora não tivesse tomado tempo para ler, sabia que ela havia colocado uma Bíblia pequena em sua bagagem quando saíra de casa. Lampejou em sua mente o pensamento de que seria bem provável que ela estivesse orando por ele no momento de sua queda do mastro e do mergulho nas águas frias e agitadas. Não pôde deixar de indagar se Deus havia mandado o tubarão para o outro lado do navio.

Destinado ao Mar

Sendo o quinto entre sete filhos, José Bates passou seus primeiros anos em New Bedford, Massachusetts – na época, o principal centro baleeiro do mundo. Ele e seus amigos passavam nas docas cada minuto disponível. Conheciam todos os navios e conversavam como amigos íntimos com os homens que os tripulavam. José mal podia esperar até ter idade suficiente para unir-se a eles em viagens para terras exóticas. Seu caso de amor pelo mar, por navios e terras misteriosas já estava bem enraizado.

Dizia-se que a população de New Bedford se dividia em três partes – aqueles que estavam fora, viajando, os que tinham acabado de retornar e os que se preparavam para o embarque.

José tinha quase quinze anos, e seus pais não estavam conseguindo persuadi-lo a seguir alguma outra carreira. O Sr. Bates havia sido soldado, servindo com o General Washington em Valley Forge. Pensava que talvez uma carreira no exército fosse melhor do que no mar. José, porém, tinha um só desejo – navegar por mares ilimitados e ver as cenas maravilhosas de portos estrangeiros.

Em desespero, o Sr. Bates sugeriu a sua esposa que deixassem José fazer uma curta viagem costeira na direção norte, talvez a Boston. Podia ser que isso lhe tirasse a idéia da cabeça. Talvez ficasse tão enjoado que nunca mais quisesse embarcar num navio. Talvez. Seu tio possuía um pequeno navio cargueiro e providenciou para que José navegasse com ele na sua viagem seguinte a Boston.

Mas a curta viagem apenas o deixou querendo mais, abrindo-lhe o apetite. O largo sorriso de José revelou aos pais que a viagem havia sido tudo o que ele esperava, e que aquilo sim era vida para ele. Curvando-se diante do inevitável, o Sr. e a Sra. Bates procuraram um navio – mais exatamente um capitão de navio – a quem pudessem confiar seu jovem filho.

Infelizmente para eles, naquele exato momento um novo navio, o Fanny, estava sendo preparado para navegar. Destinava-se a Londres, via Nova York, onde receberia uma carga de trigo. O capitão era um homem capaz e bondoso, e deu aos pais de José a sua palavra de que se responsabilizaria pessoalmente pelo novo taifeiro.

Os dias seguintes foram repletos de atividades, enquanto o navio e o garoto faziam os últimos preparativos para o início de suas respectivas carreiras. Dentro de pouco tempo, o Sr. e a Sra. Bates se encontravam no cais, observando o Fanny desaparecer à distância. Com um peso no coração, voltaram para casa. Não havia garantia de que veriam o filho novamente. Naqueles tempos, não havia meios rápidos de comunicação. Poderia levar meses – até anos – antes que tivessem notícias dele outra vez.

Assim começou a emocionante carreira de José Bates – incluindo sua queda do mastro para dentro do oceano. Durante os 21 anos seguintes ele dedicou a vida ao mar, nunca passando muito tempo em seu porto de origem. Suas aventuras foram muitas e excitantes, ao navegar pelo mundo inteiro.

Em 1810, foi seqüestrado em Liverpool por um pelotão de recrutamento e forçado a entrar na marinha britânica. Sem consideração para com a nacionalidade, os britânicos forçaram milhares de americanos a entrar na marinha britânica durante aquele período. Quando a Inglaterra e a América entraram em guerra, Bates e seus amigos escolheram tornar-se prisioneiros de guerra em vez de lutar contra os próprios compatriotas.

Naquela época, a prisão de Dartmoor era conhecida como "a morada dos homens perdidos e esquecidos". Foi para aquele mais terrível dos lugares que Bates e muitos outros foram enviados. Comprovou-se que eram verdadeiros todos os horrores que têm sido escritos sobre Dartmoor. Os oito meses que Bates passou lá foram um período de indizível privação e brutalidade.

José estava entre os 260 prisioneiros libertados de Dartmoor no dia 17 de abril de 1815. Quando tomou consciência da data, percebeu que fazia exatamente cinco anos desde o dia em que havia sido seqüestrado em Liverpool. Foi-lhe designado o navio britânico Mary Ann para sua viagem de volta para casa.

Quando se aproximaram de Newfoundland, os homens a bordo começaram a falar de *icebergs*. Vários, inclusive José, tinham visto *icebergs* naquela área em viagens anteriores. Falaram com o Capitão Carr sobre o assunto, mas ele se recusou até mesmo a considerar a possibilidade. "Fiz quinze viagens a Newfoundland", escarneceu ele, "e não vi gelo nem uma vez sequer."

Às nove horas da noite um vento forte soprava. Ficou pior, mas o capitão se recusou a reduzir a marcha, e o navio prosseguiu em alta velocidade. Alguns dos americanos a bordo se colocaram ao redor da proa e nas laterais do navio, atentos a sinais de perigo. Tinham certeza de que deveria haver *icebergs* por ali, pois estava ficando cada vez mais frio. Tinham plena consciência de que, se avistassem um *iceberg* na frente do navio, seria tarde demais para evitá-lo.

Os homens imploraram ao capitão, que nem mesmo se encontrava na ponte de comando, para que recolhesse as velas. Sem disposição para admitir seu erro, ele se recusou a ouvir. Em desespero, um dos homens sacudiu o punho cerrado diante do rosto do capitão e gritou: "As velas serão recolhidas com ou sem a sua permissão!"

O Capitão Carr sabia que eles estavam em número maior e deu ordem para arriar as velas. Durante o restante da noite o navio

balançou pacificamente sobre as ondas. Ao romper do dia, todos a bordo ficaram estarrecidos ao ver enormes *icebergs* por toda a volta! Sem comentários, o capitão deu cautelosas ordens, enquanto ziguezagueavam para fora do campo de gelo.

Alguns dias após o incidente dos *icebergs*, alguns dos homens perceberam que estavam diante da costa do Estado de Maine. Muitos dos ex-prisioneiros eram da região da Nova Inglaterra, e ansiosamente perguntaram ao capitão onde iriam atracar. Não gostaram do que ouviram. Ele não pararia. Desembarcariam em City Point, bem ao sul, em Virgínia.

Aqueles homens haviam estado longe de casa durante vários anos. Tinham sido aprisionados e maltratados. Não estavam dispostos a tolerar o absurdo de ir até a Virgínia, quando podiam facilmente desembarcar na Nova Inglaterra. Então, uma vez mais, desafiaram o capitão, assumindo o comando do navio e aportando em New London, Connecticut. Não demorou para que se espalhasse a notícia de que um navio com prisioneiros de guerra libertados havia acabado de atracar. Alguns dos homens se reuniram com suas famílias naquele mesmo dia.

Quanto a José, reservou passagem num navio que ia para Boston. Lá chegando, foi imediatamente ao lar de um bom amigo de seu pai, que o recebeu de braços abertos. Ficou mais do que feliz em emprestar a José dinheiro suficiente para comprar roupas necessárias para substituir o uniforme esfarrapado da prisão e pagar a viagem de diligência até New Bedford.

Alguns dias depois, a família toda ficou tomada de alegria quando ele apareceu à porta de casa. A notícia se espalhou rapidamente, e vizinhos e amigos apareciam para lhe dar as boas-vindas. Todos queriam saber de suas aventuras, pois ele havia passado seis longos anos fora de casa.

Mas foi dentro do círculo familiar naquela noite que José fez seu relatório completo. Ele havia pedido que a mãe convidasse a amiga dele, Prudence Nye, para estar presente, e ela se sentou junto à lareira com a família, ouvindo atentamente. Sem na verdade ter a intenção, ele se viu contando à família sobre suas provações e os brutais maus-tratos que suportara como prisioneiro. De repente, percebendo o efeito emocional sobre o círculo familiar, passou para uma narração alegre de alguns dos eventos mais amenos de sua experiência.

A lua cheia brilhava quando José acompanhou Prudence até a casa

dela por volta da meia-noite. Enquanto conversavam, ele entendeu que eram infundados os seus temores de que outro homem tomasse o seu lugar no coração dela. Junto ao portão, ele segurou a mão dela.

– Prudence, nem sei dizer quão feliz e agradecido me sinto por estar de volta – disse ele – e por encontrá-la aqui para me receber.

– Ah, José, fico tão feliz porque você voltou para casa! Eu sabia que você iria voltar.

Como algumas vezes acontece, cada um conhecia os pensamentos do outro. Mas só dois anos mais tarde José sentiu que tinha condições financeiras para manter uma esposa e propôs casamento a ela.

Eles se casaram no dia 15 de fevereiro de 1818, mas o casamento não acabou com a paixão que José sentia pelo mar. Ele continuou navegando, e ficava em casa apenas algumas semanas de cada vez. Seu objetivo, que Prudence entendeu e aceitou o fato, era parar somente quando tivesse juntado dez mil dólares, uma fortuna naquele tempo.

José progrediu rapidamente na sua carreira no mar, alcançando por fim o posto de capitão, e depois capitão e co-proprietário de seu navio.

Mudanças a Bordo

Com o passar dos anos, ele se interessou cada vez mais por assuntos relacionados com a religião, bem como uma ampla variedade de reformas. A vida a bordo era um incentivo ao uso de fumo, aguardente, cerveja, vinho e linguajar profano, e ele foi eliminando um por um desses hábitos da sua vida. Mais tarde, abandonou o chá e o café, notando logo um aumento de energia e da sensação de bem-estar sem eles. Citava com freqüência Sylvester Graham, reformador de saúde, quanto aos efeitos nocivos do chá e do café.

O Capitão Bates observava seus homens fazendo os preparativos para a partida do Empress do porto de New Bedford. Era uma escuna de três mastros e, como proprietário da metade daquele barco, Bates estava encantado. Era um belo barco para a sua última viagem, antes da aposentadoria.

Algumas horas mais tarde, o navio zarpou para fora da baía, na direção do Oceano Atlântico. Assim que as coisas estavam todas sob controle, o Capitão Bates convocou a tripulação. Decretou uma série de regras que devem ter espantado seu grupo de rudes marinheiros.

Primeiro, disse o capitão, os membros da tripulação deveriam dirigir-se um ao outro pelo nome e jamais por algum apelido. Por exemplo,

William Jones deveria ser William, e não Bill ou Willy. James Smith devia ser James, e não Jim ou Jimmy. E assim por diante.

Alguém poderia especular se José Bates teria sido chamado de Joe ou Joey, ou algum outro apelido. Mas parece que não foi o caso. Não se sabe se foi algo incutido nele por seus pais, ou onde aprendeu.

Então, ele anunciou a segunda regra: "Durante esta viagem, não haverá palavrões."

Pode-se imaginar que a maioria dos homens tenha ficado de boca aberta diante disso, mas um dos tripulantes, William Dunn, tomou a palavra e ousadamente anunciou: – Sempre tive esse direito, senhor.

– Bem – disse o Capitão Bates – aqui não vai ter. – E para esclarecer sua regra, citou o terceiro mandamento, dizendo que o nome do Senhor não seria tomado em vão no seu navio.

O tripulante Dunn não desistiu. – Não consigo evitar, senhor – protestou ele. – Uso essa linguagem antes mesmo de pensar no que estou dizendo.

O capitão lhe assegurou que a disciplina apropriada viria se ele se esquecesse da regra.

Quando a terra desapareceu da vista, o capitão decretou uma terceira regra singular: Ninguém lavaria ou arrumaria roupas no domingo. A tarde de sábado, e não o domingo, seria seu tempo livre, e então poderiam lavar e consertar suas roupas. Essas tarefas não deveriam ser feitas no domingo. Além disso, os homens apareceriam no domingo de manhã com roupas limpas. O fato de estarem no mar não era desculpa para usar roupas sujas ou descuidadas. Além do mais, não haveria licença para saídas à costa aos domingos.

A essa altura já era tarde demais para pular do navio, e o Capitão Bates aplicou seu mais atordoante golpe. – Cavalheiros – disse ele –, não haverá bebida alcoólica a bordo, e fica estritamente proibido trazê-la durante a licença para ir à terra.

– E, por falar nisso, todas as manhãs haverá um momento devocional, e culto aos domingos. – Quando terminou sua lista de novas regras, o capitão ajoelhou-se no convés e entregou a Deus seu navio e seus homens.

Pode-se ver que José Bates era um homem complexo – às vezes difícil de entender, mas uma pessoa autêntica, de caráter.

Depois dessa viagem, que seus homens realmente apreciaram, tanto que pediram para viajar novamente com ele, José Bates aposentou-

se do mar e voltou sua atenção para a religião e vários projetos nos quais tinha especial interesse.

Ele era um reformador, pronto para a ação nesse importante período revolucionário da história americana. José Bates organizou uma das primeiras sociedades de temperança nos Estados Unidos. Homem de muitos e variados interesses, envolveu-se em várias organizações reformadoras.

Pregando no Sul

Numa tarde, enquanto Bates trabalhava no seu pomar, um amigo chegou e perguntou se ele estava interessado em ir a uma palestra milerita naquela noite. Bates aceitou o convite e se convenceu quanto à verdade das palavras do orador – de que Jesus viria em 1843 ou 1844.

Numa viagem especial a Boston para aprender sobre Guilherme Miller, José conheceu Josué V. Himes, grande pregador, o qual se sentiu mais do que feliz em partilhar o que conhecia sobre Guilherme Miller e seus ensinos. Como já foi dito num capítulo anterior, após anos de estudo da Bíblia, Miller calculou que Jesus retornaria à Terra entre 1843 e 1844, e finalmente aceitou o chamado de Deus para contar a outros as suas descobertas.

Outros eruditos continuaram estudando as descobertas de Miller e marcaram a data do retorno de Cristo à Terra para 22 de outubro de 1844. A maioria dos mileritas aceitou a data; mas o próprio Guilherme Miller a aceitou somente duas ou três semanas antes do dia.

Essa era uma notícia emocionante para José Bates, e ele investiu todas as suas energias, bem como seu dinheiro, na obra de disseminar as boas-novas de que Jesus voltaria logo. Assim, passou a dedicar sua fortuna, cuidadosamente acumulada, à pregação da mensagem do advento.

Enquanto se espalhava a mensagem milerita do advento, José Bates se preocupou porque ninguém parecia interessado ou disposto a ir para o Sul e pregar as boas-novas aos senhores e seus escravos. Quanto mais pensava nisso, mais convencido ficava de que deveria ir. Mas precisava de alguém com quem viajar. Hesitava em ir sozinho a uma região tão instável do país, mas não sabia a quem recrutar para ir com ele numa viagem tão perigosa.

Seu velho amigo, H. S. Gurney, o ferreiro cantor, seria o homem certo. Bates não perdeu tempo em visitar a oficina do ferreiro e relatar a sua preocupação de que alguém levasse a mensagem ao Sul.

O Sr. Gurney fez uma pausa no trabalho. – Meu amigo – disse ele –, se o Senhor colocou esse peso no seu coração, você é a pessoa que deve ir.

– Sim, eu gostaria de fazer exatamente isso – concordou Bates. – Mas considerando o clima político, eu preferiria não ir sozinho. Estaria disposto a ir comigo?

Sendo um homem de bom senso, Gurney bem sabia que existia o perigo muito real de que os sulistas suspeitassem deles como sendo abolicionistas e os linchassem na mesma hora. Queria alguns dias para pensar no assunto, e Bates ficou contente por essa consideração.

Leal à sua palavra, Gurney pensou cuidadosamente no assunto. Poucos dias mais tarde, enviou a Bates o recado de que iria com ele, a despeito do perigo.

Os dois amigos viajaram para Maryland, atravessando a baía Chesapeake até a ilha Kent, onde Bates havia naufragado mais de 25 anos antes. Ele reconheceu a área como o local onde havia encontrado terra firme. Logo chegaram a uma vila que pareceu um bom lugar para começarem as reuniões. A vila possuía duas casas de culto, e os homens pediram permissão para realizar cultos em uma delas. O pedido foi recusado pelos responsáveis por ambas as casas.

Então o taberneiro, que andava sempre informado sobre o que acontecia na cidade, foi ao Capitão Bates e perguntou: – O senhor disse que seu nome é Bates?

– Certo; é José Bates.

– O senhor naufragou perto daqui, muitos anos atrás?

Bates respondeu que sim, que seu navio havia encalhado ali perto, mas ficou curioso para saber como aquele homem sabia do fato.

O taberneiro esclareceu o mistério. – Sr. Bates, o senhor foi à casa do meu pai naquela noite e ficou lá algumas horas. Eu tinha só uns dez anos de idade na época, mas me lembro bem de o senhor ter estado lá.

Por causa daquele encontro tanto tempo antes, ele os convidou para realizarem as reuniões no salão da taberna, que foram anunciadas para a tarde seguinte. O salão estava repleto quando o Sr. Gurney deu abertura ao culto cantando, e sua bela voz inspirou os ouvintes.

Durante cinco dias, Bates e Gurney realizaram reuniões no salão do botequim, sempre com lotação completa. No último dia, alguns desordeiros da localidade concluíram que Bates e Gurney eram provavelmente abolicionistas, e tramaram um plano para causar um tumulto que interrompesse a reunião.

Sabendo dessa ameaça, Bates ficou firme, pregando seu sermão. Os arruaceiros não apareceram, mas assim que Bates terminou, um dos homens que havia recusado a permissão para o uso de seu prédio começou a gritar obscenidades a respeito do orador e sua mensagem. – Posso derrubar tudo isso em dez minutos – proclamou, em alta voz.

Com um sorriso convidativo, José Bates respondeu: – Irmão, você é bem-vindo para apresentar-se e declarar o seu contra-argumento.

Indo ao lugar do orador, começou o seu discurso. Mas só conseguiu estabelecer a certeza de que nada sabia sobre o assunto. De repente, sacudiu o punho cerrado contra Bates e gritou: – Vamos expulsá-lo da cidade montado numa vara!*

– Estamos bem preparados para isso – respondeu Bates calmamente. – E por falar nisso, se puser um arreio sobre ela, acharemos melhor ir cavalgando que caminhando.

A multidão gostou da presença de espírito da resposta, mas Bates continuou: – Não pensem que viajamos quase mil quilômetros através do gelo e da neve, à nossa própria custa, para lhes dar estas boas-novas sem primeiro sentar-nos e calcular o custo. E agora, se Deus não tem mais nada para fazermos aqui, para nós tanto faz ficar no fundo da baía Chesapeake ou em qualquer outro lugar até que o Senhor volte. Mas se Ele tem mais algum trabalho para fazermos, ninguém poderá tocar em nós!

A situação se acalmou, foi apresentado um pedido de desculpas e eles ficaram com o caminho livre para voltar outra vez.

Em Chester, Maryland, encontraram um local de reuniões onde podiam falar tanto a escravos como a seus proprietários. Bates pediu que Gurney abrisse a reunião com um hino que ambos apreciavam. Era um cântico novo para eles, e de alguma forma expressava seus sentimentos ao seguirem a direção de Deus na obra de disseminar as alegres novas da breve volta de Cristo. Uma vez mais, Gurney ergueu a voz e cantou:

Sou peregrino e forasteiro,
Uma noite aqui demoro e nada mais.
Não me detenhas, pois que vou indo

* Era costume naquela época castigar publicamente uma pessoa fazendo-a montar numa vara cujas extremidades eram sustentadas por dois homens.

Pra onde há fontes sempre fluindo.
Sou peregrino e forasteiro,
Uma noite aqui demoro e nada mais.

Enquanto ecoavam as últimas notas, corações foram tocados, e tanto escravos como seus senhores ouviram atentamente a mensagem apresentada pelo Pastor Bates. No fundo do salão havia dezenas de escravos, em pé, abeberando-se de tudo o que era dito. Encerrada a reunião, aguardaram com paciência até que os brancos saíssem; depois, Bates e Gurney falaram com eles pessoalmente.

Bates perguntou aos escravos: – Conseguiram ouvir o que foi dito? Creram nisso?

– Sim, sim, pudemos ouvir; conseguimos entender e acreditamos em tudo. E queremos alguns daqueles papéis que vocês distribuíram aos patrões.

– Mas vocês sabem ler os papéis?

– Não – disseram eles – mas as donzelas ou o filho do patrão vai ler para nós. – Assim, os folhetos cheios da verdade foram deixados com eles.

Um dos escravos, cavalheiro idoso, de cabelos brancos, aproximou-se então de Heman Gurney e lhe pediu uma cópia do hino que ele havia cantado. Como era a única cópia que ele possuía, Gurney teve de dizer ao velho homem que sentia muito, mas não podia entregá-la. Então, o homem lhe ofereceu 25 centavos pela cópia do hino que tinha ouvido naquela noite – "Sou peregrino e forasteiro". Aparentemente, era todo o dinheiro que ele possuía, e não se pode saber quanto tempo levou para economizá-lo.

Achou, provavelmente, que a história de sua vida fora contada naquele cântico. Havia sido propriedade de outra pessoa a vida inteira, e agora tinha a "bem-aventurada esperança" da breve volta de Jesus. Agora sabia que havia algo melhor reservado para ele; estava a caminho do lugar onde as fontes estão sempre jorrando. Ali estava ele parado diante de Gurney, com o semblante implorando a letra do hino que já amava.

O coração de Gurney se comoveu diante da sinceridade do velhinho. De algum lugar surgiram um toco de lápis e um pedaço de papel, e Gurney copiou a letra para ele. O homem foi embora com um enorme sorriso no rosto, encantado por ter uma cópia daquele maravilhoso cântico que lhe falara tão poderosamente ao coração. E, sem dúvida, se foi também com os seus 25 centavos!

Aqueles que realmente creram na validade de 22 de outubro de 1844 como a data do retorno de Cristo fizeram todos os preparativos para recebê-Lo. Mas o dia 22 de outubro chegou e se foi, e Cristo não apareceu. O dia seguinte encontrou o Capitão Bates profundamente constrangido, bem como gravemente desapontado. Havia deixado sua pequena safra de batatas dentro da terra, para testemunhar de sua fé na volta de Jesus. Seus vizinhos se haviam oferecido para comprá-las, mas ele achara que os estaria logrando, pois nunca teriam a oportunidade de usá-las. Como membro altamente respeitado na comunidade, havia insistido com seus vizinhos para que se preparassem para a segunda vinda de Cristo. Agora escarneciam dele pelas ruas, a ponto de ele desejar que o chão se abrisse e o engolisse.

Além disso, os crentes mal podiam conter o seu pesar. Bates disse mais tarde: "O efeito desse desapontamento só pode ser compreendido por aqueles que o experimentaram."

Adorando no Sétimo Dia

Certa manhã, quando o capitão Bates abria sua correspondência, encontrou um jornalzinho intitulado *The Hope of Israel* [A Esperança de Israel]. Era um artigo escrito por T. M. Preble, no qual apontava a necessidade da guarda do sábado. Bates não concordou, mas tomou a Bíblia e procurou os textos mencionados no artigo. Quanto mais estudava, mais inquieto ficava. Realmente não parecia possível que ele e a maioria dos outros estivessem prestando culto num dia que não tivesse sido separado por Deus. Pensou no assunto por vários dias.

Perguntas lhe inundavam a mente: Deveria guardar o sétimo dia? O que Prudence acharia disso? Que pensariam seus amigos? Como conseguiria o sustento?

Mas, uma vez tendo concluído que o sábado era o único dia de descanso ensinado na Bíblia, as perguntas caíram por terra. Não mais tinham importância. Devia fazer o que Deus lhe pedia.

O Capitão Bates ficou sabendo de um grupo de crentes no advento em Washington, New Hampshire, que guardavam o sábado. Antes de fazer um anúncio drástico de que mudaria sua vida, Bates decidiu visitar o lugar e ter certeza de sua decisão.

Foi assim que, na primavera de 1845, o Capitão Bates embarcou num trem até a Nova Inglaterra e depois tomou uma diligência que o levou à cidade de Hillsboro. Deram-lhe o endereço da casa

de Frederick Wheeler, pastor da igreja de Washington, New Hampshire. Bateu à porta às dez horas da noite.

Desculpando-se pelo avançado da hora, Bates disse que era importantíssimo falar com o pastor. Ao saber que Bates queria ouvir acerca do sábado, Wheeler o convidou rapidamente a entrar.

"Quero conhecer todos os argumentos que há na Bíblia em favor do sábado", começou Bates. "Estou convencido de que é o único dia de repouso ensinado nas Escrituras, mas quase ninguém sabe disso. Irmão Wheeler, este é um assunto que deve ser proclamado por toda parte!"

Os dois homens estudaram a Bíblia e conversaram até o amanhecer. Bates fazia perguntas e tomava notas, convencendo-se mais do que nunca sobre a verdade do sábado. Wheeler deu-lhe uma cópia do folheto de Preble sobre o sábado. Quando o sol despontou entre as colinas de New Hampshire, ele brilhou pela janela sobre duas figuras que se ajoelhavam no tapete trançado e dedicavam a vida à pregação da verdade do sábado.

O "irmão Bates", como foi apresentado à família, foi calorosamente recebido à mesa do desjejum dos Wheeler, e então participou com eles das orações. Wheeler atrelou o velho Billy à carroça e os dois homens percorreram os 19 quilômetros até a casa de Ciro Farnsworth. Era um dia quente e eles se sentaram sob as árvores na frente da casa, enquanto Wheeler e Farnsworth davam ao seu hóspede um curso intensivo sobre tudo o que haviam aprendido acerca do sábado.

Essa experiência, junto com a leitura do folheto de Preble, confirmou para Bates a validade permanente do quarto mandamento. Com a missão cumprida, despediu-se e voltou para Hillsboro, onde tomaria a diligência. A viagem para casa levaria uns três dias, e ele tinha muito em que pensar enquanto percorria os 250 quilômetros de diligência e trem. Agora estava convencido de que tudo o que estudara com os guardadores do sábado de Washington estava fundamentado na Bíblia. Sendo homem honesto, reconhecia e aceitava a verdade quando a encontrava.

Indo a pé da estação ferroviária para casa, o Capitão Bates encontrou seu vizinho, James Madison Monroe Hall, sobre a ponte de madeira entre New Bedford e Fairhaven. Hall o cumprimentou alegremente, dizendo: – Qual é a boa notícia, Capitão Bates?

– A boa notícia é que o sétimo dia é o sábado – foi a pronta resposta de Bates.

Após uma breve conversa sobre a ponte, Bates tomou providências para apresentar o assunto a Hall e a outros crentes no advento. No fim de semana seguinte, o Sr. Hall estava guardando o sábado, e a esposa o seguiu no sábado posterior. Como indicação da grande estima que sentia pelo aposentado capitão de navio, mais tarde deu ao seu filho recém-nascido o nome de José Bates Hall.

José Bates desempenhou um papel importante na adoção do sábado por um grande segmento dos desapontados adventistas. Tinha uma real preocupação de encontrar os crentes decepcionados e ensinar-lhes acerca do sábado.

Após o desapontamento, Bates uniu-se ao grupo que se reunia na casa de Hiram Edson em Port Gibson, Nova York, para aprofundar o estudo da Bíblia. Logo ficou claro ao grupo que o cálculo do tempo estava certo, mas o evento era outro. Concluíram que o evento não era a volta de Cristo, mas o início do juízo investigativo. A essa altura, José Bates já estava guardando o sábado por um ano, e partilhou seu material sobre o sábado com o grupo. Edson já vinha pensando sobre o assunto, embora até aquele momento não percebesse a sua real importância. Ele e vários outros do grupo aceitaram as boas-novas do sábado.

Em 1848, seis encontros foram realizados para tratar particularmente da questão do sábado. Na maior parte das reuniões, Bates pregava sobre o sábado, e Tiago White – que com a esposa Ellen havia aceitado o sábado em 1847 – falava sobre as três mensagens angélicas, que incluíam o santuário e o espírito de profecia.

Foram tantos os que vieram à conferência dos guardadores do sábado na casa de David Arnold, em Volney, Nova York, que a reunião precisou ser transferida para o celeiro, a fim de acomodar a todos. No encerramento daquele encontro, Bates e o casal White foram a Port Gibson, onde outra conferência foi realizada na casa de Hiram Edson, novamente num celeiro. Esperando passar o sábado na cidade de Nova York, o Pastor e a Sra. White, junto com o Capitão Bates, deixaram Port Gibson imediatamente após o encerramento da reunião. Seu meio de transporte seria um barco pelo Canal Erie.

Quando o barco se aproximou do cais, eles começaram a reunir a bagagem. De repente, perceberam que a embarcação não pararia; estava balançando perto do atracadouro, mas não encostaria realmente. O Pastor White segurou sua pequena esposa e, com um enorme salto, foi

parar no convés. Bates não teve a mesma boa sorte. Acontece que ele estava segurando o dinheiro da passagem dos três, e ficou parado no cais, gritando para o capitão: "Aqui! Venha buscar seu pagamento!"

Enquanto a embarcação se afastava pelo canal sem ele, Bates tomou um forte impulso para saltar a bordo. Infelizmente, seu pé resvalou na borda do navio e ele caiu dentro da água suja. A pequena multidão no cais prendeu a respiração quando ele afundou. Bates voltou à tona e começou a nadar. Ainda segurava sua carteira com uma mão e a nota de um dólar na outra. Então seu chapéu caiu. Para salvar o chapéu, soltou a nota de um dólar – mas continuava agarrando a carteira.

A embarcação parou por tempo suficiente para que ele fosse resgatado da água barrenta do canal. Divididos entre o cômico da situação e a compaixão para com o pobre homem que, naturalmente, estava encharcado da cabeça aos pés, os passageiros estenderam os braços para Bates e o puxaram para o convés. Felizmente o dia estava quente e as roupas de Bates secaram um pouco. O pequeno grupo desembarcou algumas paradas adiante, em Centerport, de onde se dirigiu à casa do irmão Harris. Lá, Bates pôde secar e passar suas roupas a ferro, e no dia seguinte continuaram a viagem.

O Senhor Proveu Mesmo

Uma das frases preferidas de José Bates era "O Senhor proverá". Por volta de 1846, Bates havia usado toda a sua fortuna para proclamar a breve volta de Cristo. Quando viajava, o dinheiro para a passagem lhe chegava geralmente na última hora, algumas vezes até da parte de pessoas totalmente estranhas. O Senhor provia mesmo.

As experiências de Bates estariam incompletas sem a história dos dois quilos de farinha. No início de 1846, sentiu-se chamado por Deus para escrever um livro sobre o sábado. Certa manhã, enquanto ele escrevia sentado à escrivaninha, a esposa, Prudy, como ele a chamava, entrou para dizer-lhe que não tinha farinha suficiente para terminar de preparar o pão. Ele perguntou quanto ela precisava, e ela disse aproximadamente dois quilos.

Na mercearia, José comprou os dois quilos de farinha e alguns outros artigos que ela havia acrescentado à lista. De volta à sua casa, deixou as compras sobre a mesa da cozinha e começou a escrever de novo.

Dentro de alguns minutos, Prudy entrou no escritório. – José – perguntou ela – de onde veio essa farinha?

Ele deve ter entendido que havia um tom desfavorável na voz dela, pois perguntou: – Não é suficiente? Você disse que precisava de dois quilos.

Ela o pressionou mais. – Onde você conseguiu a farinha?

– Bem, Prudy, eu a comprei. Não é a quantidade que você queria?

A resposta dela ficou famosa. – Sim. Mas o senhor, Capitão Bates, um homem que comandou navios de New Bedford para todas as partes do mundo, o senhor saiu para comprar dois quilinhos de farinha?

Então, ele teve de confessar que havia gastado os seus últimos centavos na compra daqueles poucos itens. Isso foi um verdadeiro choque para Prudy. Naturalmente, ela aprovava suas generosas doações para a causa de Deus. Mas como entender que nada havia sobrado?

Com lágrimas, ela soluçou: – O que vamos fazer?

O capitão levantou-se da cadeira com toda a dignidade do seu posto. – Vou escrever um livro e espalhar a verdade do sábado a todo o mundo.

Ela quis saber, evidentemente, com o que viveriam.

Com um terno sorriso, ele lhe garantiu: – O Senhor proverá!

Cobrindo os olhos com o avental, ela correu para fora da sala. – Ah, sim – soluçou ela – o Senhor proverá. O Senhor proverá. É o que você sempre diz.

Cerca de meia hora mais tarde, Bates teve a forte impressão de que havia uma carta importante esperando por ele no correio. Chegando lá, viu que realmente havia uma carta, mas teve de admitir para seu amigo, o Sr. Drew, chefe do correio, que não tinha os cinco centavos para pagar a tarifa postal.

– Ora, pode levar a carta, Sr. Bates. Pague a tarifa depois.

Mas para José Bates não havia essa história de "compre agora; pague depois".

– Sr. Drew – replicou ele – por favor abra a carta para mim. Se houver dinheiro dentro dela, fique com o valor do selo antes de me entregar a quantia.

Dentro do envelope havia uma nota de dez dólares. O remetente explicava que o Senhor o havia impressionado tanto com o fato de Bates estar precisando de dinheiro, que enviara a carta como correspondência urgente. Na verdade, despachara-a com tanta pressa que se havia esquecido de pagar a tarifa postal. Naquele tempo, o remetente geralmente pagava o selo, mas se não o fizesse, o destinatário tinha de pagá-lo.

Com o coração alegre e grato ao Senhor, Bates saiu e comprou um barril de farinha por quatro dólares, mais batatas, açúcar e outros artigos. Disse ao homem das entregas que sua esposa provavelmente diria que os produtos não lhe pertenciam, mas que assim mesmo deixasse tudo na varanda da frente. Depois, ele foi à gráfica e encomendou a impressão de sua obra ainda não escrita. Encomendou mil exemplares, dizendo ao impressor que pagaria tudo antes da entrega. Ele não tinha dinheiro para pagar a impressão, mas sabia que o Senhor tomaria as providências.

Em casa, encontrou Prudy muito agitada, exigindo que ele dissesse de onde vinha toda aquela quantidade de comida. Podemos imaginar a resposta dele: – O Senhor proveu.

E a resposta dela foi aquela, padronizada: – Sim, sim, o Senhor proveu. É isso o que você sempre diz.

Com um largo sorriso, ele entregou-lhe a carta. Ela a leu e depois se afastou para chorar de novo, mas desta vez com uma atitude mental muito diferente.

Embora a Sra. Bates apoiasse o trabalho do marido, ainda não havia aceitado o sábado. Não o seguiu cegamente, mas estudou por conta própria durante cinco anos – até 1850 – quando também se tornou guardadora do sábado. Uma lenda local diz que, durante esse tempo, José levava Prudy à igreja no domingo, mas não assistia ao culto com ela nesse dia "não santificado".

É para prejuízo nosso que a *Autobiografia* de Bates e seus outros escritos mencionam pouco acerca de Prudence e dos cinco filhos do casal. Um filho morreu na infância, enquanto o pai viajava de navio. O outro filho, que herdou do pai o amor pela vida de viagens marítimas, morreu no mar aos 35 anos de idade. As três filhas tiveram vida mais longa.

A *Review and Herald* [Revista Adventista] publicou três cartas de Prudence Bates na década de 1850. Elas dão um pequeno lampejo de seu firme caráter e de sua dedicação a Deus. Aqui estão algumas frases de dezembro de 1851:

"Sinto um crescente desejo de encher-me da plenitude de Deus, e quanto mais luto por isso, mais vejo minha própria indignidade. Às vezes, me sinto quase desanimada, e não fosse o fato de que a nuvem se dissipa e um raio de glória me ilumina o caminho [...] eu me desesperaria."

Ela mencionou quão indigna se sentia, mas quão precioso era Jesus para ela, e o quanto amava o sábado. O marido não era o único a ter integridade de caráter.

Em agosto, o impressor mandou dizer a Bates que os livros estavam prontos. À medida que recebia dinheiro, Bates pagava os custos, mas uma boa soma ainda continuava pendente. Leal às boas maneiras, Bates não aceitaria absolutamente a entrega do material até que pudesse pagá-lo. Então, correu à gráfica para se explicar. Quando chegou lá, o impressor lhe disse que tudo estava pago. Depois de recuperar a fala, Bates perguntou quem havia feito o pagamento.

"Não sei, Sr. Bates. Ele era desconhecido para mim."

José Bates nunca descobriu quem pagara os panfletos, mas pelo resto da vida continuou grato a essa pessoa anônima.

Quando José Conheceu Ellen

José Bates encontrou Ellen Harmon por volta de 1845, e depois, novamente em 1847. Um não se impressionou particularmente com o outro. Cético e desconfiado de quaisquer manifestações sobrenaturais, ele achou difícil aceitar a experiência dela como sendo do Senhor, porém não encontrava falta alguma na vida dela ou no seu testemunho. Mas ele ficava, como disse, "alarmado e excessivamente intrigado".

Por sua vez, ela via em Bates uma figura bondosamente paterna. (Ele era mais de 30 anos mais velho que ela.) Ellen ficava perplexa, entretanto, quanto ao motivo pelo qual um cristão genuíno como ele enfatizasse tanto o quarto mandamento. Não sabia ele que havia outros nove mandamentos?

Então, em novembro de 1847, Bates a viu tendo uma visão em que lhe foram mostrados planetas e estrelas. Durante a visão, sem ter consciência do fato, ela falava daquilo que estava contemplando e fez uma descrição de cinturões rosados em torno de um dos planetas, acrescentando que via quatro luas.

– Ah, ela está olhando para Júpiter! – exclamou o Capitão Bates.

Pouco depois ela relatou estar vendo sete luas.

Novamente Bates exclamou: – Ela está descrevendo Saturno!

Como navegante, Bates conhecia bastante acerca de corpos celestes. Quando a visão se encerrou e ela havia descrito Urano, com suas seis luas, e os "céus abertos" de uma forma que, segundo Bates, ultrapassava qualquer registro que tivesse lido, ele começou a mudar de idéia acerca das visões de Ellen.

Quando ela saiu da visão, Bates lhe perguntou se ela já havia estudado astronomia.

– Não – respondeu ela. – Não me lembro sequer de ter visto um livro de astronomia.

Sua feliz convicção foi: "Isto é do Senhor."

Rumo ao Oeste!

José havia deixado suas viagens marítimas. Agora perambulava pela terra, ansioso para contar a todos acerca da breve volta de Jesus e sobre o sábado. Certa manhã, Prudy entrou no quarto do casal e viu o esposo arrumando a mala – de novo. Ela quase chorou.

Quando ele lhe disse que estava indo para o Oeste, Prudy achou que ele queria dizer que estava indo para a Califórnia. Não, não, explicou ele. Iria para Michigan, e talvez Ohio e Indiana, para encontrar as "ovelhas perdidas". Achava que devia encontrar tantos crentes adventistas quantos pudesse, para contar-lhes acerca do sábado.

Isso fez com que ela se sentisse um pouco melhor, mas na verdade desejava que ele não se ausentasse de novo. Afinal de contas, ele estava envelhecendo e precisava ficar em casa. Mas lá se foi ele a serviço do Senhor.

Foi primeiro a Indiana e dirigiu reuniões em South Bend. Certa noite, sonhou que se encontrava dentro de uma diligência, indo para uma vila desconhecida no nordeste. Quando despertou pela manhã, sentiu que devia sair sem demora.

Pagando a passagem para a primeira diligência que sairia de South Bend, tinha certeza de que reconheceria o vilarejo quando chegasse lá. Em todas as vilas ele saía, olhava ao redor e concluía que não era aquele o lugar. Então, pagava a passagem até a parada seguinte e repetia o procedimento. O condutor da diligência deve ter ficado intrigado com o estranho comportamento do seu passageiro. Mas quando Bates saltou da carruagem em Jackson, Michigan, soube que aquele era o lugar que tinha visto no sonho. Subindo a rua e parando numa pensão, perguntou ao proprietário: – Existe algum crente no advento nesta cidade?

– Sim, existem. Cerca de uns vinte se reúnem aqui todos os domingos.

Isso era exatamente o que ele procurava. Os crentes ainda aguardavam a volta de Jesus, mas não tinham ouvido acerca do sábado. Ainda faziam seus cultos no domingo.

Continuando pela rua, Bates chegou à oficina de um ferreiro. Entrou e pendurou seu gráfico, que estava sempre com ele. Apresentando-se a Dan Palmer, o ferreiro, passou a falar-lhe sobre o sábado do sétimo dia e todas as outras verdades que lhe eram tão caras.

Como resultado, Palmer convidou-o para se reunir com o grupo no domingo. Antes que Bates deixasse a cidade, um grupo razoável de crentes adventistas estava guardando o sábado.

O Homem Mais Honesto da Cidade

Dois anos mais tarde, numa viagem de retorno a Jackson, Bates foi visitar seu amigo Dan Palmer, que se encantou por vê-lo outra vez. Na verdade, ele estivera estudando com outro grupo, e as pessoas estavam prontas para o batismo. Isso, naturalmente, foi música para os ouvidos de Bates.

Justamente antes de sair de Jackson, Bates teve outro sonho. Desta vez ia para o lado oeste de Jackson. No sonho lhe fora dito que devia parar e trabalhar em Battle Creek, Michigan. Na manhã seguinte, perguntou a Palmer se ele conhecia algum lugar chamado Battle Creek.

– Sim, claro. Fica a uns sessenta e poucos quilômetros pela estrada de ferro.

– Há algum crente no advento por lá?

– Ninguém, que eu saiba.

– Bem, Dan, num sonho desta noite me foi mostrado que lá deve ser meu próximo local de trabalho.

O trem postal da madrugada deixou-o em Battle Creek por volta da hora do desjejum. Sem saber exatamente como começar seu trabalho ali, pensou na agência do correio. Estava à procura de uma pessoa honesta, e o chefe dos correios saberia com certeza para onde encaminhá-lo.

Na agência dos correios, Bates perguntou pelo nome e endereço do homem mais honesto da cidade. Foi imediatamente encaminhado à casa de David Hewitt. Bates achava que um homem honesto aceitaria prontamente a mensagem do advento.

David Hewitt abriu a porta ao ouvir a batida. Bates foi completamente franco com ele.

– Fui encaminhado até aqui porque o senhor é considerado o homem mais honesto da cidade. Se é assim, tenho uma verdade importante para lhe apresentar.

– Venha, entre – foi o pronto convite. – Estamos para começar o desjejum. Venha e coma conosco, e depois conversaremos.

Enquanto comiam e conversavam, Hewitt media o estranho sentado à sua mesa. Discerniu nele um homem honesto, íntegro, um cristão sincero. Após o desjejum, convidou o Capitão Bates para dirigir o culto matutino, o que ele fez com alegria. Depois Hewitt disse: "Agora ouviremos o que o senhor tem a nos dizer."

Depois de passar um dia estudando a Bíblia com José Bates, "o homem mais honesto da cidade" e sua esposa aceitaram a mensagem do sábado e se tornaram os primeiros conversos em Battle Creek.

A Mudança Para Michigan

Cada vez mais Bates se sentia atraído para o "oeste", especialmente Michigan, e mais especialmente para Monterey. Achava que esforços realizados em tendas deviam ser feitos no oeste. Parecia-lhe que os anjos de Deus estavam lá preparando mentes para receber a verdade. Sentia ser de grande importância que os servos de Deus fossem para onde Ele abria o caminho.

Por essa e outras razões, em maio de 1858, José Bates decidiu mudar-se para Michigan. Prudence não estava muito contente com a mudança, pois tinha vivido em Fairhaven a vida toda. Mas ela foi para onde José queria ir. E não era para Battle Creek, mas para Monterey. A mudança não significava que Bates se havia aposentado da obra do Senhor. Ele simplesmente transferira a sua sede, embora talvez suas viagens fossem menos demoradas que até então.

Tiago White repetia para Bates que sua idade devia isentá-lo de viajar e falar tanto em público. Mas ele respondia: "Ainda quero andar ao seu lado, [mesmo] que eu não possa fazer grande coisa." Bates dizia que se lembrava de um fazendeiro que tinha um cavalo tão velho, que era deixado no estábulo quando os outros eram levados para o trabalho. [Certo dia,] o homem ouviu um barulho tremendo no estábulo e, depois de investigar, descobriu o cavalo dando coices para sair. Assim, puseram um cabresto nele e o atrelaram ao lado dos outros. Ele passou seus dias restantes andando ao lado dos outros cavalos, perfeitamente satisfeito. Assim foi com o irmão Bates. Se não podia trabalhar, pedia que os irmãos o deixassem "andar ao lado dos demais".

Embora nunca tivesse dito muito acerca de seus padrões de viver saudável, ao longo dos anos José Bates foi eliminando um hábito nocivo após outro. Como resultado, desfrutava uma condição de saúde invejável. No ano anterior ao da sua morte, assistiu a um congresso relativo à reforma de saúde na velha igreja de Battle Creek. Enquanto o assunto era discutido, alguém perguntou: – Onde está o Pastor Bates? Ele é a pessoa que precisamos ouvir a respeito deste assunto."

O Pastor Bates estava sentado no fundo da igreja. Quando o chamaram para ir à frente, esse estimado e idoso cavalheiro, então com 79 anos de idade e ainda perfeitamente ereto, caminhou rápido até a plataforma para contar o que os hábitos do viver saudável haviam feito por ele. Relembrou sua experiência do passado e o resultado de abandonar um hábito nocivo após outro até chegar ao ponto da abstinência completa de tudo o que sabia ser prejudicial. Disse estar totalmente livre de dores e mal-estar.

J. O. Corliss, presente à reunião, deu este testemunho: O Pastor Bates "ficou em pé como uma estátua de mármore e se movimentava com a leveza de um garoto. O auditório ficou tão eletrizado diante da eloqüência do idoso senhor que por um momento só se ouviam sonoros 'améns'".

J. N. Andrews foi então chamado para desempenhar sua parte no programa, a qual parece ter sido uma palestra sobre os benefícios da reforma de saúde. Quando se pôs diante do púlpito, suas primeiras palavras foram: "O que deve fazer o homem que vem depois do rei?" Após alguns longos segundos de reflexão, prosseguiu com a sua palestra.

Considera-se que o testemunho de Bates representou uma influência poderosa para colocar a causa da reforma de saúde no seu legítimo lugar.

Dois anos após a morte de sua amada Prudy, José Bates foi chamado ao descanso, em 19 de março de 1872. Deixou uma grande lacuna na obra do Senhor e na vida dos que o conheceram e amaram. Na reunião da Associação de Michigan, realizada no outono daquele mesmo ano, foi votada uma resolução de pesar. Dizia: "Embora lamentemos profundamente a nossa perda, relembraremos os seus conselhos, imitaremos suas virtudes e nos esforçaremos por encontrá-lo no reino de Deus."

"Ele verá seu Senhor voltando."

CAPÍTULO 4

Tiago White:

"Verás teu Senhor Voltando"

Todos os lugares estavam ocupados. As pessoas se amontoavam pelos corredores e até na plataforma. A casa de reuniões em Litchfield Plains estava superlotada, com quase mil pessoas que desejavam ouvir o jovem pregador falar sobre a breve volta de Jesus. Com todos conversando ao mesmo tempo, um alegre murmúrio enchia a sala.

Para silenciá-los e captar-lhes a atenção, Tiago White começou aquilo que se tornaria um procedimento padrão para ele. Enquanto caminhava pelo corredor em direção à plataforma, começou a cantar um dos novos hinos do advento, marcando o ritmo na contracapa da Bíblia. Um de seus preferidos, o que ele cantou naquela noite, era "Verás teu Senhor Voltando" – um cântico escrito enquanto os crentes aguardavam ver seu Salvador no dia 22 de outubro de 1844.

A primeira estrofe do hino está aqui, com uma leve adaptação da letra como é usada atualmente – o hino 438 do *SDA Church Hymnal** de 1985:

Verás teu Senhor voltando,
Verás teu Senhor voltando,
Verás teu Senhor voltando,
Já, já, sem mais tardar.
Ouve a música tocando,
Ouve a música tocando,
Ouve a música tocando,
Soando pelo ar.

Mais de 30 anos depois, quando Tiago White estava consideravelmente mais velho, com a barba e os cabelos brancos, alguém que o ouvira cantando relatou que sua voz continuava clara e afinada. É fácil

* N. da Tradutora: Hinário da Igreja Adventista, em inglês.

A.F.C.

entender como as conversas e a movimentação na casa de Litchfield Plains se aquietaram ao voltar o auditório a sua atenção para ele.

A verdade é que Tiago White vinha de uma família musical. Seu pai não só era fazendeiro e sapateiro, como também dava aulas de canto. Cantar era um dom na família White. Certa ocasião, quando Tiago, o pai e duas irmãs viajavam para uma conferência, eles usaram seu dom de modo incomum.

Naquele tempo, a maior parte das viagens era feita a cavalo e de charrete, e foi esse o meio que a família White usou naquela viagem. Escureceu antes que eles tivessem chegado ao seu destino, e começou a chover, de modo que pararam para pernoitar numa estalagem à beira da estrada. É claro que não havia energia elétrica, TV, rádio ou jogos eletrônicos – nenhum entretenimento para as longas horas antes de ir para a cama. A noite se estendia diante deles, longa e monótona. Mas a família White era um grupo cheio de recursos, e decidiram ir para o salão principal da hospedaria a fim de cantar alguns dos velhos hinos. Seria uma noite muito parecida com a que tinham em casa.

Os cânticos eram tão convidativos que outros hóspedes, bem como a família do proprietário, entraram no salão até que se formou uma platéia razoável. O fogo ardendo na lareira deixava o ambiente aconchegante. Quando a família White terminava um hino, alguém pedia outro, e assim a noite transcorreu de modo muito agradável para todos.

Na manhã seguinte, quando o papai White foi pagar a conta, o gerente lhe disse que não havia conta a pagar. O estalajadeiro e seus hóspedes haviam sido bem pagos pelo concerto musical. Além disso, a família White seria muito bem-vinda para repetir a apresentação em qualquer outra oportunidade em que estivesse naquelas cercanias.

Não é de admirar que Tiago usasse o seu talento com um efeito tão bom sobre a multidão em Litchfield Plains!

Tiago White estava bem no centro da lista de nove irmãos – quatro mais velhos e quatro mais novos. Diácono na igreja local, seu pai cria firmemente nas Escrituras e não hesitava em seguir para onde alguma nova luz o levasse. O diácono João sustentava bem sua família, tanto

espiritual como economicamente. Embora o trabalho físico fosse árduo, a família White vivia contente em sua fazenda nas encostas da colina. O diácono João não era só fazendeiro, mas também sapateiro, um ofício que todos os seus rapazes aprenderam com ele. João ensinou aos filhos o valor de um honesto dia de trabalho, bem como o valor da integridade perante Deus.

As garras de uma febre que não cedia e convulsões implacáveis agrediram o corpinho de Tiago aos dois anos de idade, e ele ficou à morte por várias semanas. A mãe velava ansiosamente por ele, sem saber se na hora seguinte ele ainda estaria vivo.

Ele sobreviveu, embora, após recuperar-se, seus olhos parecessem permanentemente estrábicos. Quando tinha sete anos, foi para a escola com os irmãos e irmãs, mas sua experiência escolar não durou muito. Quando tentava ler, as letras se embaralhavam e ele não as distinguia. Era inútil continuar tentando. E, sem ler, a escola não fazia sentido.

As crianças da fazenda faziam falta em casa durante o verão, e assim, a escola abria por alguns poucos meses, durante o inverno. Por causa do curto período letivo, era difícil até para os melhores alunos obter uma boa educação, e para um menino que não enxergava bem o suficiente para ler, isso era impossível. Tiago foi forçado a aceitar a probabilidade de atravessar a vida como analfabeto.

Muitos anos mais tarde, o irmão de Tiago, João, descreveu a escola que freqüentavam. "Cada inverno, nós íamos à escola para aprender a soletrar mais algumas palavras, com o auxílio de um velho dicionário Webster, e depois voltávamos para casa e esquecíamos tudo. E no inverno seguinte, a farsa se repetia."

Tiago não podia ir à escola, mas era o braço direito do pai na fazenda. Com todo o trabalho duro, cresceu forte e ficou alto – um metro e oitenta e dois. Então, no fim da adolescência, ocorreu um milagre: Seus olhos voltaram ao normal. Não mais era estrábico! Agora que seus olhos estavam bem e ele conseguia ler, decidiu voltar a estudar.

Com dezenove anos de idade, apresentou-se ao professor, com toda a sua altura desengonçada.

"Sinto muito, Tiago", disse ele, "mas você terá de começar do início."

Sim, junto com as crianças pequenas. Assim, o ansioso jovem dobrou as longas pernas no banquinho feito para o tamanho infantil e começou a estudar.

Por meio de um diligente esforço durante as doze semanas em

que a escola funcionava, Tiago aprendeu rapidamente. No fim do período letivo, o professor concluiu que ele era capaz de ensinar crianças e lhe deu um certificado que o autorizava a lecionar as "matérias comuns". De posse do certificado, ele requereu e recebeu o cargo de professor para o inverno seguinte.

A escolaridade formal de Tiago White totalizou 41 semanas – 12 semanas na escola primária e 29 em várias escolas de ensino médio. Ele, todavia, era tão fiel no seu trabalho escolar que o diretor da escola metodista em Redfield lhe disse que um semestre mais o habilitaria a matricular-se na faculdade. Economizando fielmente seu dinheiro, tinha como alvo adquirir educação superior. Teria ficado arrasado se soubesse que sua educação formal já estava encerrada.

Em casa, a mãe mencionou que um certo irmão Oakes, de Boston, estava realizando reuniões na escola. Provava, pela Bíblia, que Jesus voltaria à Terra em breve, e algumas pessoas daquela região acreditavam no que o homem estava ensinando. Tiago tinha ouvido sobre o ensino milerita, mas achava Guilherme Miller um fanático.

Para cada objeção que Tiago apresentava, a mãe tinha uma resposta. Por fim, só para agradá-la, ele concordou em assistir às reuniões. Veria por si mesmo o que as Escrituras realmente ensinavam. Assim como outros antes dele, logo se convenceu de que o próprio Deus dirigia esse movimento do advento.

Embora tivesse sido batizado na Igreja Cristã aos 15 anos de idade, Tiago não tinha muito interesse em religião. Estava mais interessado em se aprimorar intelectualmente. Mesmo assim, enquanto assistia às reuniões do irmão Oakes, Deus parecia convencê-lo de que era seu dever ajudar a advertir as pessoas de que Jesus voltaria em breve. Ele suplicou ao Senhor que removesse esse fardo de diante dele. Mas a idéia – quase uma voz – parecia mais forte ainda.

Visite seus alunos, dizia. *Visite seus alunos.*

Finalmente, desistindo de lutar, se rendeu e ouviu a voz de Deus. Uma paz incompreensível passou a inundar-lhe o coração.

No dia seguinte, foi visitar alguns dos seus ex-alunos em Troy. Tiago amava as crianças e por sua vez era amado e respeitado por elas, de modo que não foi surpresa receber uma agradável acolhida na primeira casa que visitou. O professor havia ido visitar seus alunos e orar com eles e suas famílias! Foi um dia significativo, e aquela mãe mandou seus filhos para cima e para baixo pelas

ruas, convidando todos os que encontrassem para ouvir o professor orar por eles.

Dentro de meia hora, 25 pessoas haviam superlotado a casa. Sentaram-se em cadeiras e no chão, e algumas ficaram em pé encostadas na parede. "Quantos de vocês são cristãos?" perguntou Tiago. Nenhum deles era. Falou-lhes sobre o que significa seguir a Jesus e estar preparado para o Seu retorno. Depois orou com eles.

Em apenas alguns poucos dias, encontrou todos os seus ex-alunos e orou com eles. Agora, podia prosseguir em seus estudos. Retornando ao colégio, descobriu, para seu espanto, que ainda não conseguia concentrar-se no trabalho escolar.

"Vá e pregue!" Era a convicção que atingia seu coração. Tiago White não conseguiria resistir ao Deus do Céu; por isso, depois de dias lutando com aquele chamado, finalmente entregou completamente o coração a Jesus. Uma vez tendo dedicado a vida inteiramente a Cristo, não mais olhou para trás.

Pregador Viajante

Ele planejou viajar e pregar. Ao fazer seu itinerário, decidiu que pregaria uma ou duas noites em cada lugar. Três sermões seriam suficientes, e ele os repetiria em cada lugar novo. Assim, com uns poucos exemplares de literatura do advento, um gráfico e três sermões, o jovem Tiago White estava pronto.

Bem, quase pronto...

Havia um pequeno problema. Ele não tinha cavalo, nem sela, nem dinheiro. Seu pai o socorreu, permitindo-lhe que usasse seu cavalo durante o inverno. O pastor local lhe deu uma velha sela remendada, e várias rédeas. Assim, ele colocou seus papéis e o cartaz numa sacola e saiu para pregar. No que dizia respeito a dinheiro, ele dependia da bondade daqueles que encontrasse, para conseguir alimento e pouso. Não demorou muito para que ampliasse o seu estoque de sermões para seis.

Pelo caminho, encontrou um professor amigo que estava tendo um problema com os olhos. O amigo pediu que Tiago o substituísse nas aulas por uma semana. Era uma emergência médica, e Tiago prontamente concordou, pois seria uma boa oportunidade. Ele lecionaria na escola de Burnham durante o dia, e realizaria reuniões lá mesmo à noite. Isso lhe daria uma semana de reuniões – e era uma boa coisa ter agora seis sermões! E ele podia facilmente expandi-los para sete.

As reuniões em Burnham foram um grande sucesso e 60 pessoas entregaram a vida a Cristo. Tiago estava despreparado para uma reação tão notável, e não sabia bem o que fazer com aqueles 60 novos cristãos. Seu irmão Samuel havia sido ministro por cinco anos, e Tiago lhe pediu que o ajudasse. Samuel respondeu prontamente e passou umas seis semanas em Burnham, batizando as pessoas e organizando uma igreja. O Senhor abençoou os primeiros esforços de Tiago de modo poderoso, e ele se sentiu encorajado.

Sua parada seguinte foi perto de Augusta, capital do Estado de Maine, onde ele realizou as reuniões numa escola. Apresentou um poderoso sermão para um auditório lotado naquela primeira noite. Não havia lugar nem mesmo para ficar em pé dentro do recinto, e do lado de fora dezenas de pessoas olhavam e ouviam pelas janelas e portas.

Então, Satanás procurou assumir o controle, e na noite seguinte um bando de arruaceiros tentou assustar White para fazê-lo desistir. Um deles atirou um grampo de via férrea que o atingiu na cabeça. A essa altura, ele provavelmente não tinha um plano para utilizar o grampo, mas assim mesmo pegou-o e o guardou no bolso.

Na noite seguinte, o salão estava superlotado. Não havia inquiridores sinceros da verdade apenas, mas uma turba rodeou o prédio, só esperando o momento de causar tumulto para o jovem pregador.

Quando Tiago se encaminhou para a frente, alguém o avisou de que poderia haver problemas, de modo que, em vez de ajoelhar-se para orar, ele orou em pé, com os olhos abertos. Viu a primeira bola de neve, que entrou assobiando pela janela e se espatifou no teto. Isso foi apenas o começo. A turba gritava e berrava tão alto que ninguém conseguia ouvir. Tiago e sua Bíblia ficaram logo molhados pelas incontáveis bolas de neve atiradas, e o nível do barulho era ensurdecedor.

Já era o bastante!

Fechando a Bíblia, Tiago White afastou-se do púlpito e, com uma voz que alcançava além dos limites da multidão do lado de fora, começou a descrever as terríveis cenas do Dia do Juízo. Deus lhe deu uma linguagem mais do que adequada para descrever as cenas do julgamento, bem como poder vocal para se fazer ouvir. Ninguém deixou de entender como seria o juízo de Deus.

Enquanto ele falava, a multidão se aquietou. Havia alguma coisa naquele homem que exigia respeito. De repente, lembrando-se do longo grampo que fora jogado contra ele na noite anterior, tirou-o do

bolso e o levantou para que todos o vissem. [Essa peça de ferro, com uns 15 cm de comprimento e quase um quilo de peso] o havia atingido na testa, deixando um corte e uma contusão grave que as pessoas também podiam ver. Tiago garantiu aos ouvintes que não guardava rancor contra o homem que o havia jogado; desejava que a misericórdia e compaixão de Deus estivessem com essa pessoa. Suas palavras seguintes deram o recado: "Por que ficaria eu ressentido com esse insulto, quando meu Mestre teve Suas mãos pregadas por cravos como este?"

O homem que havia causado aquele tumulto estava muito quieto, ouvindo cada palavra. Quase cem pessoas pediram oração naquela noite. E o Sr. White orou por elas, sim, com voz e linguagem tais como nunca antes tinham ouvido. Foi uma multidão submissa e transformada que ouviu com reverência a oração de encerramento.

Despedindo o povo, o jovem Tiago tentava passar pelo meio da multidão quando sentiu que alguém lhe tomou o braço e o guiou para fora. Tiago não conhecia o homem, mas ele parecia familiar. Quando se haviam afastado da multidão, Tiago se virou para falar ao seu acompanhante, mas ele não estava mais ali. Nunca mais viu aquele homem nem descobriu quem era, mas sempre acreditou que tinha sido um anjo.

As reuniões continuaram por mais três ou quatro noites, sem novos tumultos, e resultaram num grande reavivamento.

Marcando reuniões em outros lugares ao longo do rio Penobscot, o jovem pregador prosseguia, geralmente realizando encontros duas noites em cada local. Alguém sempre lhe dava alimento e pousada.

Em Bowdoinham Ridge, ele foi convidado a pregar em reuniões que já estavam em andamento. No último dia em que esteve lá, falou de manhã e à tarde. O sol começava a se pôr quando um dos outros ministros falou com ele. – Não acha que deveria passar a noite aqui conosco? – perguntou ele. – Já está escurecendo e vai esfriar muito.

– Bem que eu gostaria – admitiu Tiago – mas tenho uma reunião hoje à noite em Lisbon Plains. Preciso me apressar para chegar lá em tempo.

Tiago havia pregado com entusiasmo e seu corpo parecia uma fornalha de calor e suor. Enquanto cavalgava para dentro da escuridão, sua roupa úmida começou a congelar-se. Eram 25 quilômetros até Lisbon Plains, mas lhe pareceu bem mais longe. A iluminação nas janelas das casas de fazenda brilhava de maneira convidativa enquanto o quase congelado homem passava rapidamente. Podia ter parado numa delas para se aquecer, e os fazendeiros provavelmente lhe teriam fornecido alimento também. Mas ele havia assumido um compromisso e, mesmo que chegasse atrasado, não desapontaria a congregação que o aguardava, se pudesse evitá-lo. Seu fiel cavalo deu tudo o que tinha enquanto percorria a estrada do interior, com o suor brotando de seu corpo superaquecido.

Puxando as rédeas diante da porta do lugar das reuniões, Tiago saltou, entregou as rédeas a um homem parado junto à porta e apressadamente lhe pediu que tomasse conta do seu cavalo. Abriu a porta justamente em tempo de ouvir o pastor dizendo: – Sinto muito ter de dizer-lhes que o orador que esperávamos ouvir hoje à noite não chegou. Por favor, levantem-se para a bênção.

– Espere! Estou aqui! – bradou Tiago antes que o auditório se pusesse em pé.

O pastor e as pessoas ficaram felizes por vê-lo, embora já estivessem esperando por uma hora. Tiago desculpou-se por ter chegado tarde e imediatamente começou o sermão. Sentia tanto frio e seus dentes batiam tanto, que por alguns minutos foi difícil entendê-lo. Mas logo se aqueceu e pôde pregar um sermão pelo qual valera a pena esperar.

Posteriormente, descobriu que o homem não havia cuidado do seu cavalo. O pobre animal tinha sido amarrado a um mourão da cerca sem sequer um cobertor jogado sobre si, e tremia de frio enfrentando um vento forte. Tiago ficou bravo, pois ninguém devia tratar um animal com tanta insensibilidade e indiferença, e se apressou em abrigá-lo e alimentá-lo. Na manhã seguinte, o confiável cavalo estava muito doente e nunca se recuperou inteiramente dos efeitos da exposição àquele frio enregelante. Tiago aprendeu uma lição valiosa: Dar sempre instruções específicas à pessoa solicitada a tomar conta do seu cavalo.

Tiago levou quatro meses para fazer o circuito de seu primeiro itinerário de pregação. Durante o inverno de 1842-1843, mais de mil pessoas responderam à pregação de Tiago White. Quando ele voltou para casa, foi ordenado ministro na igreja Conexão Cristã, onde era membro na época. Era freqüentemente convidado a pregar aos domingos nas igrejas daquela região, e vários batismos resultaram dessas reuniões.

Durante os meses de verão, aproveitou a oportunidade para visitar Portland, na tentativa de aprender tudo o que pudesse com os líderes do advento. Fazendo novas amizades entre os crentes, foi bem recebido nas casas e nos corações. Eles já haviam ouvido de sua bem-sucedida viagem de pregação. Foi nessa visita a Portland que Tiago ouviu o testemunho de uma garota de 16 anos, chamada Ellen Harmon. Achou que as palavras dela mostravam uma profunda experiência com o Senhor.

De volta à sua casa em Palmira, Tiago conseguiu um emprego para cortar feno. Contratado pelo mesmo fazendeiro, havia um grupo de rapazes rudes que reconheceram Tiago como o mais novo pregador da região. Ressentindo-se até da presença dele, elaboraram um plano. Decidiram dificultar tanto as coisas para ele, até que ele resolvesse desistir. Eles o colocariam na parte mais difícil da sega, depois se amontoariam atrás dele e o expulsariam do campo.

Tiago tomou sua posição e começou a cortar o feno com extraordinária eficiência. O trabalho dos outros rendia muito menos. Logo se acharam cada vez mais distantes, lá atrás. Tiago White sabia exatamente que intenções tinham os rapazes, e com cada movimento da foice fazia uma oração para que Deus lhe desse força física para derrotar aqueles desordeiros no próprio jogo deles. E conseguiu, pois a cada golpe de foice eles ficavam mais para trás. Passando pelo campo a segunda vez, Tiago sentou-se sob uma árvore para descansar.

Um por um, os outros rapazes se jogaram exaustos ao chão sob a árvore. Então, colocando-se em pé diante de Tiago, com as mãos nos quadris, o líder do grupo quis saber: – O que é que você está a fim de fazer, White? Matar a si mesmo e a nós também? Pensávamos que você fosse um pregador e não soubesse manusear uma foice. Mas temos de lhe dar crédito por nos tomar toda essa dianteira, e reconhecer que você é o melhor cortador de feno que já vimos. O sol está quente e mesmo assim você não tomou nada de cerveja ou outra bebida alcoólica. Nós desistimos.

No verão seguinte, Tiago recebeu um convite para ir a West Gardiner, uma vila a uns trinta e poucos quilômetros de Palmira. Várias crianças da vila tinham ouvido sua pregação no inverno anterior, e então queriam que ele as batizasse. Chegando a West Gardiner, Tiago conversou com os pais das crianças e descobriu que muitos deles, bem como outros, se opunham ao batismo das crianças. Um pastor batista

perguntou de modo sarcástico: – Que tipo de experiência o Sr. White acha que esses bebês tiveram?

Solicitando que os pais e as crianças participassem de uma reunião com ele na igreja, pediu que as crianças – umas dez ou doze – se sentassem na fila da frente, e os pais um pouco mais atrás. Fez um breve sermão e depois as crianças se puseram em pé e lhe disseram, cada uma, por que amavam a Jesus e queriam ser batizadas. Deram respostas simples e claras às perguntas que ele fez.

Voltando-se para o auditório, perguntou: – Há alguém aqui presente que se opõe ao batismo destas crianças? Se houver, por favor se coloque em pé.

Ninguém se levantou nem fez qualquer comentário, e Tiago conduziu o grupo até um lago próximo, onde imergiu cada um dos candidatos na água fresca. Devido ao seu amor pelas crianças, ele considerava que aquele batismo havia sido a mais bela e significativa cerimônia que realizou na vida.

Uma reunião campal devia ocorrer em Exeter, New Hampshire, e Tiago sentiu que devia estar presente. Novamente inspirado pela pregação da mensagem do advento, ele renovou seus esforços entre as pequenas comunidades de Maine, visitando duas cidades – ocasionalmente até três – num só dia, dando a mensagem final de advertência: "Eis que Ele vem! Prepara-te. Prepara-te para te encontrares com o teu Deus!"

Mas Jesus não apareceu no dia 22 de outubro. Juntamente com a maioria dos outros adventistas desapontados, Tiago White teve de suportar seu quinhão de zombarias dos descrentes. No dia seguinte ao do desapontamento, um deles se encontrou com Tiago na rua. Dando risada, apontou o dedo para Tiago e disse: – Vejo que você não subiu ontem, subiu?

A resposta rápida de Tiago silenciou a zombaria: – E se eu tivesse subido, para onde teria ido você?

Tiago White Encontra Ellen Harmon

Tiago White e outros ainda continuaram a crer que o tempo que restava aqui sobre a Terra era breve e pregavam sobre isso. Nas suas viagens, ele conheceu muitas pessoas que partilhavam os mesmos interesses. Duas dessas pessoas que ele conheceu foram José Bates, ex-capitão de navio, e Ellen Harmon, a moça a quem Deus

havia escolhido para ser Sua mensageira nos tempos modernos. Essas duas pessoas tinham tanto interesse nas profecias e na disseminação das boas-novas quanto o próprio Tiago.

Foi numa das primeiras reuniões sobre o sábado, após o desapontamento, que Tiago White e José Bates se encontraram. Chegaram a conhecer-se bem, enquanto os crentes do advento se reuniam para decifrar o mistério do que acontecera naquele dia, e por quê.

Em algum momento durante o inverno de 1844-1845, William Jordan devolveu a Tiago White um cavalo emprestado, em Orrington, Maine. Chegando a Orrington, onde recuperou seu cavalo, Tiago soube que Jordan havia trazido com ele sua irmã Sara e sua amiga, Ellen Harmon. Jordan havia marcado para mais tarde, naquele dia, uma reunião na qual Ellen relataria suas visões. Naquela noite, ouvindo a senhorita Harmon enquanto ela falava ao grupo de crentes, Tiago se convenceu de que ela era verdadeiramente a mensageira escolhida por Deus.

Conversando mais tarde, eles viram que tinham um interesse comum na mensagem do advento. Ela lhe contou que Deus lhe mostrara em visão que seria necessário entrar em lugares onde o fanatismo havia feito suas repulsivas incursões. Ela era jovem – tinha 17 anos de idade – e inexperiente, e viriam tempos difíceis, mas Ele lhe assegurara Sua proteção, a ponto de enviar-lhe outro anjo se necessário. Ela teria condições de dar as mensagens divinas de conforto e ânimo a muitos dos que haviam sido enganados por Satanás. Com coragem e firmeza de fé, estava disposta a ir aonde Deus a conduzisse.

Tiago se impressionou com essa piedosa jovem. Ao olhar para ela, não pôde deixar de notar seus grandes olhos acinzentados, que brilhavam com entusiasmo enquanto ela falava do amor de Jesus, e assumiam uma expressão preocupada quando recebia mensagens de reprovação e conselho para transmitir. Tampouco deixava ele de notar quão fácil e freqüentemente ela sorria. E até gostava quando esse sorriso era dirigido a ele. Talvez o melhor de tudo fosse o maravilhoso tom de contralto de sua voz – vindo de uma família musical como a dele, Tiago podia notar que não só a voz dela era bem modulada ao falar, mas era também uma boa voz para cantar. Da altura dele, de 1,82 m, ela parecia quase diminuta, com 1,57 m, já que a parte superior da cabeça dela mal alcançava seu ombro.

Essa era a segunda vez que ele via Ellen, e nas duas vezes o cabelo castanho dela havia sido puxado para trás do rosto fino e preso num coque na parte posterior da cabeça. O vestido azul que ela usava era de boa qualidade e caía muito bem. A mãe dela era excelente costureira e ensinara às filhas essa arte fina e necessária.

Dizer que Tiago estava apaixonado a essa altura seria forçar a imaginação, mas ele se sentia definitivamente impressionado. Mais do que isso, começou a se perguntar: sendo ela uma garota tão baixinha, de aparência frágil, como agiria se tivesse de enfrentar algumas turbas de desordeiros como ele havia enfrentado? Ele achava que ela precisava de um protetor, e seu cérebro começou a analisar exatamente o que fazer para facilitar a situação dela.

Vejamos, pensou ele, *agora é inverno e não posso fazer grande coisa na fazenda; então, por que não viajar com ela e os Jordan? Eu poderia organizar as reuniões e ajudar William a cuidar da segurança das duas moças. Sou um pregador razoável, e posso ajudar a assumir parte dos compromissos nas reuniões mais longas.*

Ellen e os Jordan ficaram felizes em aceitar seu oferecimento de acompanhá-los, e foram mandados avisos sobre as reuniões em lugares específicos. O Senhor lhe mostrava exatamente onde se fazia necessário o auxílio, e lhe dava mensagens definidas para cada lugar. Alguns precisavam simplesmente da certeza de que Deus continuava dirigindo Sua obra; a necessidade de outros era a de que certos pecados lhes fossem trazidos à atenção; outros ainda tendiam a um comportamento fanático. Vários meses transcorreram em viagens de um grupo de crentes para outro, enquanto Ellen comunicava as instruções de Deus ao Seu povo.

Os auditórios ouviam com cuidadosa atenção enquanto ela relatava como o poder de Deus lhe sobreviera em sua primeira visão, ao ser rodeada por luz, e erguer-se acima da Terra, cada vez mais alto. Ela contou como procurava o povo do advento, mas não o encontrava. Então, uma voz lhe disse: "Olha novamente, e olha um pouco mais para cima." Ela viu um caminho reto e estreito, sobre o qual o povo do advento viajava rumo à Cidade de Deus. Uma forte luz brilhava por trás deles, iluminando o caminho para que não tropeçassem e caíssem do caminho para baixo. Enquanto permaneceram com os olhos fixos em Jesus, que os conduzia para a Cidade, estavam seguros.

Ela viu o passar do tempo até a segunda vinda de Jesus, com toda a Sua glória. Viu a entrada triunfal na Cidade de Deus. Lá estava a árvore

da vida, o rio da vida e o trono de Deus. Foi uma longa visão, com muitas descrições brilhantes e maravilhosas. Não foi surpresa que o povo se sentisse encorajado, com a fé reavivada ao ouvi-la falar.

Mas o desapontamento havia confundido a muitos, e esses não estavam dispostos a aceitar explicação alguma sobre o porquê de se haverem desapontado. Negaram o fato de que o Senhor os estivera conduzindo. Houve outros que se alegraram ao ouvir a razão do amargo desapontamento. Ficaram contentes por saber que o tempo estava certo; que o engano havia sido quanto ao evento. O santuário a ser purificado não era a Terra, mas o santuário no Céu. E Jesus viria, sim, para levar Seu povo para o lar celestial.

Quando Ellen voltou para sua casa em Portland, soube que havia sido fiel ao seguir a guia de Deus. Entre outros lugares, ela havia visitado Garland e Exeter, no Estado de Maine, onde aconselhou alguns que haviam sido levados ao fanatismo. Para ela, foi muito difícil lidar com assuntos tão penosos, mas Deus a fortaleceu e abençoou.

Em outra oportunidade, Ellen viajou com Louisa Foss, irmã de seu cunhado, e com o Pastor e a Sra. Files, velhos amigos da família Harmon. Ralph Haskins e Tiago White também a acompanharam. Depois de uns três meses viajando pela parte leste do Maine, Ellen estava de novo em Orrington, onde havia começado seu trabalho. Soube que o fanatismo havia assumido o controle, e muitos que haviam sido fiéis estavam apostatados. O fanatismo se tornara tão exagerado e desenfreado que a polícia da cidade proibiu quaisquer reuniões dos adventistas.

Alguns poucos fiéis ainda se reuniam discretamente, e Ellen os considerou "especialmente solenes". Encontrou-se com eles uma vez só, e o pequeno grupo se sentiu "grandemente revigorado". Enquanto oravam juntos, foi-lhe mostrado numa visão que ela devia retornar para casa na manhã seguinte.

Ela havia feito sua parte em obedecer a Deus, e Ele a protegera, e aos que estavam com ela, dos olhos daqueles que tão violentamente se opunham a suas mensagens. Mas os fanáticos apertavam cada vez mais o cerco e suas intenções para com Ellen e seus companheiros não eram nada boas. O trabalho dela naquele lugar estava temporariamente feito e muito cedo na manhã seguinte o pequeno grupo escapou para Belfast num barco que Tiago White e dois amigos tomaram emprestado do fiel grupo de Orrington. Em Belfast, embarcaram num navio para Portland.

Mas então Tiago e os outros dois homens tiveram de remar 32 quilômetros de volta, contra a correnteza, para devolver o barco em Orrington. Problemas os aguardavam no cais quando o barco atracou. Ali estavam homens zangados porque alguém havia ousado realizar reuniões em sua cidade.

– Onde está a mocinha Harmon? – quis saber um deles.

– Foi embora para Portland.

– Tudo bem, homens. Vamos mostrar para eles!

Os agressores avançaram contra Tiago e seus companheiros, espancando-os com um chicote e qualquer outra arma na qual pusessem as mãos. Depois, arrastaram os açoitados e machucados homens para a cadeia, onde passaram a noite. No dia seguinte, libertados para seguir seu caminho, cuidaram de seus vários cortes e contusões, mas felizmente não haviam sofrido fraturas.

Milagre em Topsham

Ellen continuou suas viagens, sempre com pelo menos outra mulher e um homem de confiança, ou um casal. Foi esse o caso quando ela foi a Topsham, Estado de Maine, onde sua querida amiga Frances Howland jazia sofrendo com febre reumática. Suas mãos, inchadas a ponto de dobrar de tamanho, estavam tão grandes que não se viam as articulações dos dedos. Várias pessoas haviam chegado para orar por Frances, incluindo Tiago White.

O Sr. Howland os informou a respeito das condições de sua filha. Como o médico nada mais podia fazer por ela, o pequeno grupo decidiu que devia orar pela cura da irmã Frances. Depois das orações, alguém perguntou: – Alguma irmã aqui tem fé suficiente para ir, tomá-la pela mão e ordenar que se levante em nome do Senhor?

Imediatamente a irmã Curtis se voltou e subiu as escadas. Entrando no quarto escurecido, falou mansamente com Frances e depois, com ternura, tomou as mãos dela nas suas. – Irmã Frances – disse ela –, em nome do Senhor levante-se e fique curada.

Instantaneamente, o corpo de Frances se encheu de novas forças. Ela afastou as cobertas e se ergueu da cama, andando pelo quarto e louvando a Deus pela cura. A Sra. Howland ouviu a voz dela e correu para o quarto, apertando a filha contra o peito e beijando-a repetidamente. Quão maravilhoso era ver a filha querida com uma aparência tão forte e saudável! Com o coração feliz, ajudou Frances a banhar-se

e vestir um vestido novo de musselina rosa, estampado com delicadas florzinhas brancas. Com o cabelo escuro preso para trás com uma fita rosa, Frances irradiava alegria, felicidade e saúde enquanto descia a escada, sendo recebida com fervorosos Améns.

Seu pai lhe estendeu os braços amorosos, levando-a para a grande sala onde seus amigos a aguardavam. Ali tiveram jubilosos momentos de oração, louvando a Deus por Sua bondade ao restaurar sua irmã, e regozijando-se diante dessa visível evidência de que Ele estava no meio deles.

Na manhã seguinte, Frances tomou o desjejum com a família e seus hóspedes. Enquanto Tiago White dirigia o culto matutino, ouviram que o médico chegara e subia a escada para ver sua paciente. Encontrando a cama vazia, desceu a escada correndo e abriu a porta da cozinha, onde todos estavam sentados ao redor da mesa – inclusive Frances. O espanto, a incredulidade e o assombro se estamparam no seu rosto. Ele finalmente conseguiu gaguejar: – Então, Frances está melhor!

O pai dela respondeu: – O Senhor a curou.

Tiago White continuou a leitura de Tiago 5:14: "Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele." O médico ouviu, concordou com um movimento de cabeça e seguiu rapidamente seu caminho.

Alguns dias depois, Frances foi batizada. Embora o tempo estivesse fresco e a água fria, ela não apresentou efeitos colaterais nocivos e nunca mais sofreu de febre reumática.

De tempos em tempos, Ellen voltava para passar breves períodos de descanso em casa. Quando vinha outro convite para que relatasse suas visões, ela atendia. Tiago White quase sempre fazia parte do grupo que viajava com ela.

Durante uma dessas viagens, Ellen recebeu um recado de sua mãe. Ela precisava voltar para casa imediatamente. Espalhavam-se rumores acerca das viagens dela pelo interior na companhia de um jovem. Rumores falsos, evidentemente, mas assim mesmo prejudiciais à reputação de uma moça, e seguindo o conselho da mãe, Ellen foi para casa.

Unindo Seus Esforços

Não muito tempo depois, Tiago foi conversar com Ellen acerca dos rumores. Ele era um ministro ordenado; ela era a mensageira de Deus. Era importante que ambos zelassem por sua reputação. Sabiam que

não deviam tomar nenhuma decisão apressada, nem fazer qualquer coisa que prejudicasse o trabalho para o Senhor. O casamento, naturalmente, resolveria o problema das fofocas, mas até aquele momento nenhum deles havia sequer pensado em casar-se. Tiago, na verdade, havia escrito em tom forte contra o casamento. A maioria dos crentes no advento achava que havia trabalho demais a ser feito; o mundo precisava ser advertido de que Jesus voltaria logo. Não era tempo nem de pensar em casamento.

Buscando o conselho do Senhor para um assunto tão sério, Tiago e Ellen concordaram em orar juntos e em separado para descobrir a vontade de Deus para a vida deles. Após vários dias de fervorosa oração, Tiago escreveu sobre a decisão que tomaram: "Era necessário que ela tivesse um ou mais auxiliares. Ou sua irmã Sara ou a irmã Foss viajavam com ela. [...] Como nossas viagens nos submeteram à censura dos inimigos do Senhor e Sua verdade, pareceu muito claro o dever de unirmos os nossos labores."

***

O temporal passou

Certa noite, o Pastor White pregava no culto de uma reunião campal quando começou a chover. Chovia tanto que era quase impossível ouvi-lo, e ele sugeriu que cantassem enquanto aguardavam que a tormenta passasse. Não demoraria muito. Assim, a congregação cantou com todo o entusiasmo: "Enfrentaremos o temporal, ele não demorará." A chuva parou abruptamente, e ele pôde continuar seu sermão.

Naquela mesma noite, ele ficou tão empolgado com seu próprio sermão que avançou além da plataforma! Sem perder a linha do que estava falando, subiu de volta ao estrado e continuou pregando seu sermão. Entreteceu o incidente com o sermão de modo tão habilidoso, que a maioria das pessoas achou que ele havia planejado fazer aquilo.

CAPÍTULO 5

Ellen Gould Harmon: Mensageira do Senhor

Os dias amenos e as noites frescas haviam deixado as folhas das árvores com vivos tons de amarelo, vermelho e dourado, e o Sol resplandecia num claro céu azul. O dia fora feito para brincar pelos bosques no lindo Estado de Maine – um dia que as crianças da família Harmon haviam aguardado. Era perfeito para sair procurando nozes.

Caminhando pelo bosque, Ellen Harmon e alguns dos seus irmãos e irmãs juntavam as nozes que haviam caído no chão. E também procuravam os esconderijos dos esquilos – ali era fácil encontrar as nozes.

Mas encher a sacola com aquelas nozes que os esquilos haviam escondido deixava Ellen um pouco triste. Por isso, tratou de arranjar uma solução. Quando encontrava um depósito secreto de nozes no buraco de uma árvore que o esquilo fazia de despensa, ela pegava as nozes, mas colocava no lugar grãos de milho que havia levado, exatamente para esse fim. Ela sabia que os esquilos haviam escondido as nozes para ter alimento quando a neve cobrisse o chão. Ao deixar punhados de milho, Ellen dizia para si mesma e para os esquilos que tinham sido roubados: "Sinto muito, esquilinhos, que as suas nozes se foram, mas aqui está o milho que eu espero que vocês apreciem no lugar delas."

***

Ellen Gould Harmon e sua irmã gêmea Elizabeth nasceram no dia 26 de novembro de 1827, em Gorham, Maine, a uns vinte quilômetros a oeste de Portland. O sobrado onde as gêmeas nasceram se localiza em Fort Hill, quase cinco quilômetros ao norte de Gorham. Embora a casa tenha sofrido um incêndio em 1971, é considerada local histórico do Estado de Maine.

A.F.C.

John Harmon, o tetravô, havia lutado na Guerra do Rei Philip, em 1675. Como recompensa por ter combatido os índios na "grande luta do pântano", recebeu terras concedidas pelo governo, no Estado de Maine. Estabeleceu-se em Scarboro em 1726 e ajudou a fundar a Primeira Igreja Congregacional. A maior parte da família Harmon permaneceu na igreja de seu antepassado, mas Robert, o pai de Ellen, tornou-se metodista.

Poucas semanas antes do sexto aniversário de Ellen e Elizabeth, o periódico *Portland Advertiser* relatou: "Os madrugadores contaram [...] que o céu na manhã de ontem [13 de novembro], antes do amanhecer, ficou cheio de meteoros e traços luminosos, riscando o firmamento em todas as direções. O céu, dizem alguns, parecia estar em chamas – outros acrescentam que as estrelas pareciam estar caindo." 15 de novembro de 1833.

Foi a famosa "queda das estrelas". Mas no lar da família Harmon a pequena Ellen dormia profundamente, agasalhada na sua cama, perdendo o maior dos espetáculos.

Fabricante e Vendedor de Chapéus

Robert Harmon, pai dessa família de oito filhos, percebeu que seu negócio como chapeleiro estava se tornando uma atividade de tempo integral, e também era mais lucrativo que a agricultura. A família se mudou para Portland, entre 1831 e 1833. Ellen e Elizabeth viviam grandes aventuras infantis ao explorarem as docas e os ancoradouros com o irmão mais velho, John, ou seu pai. Os ancoradouros da rua Fore ficavam congestionados com vários tipos de embarcações: brigues, barcas, enormes veleiros, escunas e até alguns baleeiros, embora New Bedford fosse mais conhecida como o porto de pesca da baleia. Portland era notável por seu comércio com as Índias Ocidentais, e os grandes olhos cinzentos de Ellen e Elizabeth brilhavam, encantados com "os marinheiros espanhóis barbudos" e tatuagens intrincadas em todas as partes expostas do corpo. A Rua Fore era movimentada e fascinante, um lugar interessante para explorar nos momentos de lazer.

A fabricação de chapéus de Robert Harmon era um verdadeiro

negócio de família, e cada um dos filhos fazia sua parte. O procedimento era difícil e consumia tempo, com muitos detalhes até que se tornasse um produto acabado. Ellen aprendeu a modelar a copa do chapéu, e essa se tornou a sua especialidade. O preço dos chapéus variava de 75 centavos a 15 dólares, dependendo da qualidade do material usado no processo. Naquele tempo, um trabalho árduo geralmente rendia 75 centavos de dólar por hora.

Em pouco tempo se espalhou a notícia de que os chapéus eram vendidos por preço mais alto no Sul do que na região onde viviam os Harmon. Os chapéus vendidos por 90 dólares a dúzia no Norte, vendiam-se por 120 dólares a dúzia no Sul. Devido a uma grave depressão financeira nos Estados Unidos, em 1837, chapéus haviam se tornado dispensáveis artigos de luxo, e o Sr. Harmon decidiu levar seu estoque de chapéus para a Geórgia, onde esperava conseguir melhores vendas.

A família toda ajudou a aprontar os chapéus para sua longa viagem ao Sul. Cada chapéu foi cuidadosamente envolvido, provavelmente em musselina, e tudo foi colocado numa grande sacola de couro. Na manhã seguinte, a família inteira acompanhou o papai e sua preciosa carga à estação das diligências. A diligência o levaria primeiro a Portsmouth e Boston, e depois seguiria adiante, para o seu destino ao Sul.

A "Casa Elm" era uma hospedaria que servia as linhas de diligências como estação. Portland era a junção de todos os percursos feitos pelas diligências, e às vezes a Rua Federal ficava tão congestionada com as carruagens que era quase impossível passar. A melhor parte de ir à estação quando chegava uma diligência era ouvir a buzina indicando sua aproximação. Os condutores treinavam seus cavalos perfeitamente na arte de chegar à "Casa Elm" em grande velocidade, quase deslizando na hora de parar junto à porta.

A roupa dos condutores também chamava a atenção. Nada de chapéu empoeirado de caubói, nem de camisa e calças feitas em casa. Seus trajes eram comprados em lojas, com um casaco de corte sofisticado e um maravilhoso cinturão de cores vivas e brilhantes. Eles usavam até um chapéu de copa alta parecido com os que Robert Harmon fazia. Tudo para parecerem muito charmosos.

As crianças ficaram divididas entre contemplar o condutor de alto a baixo e se despedir do pai. Mas, por fim, a sacola de couro com a preciosa carga foi firmemente presa ao teto da diligência, e ele embarcou. Enquanto acenava o adeus e jogava beijos, seus olhos gravaram a imagem de sua pequena e graciosa Ellen. Mal imaginava ele quão diferente ela estaria na próxima vez em que a visse!

Tempo de Escola

Elizabeth e Ellen freqüentavam a escola da Rua Brackett, em Portland. Nem sempre a escola dispunha de livros suficientes para distribuir entre todos os alunos, e a professora muitas vezes pedia que sua melhor aluna, Ellen Harmon, lesse as lições para o restante da classe. Às vezes, inclusive, era solicitada a descer para o piso térreo a fim de ler para as crianças mais novas.

Muitos anos mais tarde, numa ocasião em que Ellen e seu esposo viajavam de trem, ela passou a ler os artigos dele em voz alta, e juntos os corrigiam. Uma senhora sentada atrás deles se inclinou para a frente e lhe deu um tapinha no ombro. – Você não é a Ellen Harmon? – perguntou a mulher.

– Sim, sou eu. Mas de onde você me conhece?

– Eu a reconheci pela voz – disse a senhora. – Freqüentei a escola da Rua Brackett, em Portland, e você costumava ir e ler as lições para nós. Entendíamos melhor quando você as lia do que quando alguma outra pessoa fazia a leitura.

As duas mulheres conversaram com prazer, recordando os bons tempos em Portland.

No terceiro ano de Ellen na escola da Rua Brackett, ocorreu um trágico incidente que mudou a vida dela para sempre. As aulas tinham acabado por aquele dia e Ellen, Elizabeth e outra menina estavam a caminho de casa. Quando atravessaram a praça, uma garota maior gritou na direção delas, muito zangada. Elas não tinham idéia do motivo pelo qual a menina estava tão furiosa, mas haviam sido ensinadas e nunca retaliar ou retribuir com a mesma moeda. Aquela menina significava problemas, e elas precisavam chegar logo em casa. Agarrando os livros com firmeza, começaram a correr. Ellen olhou para trás a fim de ver a que distância estava a garota, mas, ao virar-se, uma pedra lhe atingiu o rosto. Ela caiu ao chão, inconsciente.

Alguém que testemunhara a agressão correu para ajudar a menina, carregando-a para dentro de uma loja próxima. Quando Ellen recuperou os sentidos, ainda saía sangue do seu rosto e

nariz. Sua roupa estava empapada e um rastro vermelho se estendia pelo chão.

Não havia atendimento de emergência na época, e ela não recebeu cuidados médicos imediatos. Um freguês da loja, porém, se ofereceu para levá-la para casa na sua carruagem. Mas Ellen, mesmo em tais circunstâncias, tinha consideração para com os outros. Não querendo arriscar-se a manchar a bela carruagem do homem com sangue, disse que tudo estava bem e que ela conseguia caminhar. Nem o homem que a carregou nem o freguês que ofereceu a sua carruagem perceberam a gravidade do seu ferimento, e ambos permitiram que ela seguisse seu caminho com a irmã e a amiga. Não haviam ido longe quando, vencida pela tontura, Ellen desmaiou. A irmã gêmea e a amiga a carregaram pelo restante do caminho até em casa.

A Sra. Harmon imediatamente mandou chamar um médico e depois tirou as roupas molhadas de sangue e lavou o corpinho da filha. Quando o médico chegou, examinou-a cuidadosamente, mas nada pôde oferecer em termos de tratamento, diagnosticando com pesar que ela não viveria mais do que uns poucos dias. Outros médicos foram chamados. Um deles sugeriu que talvez um fio de prata pudesse ser colocado no nariz dela para resolver a questão da fratura. Naquele tempo, ainda não existia anestesia, e os médicos concluíram que a dor e o choque da cirurgia só apressariam a morte da menina. Assim, nada foi feito, nem mesmo para tentar remediar o estrago feito no rosto dela.

Ellen ficou em coma por três semanas. Quando gradualmente recobrou a consciência, não entendia por que estava tão enferma. Não se lembrava do acidente. Por que todos ficavam tão quietos? Por que as mulheres da vizinhança andavam na ponta dos pés ao redor da sua cama? Por que cochichavam com sua mãe?

Com base nos vagos fatos disponíveis acerca do acidente, um diagnóstico de hoje seria sem dúvida, pelo menos, de uma grave concussão cerebral, possivelmente até de um traumatismo craniano. Quebraram-se ossos tanto do seu nariz como da face, tendo o nariz sido esmagado além da possibilidade de reparo pela cirurgia primitiva disponível então. Olhando para uma foto de Ellen já idosa, um cirurgião moderno, especialista em plástica reconstrutora, logo identificaria que o dano havia causado um "nariz de sela".

Quando ficou um pouco mais forte e alerta, Ellen ouviu uma vizinha dizer algo à sua mãe a respeito do rosto dela. Por isso, ela pediu

um espelho. Uma olhada foi suficiente para concluir que seu rosto nunca mais seria o mesmo. O golpe mais esmagador, porém, veio quando o pai, retornando da viagem de vendas à Geórgia, abraçou e beijou todos os outros filhos e depois perguntou: "Onde está minha pequena Ellen?" Sentiu-se profundamente aflita porque o próprio pai não a reconhecera.

Reconstruindo a Vida

Ellen era uma criança ativa, saudável, inteligente e graciosa. Mas a vida e a aparência podem mudar num instante. E foi isso que aconteceu com ela. Deus já havia incutido nessa filha as características básicas de amor e interesse pelos outros, além de uma forte perseverança em tudo o que ela empreendia. Mesmo nessa terrível calamidade, Ele cuidara dela, pois tinha planos para a sua vida.

Depois de vários meses, ela ficou melhor e certo dia se aventurou a sair para brincar com algumas meninas da vizinhança. A maioria delas se afastou e recusou-se a brincar com ela, chamando-a de nomes feios e olhando fixamente para o seu rosto desfigurado. Essa foi a primeira vez que ela passou pela experiência de ser discriminada porque era diferente das outras crianças.

Quando as aulas recomeçaram, Ellen fez outra descoberta infeliz. As palavras nas páginas dos livros se embaralhavam diante dos seus olhos. Ela não conseguia ler. Sua mão tremia tanto que não podia escrever, e continuava tendo tonturas e desmaiando. A professora recomendou que os pais a tirassem da escola até que sua saúde melhorasse. A vida escolar de Ellen tinha acabado. Antes disso, ela havia desejado ser professora. Anos mais tarde, olhando para trás, Ellen afirmou: "A mais dura batalha da minha vida juvenil foi ceder à minha fragilidade e decidir que devia deixar os estudos e desistir da esperança de obter instrução."

Apesar de tudo, Eunice Harmon, mãe de Ellen, recusou-se a permitir que ela crescesse na ignorância. Não só lhe ensinou as coisas práticas da vida, mas incluiu um pouquinho de trabalhos escolares também. A Sra. Harmon havia sido professora antes de casar-se, e tinha decidido que Ellen receberia alguma educação. Um dos lugares preferidos de Ellen era o parque Deering´s Oak, e com freqüência podia ser encontrada lá, estudando as árvores, flores e plantas. Talvez tenha sido aí que ela desenvolveu seu amor por todo tipo de ser vivo.

Embora fossem membros leais e fiéis da Igreja Metodista, a família Harmon inteira abraçou a mensagem de Guilherme Miller, quando o ouviram pregar na igreja da Rua Casco, em Portland. Essa decisão – o regozijo na breve volta de Cristo – custou-lhes a condição de membros da igreja. Foi anotado nos registros que eles nada tinham feito de errado. Sua vida cristã não estava sendo questionada. Foi porque aceitaram a verdade da breve volta de Cristo, e isso estava em desarmonia com os ensinos metodistas. Mesmo assim, sentiam-se felizes em sua expectativa da breve vinda de Jesus.

Ellen tinha 17 anos quando o dia 22 de outubro de 1844 trouxe o Grande Desapontamento, e Jesus não veio conforme era esperado. À medida que as semanas passavam, sua irmã gêmea, Elizabeth, e seu irmão Robert desistiram da crença na volta de Jesus, embora Robert tenha posteriormente retornado à fé.

"Conte... o Que lhe Revelei"

Poucas semanas após o desapontamento, Ellen visitou uma jovem amiga, a Sra. Haines. Várias outras mulheres participaram com elas de uma reunião de oração. Quando se ajoelharam para orar, Deus deu a Ellen Harmon uma visão, mostrando a viagem do povo do advento para a Cidade de Deus, e explicando que a luz dada antes do dia 22 de outubro era genuína. Não houve explicação para o desapontamento, mas grande foi a certeza de que Deus estava dirigindo tudo.

Uma semana depois, Deus deu a Ellen outra visão. Nessa ocasião, ela foi chamada a partilhar com os outros as mensagens que recebera. O anjo de Deus lhe disse: "Conte às pessoas o que lhe revelei."

Ellen era uma jovem tímida, frágil e doentia. Deve ter olhado em volta para ver com quem o anjo falava. Com certeza, não era a ela que ele se referia! Mas a mensagem veio de novo: "Conte às pessoas o que lhe revelei."

De que jeito faria ela o que Deus lhe estava pedindo? O anjo lhe assegurou que Jesus estaria com ela e a guiaria. Com essa certeza, Ellen entregou os temores a Deus e começou sua obra para Ele.

Sim, ela estava disposta a fazer a obra de Deus. Mas como? Era jovem e achava que os crentes no advento não aceitariam as revelações de alguém com sua idade e com uma saúde física tão frágil. Sabendo que haveria uma reunião em sua casa naquela noite, ela ficou tão temerosa de relatar a visão ao pequeno grupo que literalmente fugiu de casa. Pediu que alguém a levasse de trenó à casa de uma amiga, a cinco ou seis quilômetros de distância.

Os crentes em Portland achavam que se haviam desapontado no dia 22 de outubro devido a um engano quanto ao tempo, e que Jesus ainda voltaria num futuro bem próximo. Essa também havia sido a crença de Ellen, antes da visão em que lhe foi mostrado que o tempo estava correto, mas o evento era outro. Então, ela não tinha coragem de lhes dizer algo que estivesse em oposição a esse ponto de vista. Achava que jamais creriam nela.

Para sua surpresa, um homem chamado Turner se encontrava na casa da amiga, quando ela chegou. Líder do grupo em Portland, ele também editava um jornal milerita. Na verdade, concordava com o que Deus mostrara a ela em visão, mas na época ela pensava que ele tinha uma idéia contrária.

– Você vai estar na reunião de hoje à noite na casa dos seus pais? – perguntou ele.

– Não – respondeu ela. – Definitivamente, não.

Mas ele disse que desejava ouvir acerca da visão, e achava que ela deveria estar presente. Diante disso, ela saiu correndo para um quarto no piso superior e lá passou o dia sozinha.

Ao longo do dia se sentiu perturbada por um senso de dever e de compromisso para com Deus. Havia prometido a Ele que transmitiria Suas mensagens, e agora estava com medo. Teve a sensação de que Deus a abandonara. Por fim, rendeu-se e prometeu ao Senhor que, se Ele lhe desse forças para voltar para casa, apresentaria a Sua mensagem na primeira oportunidade.

Quando chegou, a reunião havia terminado e as pessoas tinham voltado para casa.

Na reunião seguinte, realizada na casa da família Harmon, Ellen contou sua visão em pormenores. Em vez de zombar dela, os crentes ficaram felizes por saber que havia uma razão para o desapontamento. Tinham sabido por outros acerca de sua visão de Deus, e agora ouvi-la dos próprios lábios dela trouxe-lhes o grande conforto de que Deus os estava guiando.

Ainda temerosa, ela recebeu uma visita animadora do seu anjo. "Transmita a mensagem fielmente. Resista até o fim, e você comerá do fruto da árvore da vida e beberá a água da vida."

Ela entregou a vida ao Senhor, disposta a seguir Sua orientação,

fosse qual fosse o custo para si mesma. Pediu a Deus que abrisse o caminho, e ela seguiria por ele.

Transmitindo a Mensagem de Deus

A irmã de Ellen, Mary, e o esposo Samuel Foss, moravam em Poland, Maine, a 48 quilômetros ao norte de Portland. Num dia frio de janeiro de 1845, Samuel Foss foi a Portland a trabalho, e Mary insistiu para que ele trouxesse Ellen junto. Em Poland, eles ouviriam as suas visões, e Mary achava que essa seria uma boa oportunidade para que a comunidade tomasse conhecimento delas através da própria Ellen. Esse convite foi visto por Ellen como uma abertura feita pelo Senhor, e ela concordou em ir a Poland com o cunhado.

Fazia um frio cortante, e Foss viajava num trenó aberto. Para evitar congelar-se, Ellen se acomodou no fundo do trenó, coberta com uma capa de pêlos de búfalo. Enquanto isso, os crentes do advento em Poland haviam marcado uma reunião naquela noite, na propriedade dos McGuire. Ellen concordou em ir, mas quando se levantou para relatar o que lhe havia sido mostrado na sua primeira visão, sua voz saiu como um cochicho. Depois de falar por um minuto ou pouco mais, sua voz de repente ficou clara e firme, e ela falou ao povo por quase duas horas. Essa foi a primeira vez em que ela contou sua experiência a outras pessoas que não fossem os poucos crentes em Portland. Mais tarde, escreveu: "Nessa reunião, o poder de Deus veio sobre mim e sobre o povo. [...] Terminada a minha mensagem, minha voz se enfraquecia até que de novo me achasse perante o povo, quando a mesma singular restauração se repetia. Eu sentia uma constante certeza de que estava fazendo a vontade de Deus, e via assinalados resultados acompanhando-me os esforços."

À medida que aumentava a sua confiança na direção de Deus, Ellen sentia o desejo de seguir-Lhe a vontade. Fez o propósito de ir aonde Ele abrisse o caminho. William Jordan e sua irmã Sara convidaram-na para ir com eles a Orrington, Maine, a 160 quilômetros de distância. Achavam que os crentes do lugar se sentiriam abençoados por suas animadoras mensagens. Como William tinha outros assuntos para cuidar lá, aproveitou essa viagem para devolver um cavalo que tomara emprestado de Tiago White, um jovem ministro adventista.

Tiago White havia conhecido Ellen Harmon quando visitara Portland, em 1843. Aparentemente, não causou nela uma grande impressão, pois ela só se lembrava de tê-lo visto quando William Jordan veio devolver o cavalo em Orrington. Nessa ocasião, ela se sentiu favoravelmente impressionada pela firme confiança dele na mensagem do advento.

Alguns crentes no advento se envolveram com ensinos estranhos que resultaram em fanatismo. Ellen conhecia alguns deles pessoalmente e comentou: "Não são maus, porém estão enganados e iludidos. No passado, sabiam o que era certo e bom, mas agora Satanás os está enganando."

Muitos dos crentes aguardavam pacientemente pela compreensão e guia adicional de Deus. Outros não tiveram tanta paciência e foram varridos pelo ensino de que havia ocorrido uma vinda espiritual de Cristo no dia 22 de outubro, e eles estavam agora no reino. A jovem Ellen não tinha idéia, ao ir a Orrington, de que estava a ponto de ser envolvida numa cena de fanatismo demoníaco.

Alguns dos antigos crentes que ela encontrou em Orrington alegavam que Jesus havia mesmo vindo ao mundo espiritualmente, e agora estava em seus corações. Eles já estavam no reino. Depois havia os que criam que não pecavam mais, e tudo o que fizessem era dirigido por Jesus, que estava dentro deles. Em outras palavras, era perfeitamente aceitável andarem despidos pela rua, arrastar-se dentro de casa e na calçada, viver com aqueles com quem não eram casados, pronunciar uma linguagem ininteligível e muitas outras manifestações estranhas e anormais.

Quatro meses depois, quando Ellen visitou Orrington de novo, descobriu que aqueles em quem havia confiado durante sua primeira visita não mereciam confiança agora. Turner estava entre eles.

Enquanto viajava, relatando suas visões e encorajando os crentes em várias áreas, sua irmã ou algumas outras mulheres sempre a acompanhavam. Com freqüência, Louisa Foss, a irmã do cunhado de Ellen, Samuel Foss, era sua companheira de viagem. O Pastor e a Sra. Files, velhos amigos da família Harmon, muitas vezes iam com elas. Ellen nunca viajou sozinha com Tiago White.

No fim da primavera de 1845, ela foi orientada a visitar os crentes em New Hampshire. Turner soube de sua planejada viagem e foi à casa dela, oferecendo-se para levá-la aonde fosse necessário. Ele agora possuía uma carruagem linda e nova, e viajariam em grande estilo.

– Não – foi a resposta de Ellen ao insistente convite de Turner.

– Mas, Ellen – disse ele –, o Senhor me mostrou que devo ser seu acompanhante.

– Não, não mostrou – foi a firme resposta dela. – Recebi ordens especiais. O Pastor Tiago White é a pessoa em quem posso confiar.

Muitos anos mais tarde ela falou sobre o incidente. "Esse homem queria exercer algum poder sobre mim. Mas não conseguiu, porque eu não viajaria cinco metros com ele."

O Senhor a advertira de que homens viriam a ela com grande disposição de levá-la a algum lugar, mas ela não devia ir com eles. Tiago White era a pessoa em quem ela podia confiar. Ele cuidaria dela e nenhum dano lhe sobreviria.

Em New Hampshire, Ellen enfrentou pela primeira vez o "magnetismo espiritual", descrito como sendo semelhante ao mesmerismo. Em Claremont, lhe foi dito que havia duas divisões dos adventistas – um lado apegado à sua antiga fé, e o outro negando-a. Ela ficou contente por saber que pelo menos alguns eram fiéis em suas crenças. Os pastores Bennett e Bellings eram dois dos "fiéis".

Conversando com os dois homens, ela soube que eles alegavam estar santificados. Consideravam-se acima da possibilidade de pecado e achavam-se completamente consagrados a Deus. Usavam roupas caras e apresentavam uma expressão de conforto e segurança.

Então, entrou na sala um menino de uns oito anos de idade. Suas roupas estavam sujas e esfarrapadas. Foi uma grande surpresa para Ellen saber que aquele "pequeno espécime de negligência" era o filho do Pastor Bennett. A mãe ficou constrangida, mas o pai se mostrou completamente despreocupado, e continuou falando de sua grande conquista espiritual. Parecia nem mesmo notar seu filho.

Aquela "santificação" logo apareceu como realmente era. Bennett disse que a verdadeira santidade elevava a mente acima de qualquer coisa terrestre. Mas Ellen observou que "ele se sentou à mesa e comeu comida temporal".

Bennett, com ar de lástima, explicou que sua esposa permitia que as coisas terrenas afastassem sua mente de questões religiosas. Dizia ele que ela não era santificada. Ellen não se impressionou. Mais tarde, escreveu: "Aqueles que lhes seguiram os ensinos foram terrivelmente enganados e levados aos mais crassos erros. Foi-me mostrado que a vida diária desses homens estava em contraste direto com o que

diziam ser. Sob a roupagem da santificação, estavam praticando os piores pecados e enganando o povo de Deus."

Pouco depois dessa experiência, Ellen viu em visão que o fanatismo se tornava um problema real em Portland, e que ela devia voltar para casa. Quando lá chegou, encontrou o pequeno grupo em grande confusão e desânimo. Na primeira reunião após seu retorno, foi-lhe revelado em visão que Turner havia caído no fanatismo.

Quando ela saiu da visão, os que estavam presentes lhe contaram que ela falara sobre o que estava vendo a respeito do Sr. Turner. Em visão, Ellen o havia reprovado por um pecado que não era amplamente conhecido na época, mas que foi confirmado por sua esposa quando esta conversou com Ellen. A obra de Turner "levava à corrupção, em vez de à pureza e santidade". Ele, naturalmente, rejeitou o testemunho, dizendo que ela estava sob uma influência errada.

Robert e Eunice Harmon, cujo lar havia sido o local costumeiro de encontro dos crentes no advento, ficaram aborrecidos e revoltados com o fanatismo que crescia em Portland. Fecharam a casa e decidiram ficar em Poland com as duas filhas casadas até que o bom senso reinasse de novo entre os crentes.

Devido ao testemunho que Ellen dera, revelando a verdadeira condição espiritual de Turner, ele tomou o propósito de desacreditá-la espalhando mentiras que diminuiriam a influência dela e o justificariam. Foi bem-sucedido inclusive em fazer com que vários amigos e parentes se voltassem contra ela. Ellen ficou tão decepcionada e desanimada que adoeceu gravemente.

Mas o Senhor enviou cristãos fiéis para orarem com ela e por ela, e o poder de Satanás foi quebrado. Ela recebeu uma visão na qual lhe foi reafirmado que, além do seu designado anjo da guarda, o Senhor lhe mandaria outro para fortalecê-la e encorajá-la quando fosse necessário. Então lhe foi mostrada, pela primeira vez, a glória da Nova Terra. Tiago White publicou essa visão na *Present Truth* [Verdade Presente] de novembro de 1850.

"Na primavera de 1845, a autora da visão publicada nesse jornal estava muito doente, quase à morte", começava o artigo. "Foram chamados os anciãos da igreja, que seguiram estritamente a orientação do apóstolo (Tiago 5:14, 15). Deus ouviu, respondeu e curou a enferma. O Espírito Santo encheu o quarto e ela teve uma visão da cidade, do puro rio da vida, de verdes campos, das rosas de Sarom,

do cântico dos amáveis pássaros, das harpas, das palmas, dos mantos, das coroas, do Monte Sião, da árvore da vida e do Rei daquele país mencionado no hino. Um irmão tomou sua pena e, em pouco tempo, compôs o hino a partir das visões."

Esse "irmão" era William Hyde, que havia sido curado de uma enfermidade mortal e estava presente quando Ellen Harmon recebeu a visão da Nova Terra. Hyde tomou notas e, enquanto ela relatava a visão, usou-as como a base de um hino. Com o título "Já Ouvimos", foi logo publicado em vários periódicos adventistas, e Tiago White o incluiu em seu "Hinos Para o Povo Peculiar de Deus, que Guarda os Mandamentos de Deus e a Fé em Jesus", de 1849. As conhecidas palavras são encontradas no Hinário da Igreja Adventista, número 453*.

Já ouvimos da santa e resplendente terra;
Já ouvimos e nosso coração se alegra;
Fomos peregrinos solitários,
Cansados, alquebrados, pesarosos.
Dizem que os santos têm lá sua morada,
Não são mais desamparados;
Sabemos que é bela a divina terra
Onde corre o puro rio da vida.

Ellen enfrentou tantas críticas e acusações que certa manhã, enquanto a família Harmon se reunia para o culto doméstico e o Espírito de Deus começou a vir sobre ela, cruzou-lhe a mente o pensamento de que talvez aquilo fosse o mesmerismo do qual havia sido acusada. Ela resistiu ao Espírito e imediatamente ficou muda. Não teve consciência de nada por alguns minutos e depois lhe foi mostrado o seu pecado de resistir ao poder de Deus. Durante as 24 horas seguintes ela não conseguiu falar. Na visão, viu um cartão contendo 50 textos das Escrituras, escritos com letras de ouro.

Saindo da visão, por sinais pediu uma lousa, sobre a qual escreveu que não conseguia falar. Pediu a Bíblia grande e, lembrando-se de todos os textos que tinha visto na visão, procurou-os na Bíblia. Na manhã seguinte, quando lhe foi restaurada a capacidade de falar, a casa acordou com os seus brados de louvor a Deus. Nunca mais duvidou do poder de Deus ou resistiu a ele, não se importando com o que os outros pudessem pensar a seu respeito.

Essa provação marcou um momento decisivo na sua vida. Até então não lhe fora possível escrever, porque sua mão tremia a ponto de não conseguir segurar a caneta com firmeza. Naquela visão, o anjo lhe ordenou que escrevesse a informação recebida. Em visão, passou a escrever e viu que podia escrever com mão firme. A partir de então, seus nervos foram fortalecidos e a mão dela ficou firme. Podia escrever sem cansaço. Sua mão direita quase nunca se cansava e raramente tremia.

*N. da Tradutora: Hinário em inglês.

Testemunhos Perturbadores

Para Ellen, era muito difícil relatar as reprovações diretas e às vezes incisivas que Deus lhe dava para comunicar a certos indivíduos e por vezes tentava abrandar as mensagens e amaciar a censura. Depois se afligia pensando se havia enunciado a mensagem corretamente, ou se havia feito pela pessoa tudo o que podia. Muitas vezes, achava que a morte seria preferível a receber mais uma visão de conselho para outros.

Em resposta à sua opressiva aflição, Deus lhe enviou em visão uma mensagem especial: Ela viu que Jesus a olhava com o semblante carregado e depois desviava o rosto. Jesus Se desviara dela! Ah, ela não podia suportar aquilo! Deve ser assim que os perdidos se sentirão quando clamarem para que as montanhas caiam sobre eles. Então, o anjo lhe falou e a pôs em pé. Foi-lhe mostrado o que aconteceria se ela não transmistisse fielmente as mensagens de Deus.

"Diante de mim havia uma multidão de pessoas com cabelos desgrenhados e vestes despedaçadas, e cujos rostos eram a própria expressão do desespero e terror. Achegaram-se a mim, e roçaram suas vestes nas minhas. Quando olhei minhas vestes, vi que estavam manchadas de sangue."

O anjo lhe assegurou que aquele cenário ainda não se havia concretizado; era só uma advertência para mostrar que, se ela deixasse de apresentar os conselhos que Deus enviava, o sangue dos perdidos cairia sobre ela. Entendendo quão terrível seria aquele destino, ela de bom grado transmitiu as mensagens enviadas por Deus, sem levar em consideração os seus sentimentos. A graça de Deus lhe era suficiente.

Deus enviou Ellen a Paris, Maine, onde ela foi instruída a transmitir Sua advertência ao Pastor Stevens. Ele parecia ser um cristão fiel e dedicado, e algumas pessoas até criam que ele era especialmente dirigido pelo próprio Deus.

Bem, o Pastor Stevens havia convocado uma reunião para anunciar algo importante que havia "recebido", e ficou um tanto desconcertado quando viu Ellen ali. Mas abriu a reunião com oração e, quando Ellen começou a orar, foi tomada em visão. Foram-lhe mostrados os ensinos da Bíblia em contraste com os ensinos daquele homem.

Ele recusou-se a ouvir enquanto ela relatava a visão, mas as pessoas enxergaram as incoerências dos ensinos dele e entenderam que ele estava errado. Deus enviara Sua mensageira para libertar as pessoas da má influência que aquele homem exercia sobre elas. Stevens se tornara tão fanático que beirava a insanidade.

Acusava as visões como sendo do diabo, e continuou a seguir o espírito mau que o guiava, a ponto de Satanás obter o controle total de sua mente. Sua família e amigos foram finalmente obrigados a confiná-lo, e pouco tempo depois ele se enforcou com uma corda feita com os lençóis da sua cama. Abriram-se os olhos do povo, e aquele reinado de fanatismo cessou.

Depois de Ellen retornar para Portland, foi-lhe mostrado que devia ir a Portsmouth no dia seguinte e apresentar a mensagem de advertência acerca do fanatismo e de falsos ensinos ao povo de lá. Sua irmã Sara e Tiago White deviam ir com ela. Nenhum deles tinha dinheiro para pagar a passagem de trem, mas Ellen se preparou para a viagem, confiando em que o Senhor abriria o caminho. No momento em que colocou o chapéu, ouviu o primeiro apito de aviso do trem – a estação ficava a apenas duas ou três pequenas quadras de distância. Ela olhou pela janela e viu um vizinho vindo pela rua na sua carroça, conduzindo-a rapidamente. Parando em meio a uma nuvem de poeira diante do portão dos Harmon, correu para dentro da casa perguntando, agitado: – Alguém aqui está precisando de dinheiro? Fui impressionado com o fato de que alguém aqui precisava de dinheiro.

Rapidamente lhe explicaram que o Senhor os chamara para ir a Portsmouth, mas não tinham o dinheiro da passagem. Estavam prontos para ir, confiando em que Deus abriria o caminho. O fiel irmão entregou dinheiro suficiente para a viagem dos três a Portsmouth, ida e volta.

– Subam na carroça e os levarei à estação – disse ele, sem fôlego.

Os três se amontoaram na carroça que praticamente voou pela rua até a estação ferroviária. Ellen e seus companheiros mal haviam ocupado seus assentos quando o trem partiu. Sua fé foi fortalecida e eles se sentiram muito animados por aquela resposta direta à oração. A mensagem de Ellen foi aceita em Portsmouth e o povo se sentiu agradecido pela advertência e pelo encorajamento que ela lhes transmitiu.

Mais Fanatismo

Dois homens, o Sr. Sargent e o Sr. Robbins, eram líderes de um grupo de fanáticos na região de Boston. Sabendo que seu erro e engano haviam sido revelados a Ellen Harmon, eles se declararam decididamente contra as visões dela e se mostraram severos em sua censura e atitude para com quem não concordasse com eles.

Foram feitos arranjos para que Ellen e sua irmã Sara ficassem na casa de Otis Nichols, nas cercanias de Boston. Aconteceu que Sargent e Robbins foram à casa de Nichols, aparentemente pensando em pernoitar lá. Enquanto conversavam com o Sr. Nichols do lado de fora, ele mencionou que Ellen Harmon estava na sua casa como hóspede e os convidou a entrar. Imediatamente, se lembraram de algum negócio urgente que tinham em outro lugar.

Quando os dois homens saíam, Otis Nichols mencionou que ele e seus hóspedes planejavam visitar o grupo de crentes em Boston no sábado seguinte, se não houvesse objeção. Robbins e Sargent não apresentaram objeção e assim ficou combinado.

Na sexta-feira à noite, porém, Deus mostrou a Ellen, numa visão, que não haveria reunião em Boston no dia seguinte. Sargent, Robbins e outros planejaram deixar o grupo de Nichols desapontado em Boston enquanto seguiam para Randolph, na direção oposta, a fim de advertir os crentes contra Ellen Harmon e seus testemunhos. Na visão de Ellen, Otis Nichols e seus hóspedes foram instruídos a ir para Randolph, onde ela apresentaria uma mensagem que convenceria as pessoas honestas e sem preconceito de que suas mensagens eram de Deus.

Chegando à casa do Sr. e Sra. Thayer na manhã seguinte, Nichols e seus hóspedes encontraram uma grande reunião já em andamento. Quando eles entraram na casa, Sargent e Robbins olharam um para o outro com surpresa e deram gemidos audíveis. Haviam prometido que se encontrariam com Ellen Harmon em Boston. Agora ali estava ela, em Randolph. Os papéis se inverteram.

Depois de um breve intervalo entre os programas, a reunião recomeçou à uma hora da tarde, com cânticos e orações. Alguém orou

para que o Senhor dirigisse a reunião e, logo após as primeiras orações, Ellen foi arrebatada numa visão que durou quatro horas. Durante a visão, continuou a falar com voz clara, que podia ser ouvida por todos os presentes.

Sargent e Robbins ficaram exasperados e agitados ao ouvi-la falar durante a visão. Declararam que aquilo tudo era do diabo. Para banir "o poder do diabo", cantaram em voz muito alta e depois, alternadamente, falavam e liam a Bíblia em alto som para que Ellen não pudesse ser ouvida. Mas foram eles que ficaram exaustos, com a voz tão fraca devido aos gritos que não mais conseguiam ler.

A voz distinta de Ellen foi ouvida por todos na sala. O Sr. Thayer, proprietário da casa, não estava convencido de que a visão era de Deus, mas tampouco se convencera de que era do diabo. Tinha ouvido dizer que se uma Bíblia fosse colocada sobre uma pessoa que estivesse recebendo uma visão satânica, a visão se interromperia imediatamente. O Sr. Sargent recusou o convite de colocar a Bíblia sobre Ellen Harmon, de modo que o próprio Sr. Thayer tomou a Bíblia grande e pesada da família e a colocou sobre Ellen, que estava sentada contra a parede. Ela imediatamente se pôs em pé, segurando a Bíblia acima da cabeça, tão alto quanto podia, dizendo que aquele era "o inspirado testemunho de Deus".

Olhando para cima, com a Bíblia equilibrada em sua mão erguida, ela virava as páginas com a outra mão. Colocava o dedo numa passsagem, e depois a citava. Alguns na sala subiram numa cadeira para poder ver as páginas da Bíblia e verificar as passagens enquanto ela as recitava. Ficaram espantados porque ela citava cada uma corretamente.

Era quase o pôr-do-sol e as velas já haviam sido acesas quando Ellen saiu da visão, quatro horas depois.

Otis Nichols nos dá o resultado final daquele dia extraordinário:

"Satanás assumiu o controle da mente deles [dos fanáticos] e os levou a confessar publicamente alguns dos mais vergonhosos atos de sua vida, os quais tiveram o efeito de dissolver as reuniões em Randolph e separar as pessoas honestas de sua ímpia influência. Os principais dirigentes uniram-se a Sargent, Robbins e a uma turma de Boston chamada "O Grupo do Ócio", um ajuntamento vergonhoso de fanáticos totalizando uns vinte indivíduos, cujos principais ensinos denunciavam e amaldiçoavam aqueles que criam nas visões da irmã [Harmon]. [...]

"Eles continuaram juntos nessa maneira de pensar por algum tempo, um ano ou mais, quando perderam toda a fé nas doutrinas ensinadas na Bíblia e depois se separaram e se espalharam, declarando-se livres de qualquer pecado mencionado nas Escrituras."

Poucas semanas após a visão de quatro horas, Ellen visitou Randolph pela última vez. Os líderes do grupo – Sargent, Robbins e alguns outros – não confessaram seus erros. Ela precisou dizer-lhes que a maldição de Deus em breve repousaria sobre eles, e todos tomariam conhecimento disso. Aconteceu exatamente como ela dissera.

Desafiada por José Bates

Ellen e sua irmã Sara conheceram o Capitão José Bates quando assistiram às reuniões em New Bedford, Massachusetts. O capitão Bates havia acumulado uma fortuna durante sua vida como homem do mar, e a havia empregado para disseminar a mensagem do advento e a verdade acerca do sábado. Tinha ouvido acerca da Srta. Harmon e suas visões, e andava preocupado com elas. Embora nada visse nas visões que fosse contra os ensinos das Escrituras, simplesmente não podia aceitá-las. "Eu sou um incrédulo Tomé", disse Bates a Ellen. "Não acredito em visões."

Mesmo assim, Bates aproveitava toda oportunidade para interrogá-la e tentar chegar à verdade. Quando ela se encontrava em visão, ele a observava cuidadosamente para ver se podia detectar algum sinal de mesmerismo ou engano. Como resultado de suas investigações, chegou a crer que a obra dela era verdadeiramente de Deus, e aceitou as visões como tais.

Ellen considerava o Capitão Bates um genuíno cavalheiro cristão, bondoso e cortês. Ele guardava o sábado do sétimo dia, atribuindo a isso a maior importância. Ela não via a questão dessa maneira, e achava que ele errava ao enfatizar tanto o quarto mandamento.

Foi assim que Deus conduziu Seus filhos, um passo de cada vez. A despeito do grande desapontamento de 22 de outubro de 1844, esperavam que Ele os conduzisse em Seus caminhos. Ele deu a Ellen Harmon uma visão na qual ela viu Cristo ao entrar Ele no lugar Santíssimo do santuário celestial para começar outra fase do Seu ministério. Também confirmava conclusões adicionais ao estudarem as profecias da Bíblia com profundidade.

Quanto ao lugar de Tiago White na vida de Ellen, após muita oração e busca da direção divina, eles sentiram que era desejo dEle que se tornassem companheiros ao longo da vida.

A Bíblia Grande

A Bíblia "grande" que Ellen pediu no dia em que ficou muda foi a mesma "Bíblia grande" que pode ser vista hoje na sede do Patrimônio Literário de Ellen G. White, na Associação Geral. Houve um tempo em que continha os nomes de Robert e Eunice Harmon gravadas em ouro no dorso. Tantos crentes do mundo inteiro já tiveram o privilégio de segurar essa Bíblia de mais de oito quilos, que as letras se desgastaram há muito tempo. A Bíblia mede 28x45 cm e tem dez centímetros de espessura. Impressa em Boston em 1822, é uma Bíblia Joseph Teal, incluindo os apócrifos, e ilustrada com 26 gravuras. Entre o Antigo e o Novo Testamento há uma página contendo registros da família, escritos com a letra de Tiago White.

Essa é a mesma Bíblia que Ellen segurou durante uma visão por quase meia hora. Foi durante um culto doméstico na casa de seus pais que a visão ocorreu e na qual ela tomou a pesada Bíblia, segurando-a com a mão esquerda e o braço completamente estendido à altura do ombro. Essa visão ressaltava o valor e a importância do estudo da Palavra de Deus. Na época, Ellen pesava menos de 40 quilos, e tinha uma saúde tão frágil que lhe seria impossível segurar a Bíblia por sua própria força.

Era uma época de fanatismo religioso na parte leste dos Estados Unidos, com muitas pessoas alegando ter visões. A visão com a Bíblia grande foi apenas uma das maneiras que o Senhor usou para mostrar às pessoas que Ele verdadeiramente estava guiando aquela jovem e que tinha um trabalho para ela realizar.

O relato dessa experiência foi transmitido para a família, de Robert e Eunice Harmon para Tiago White, para seu filho William C. White, que a contou para seu filho, Arthur L. White, que por muitos anos foi o diretor do Patrimônio Literário de Ellen G. White.

***

Por Cima dos Troncos

Mesmo na infância, Ellen tinha essa característica especial de verdadeiramente cuidar dos outros. Um dia, enquanto ela e Elizabeth atravessavam um bosque, encontraram um tronco de árvore que não era fácil de ultrapassar. Elizabeth, que era um pouco mais pesada, disse a sua irmã: "Ajude-me a passar por cima do tronco." E Ellen a ajudou a passar para o outro lado do grande tronco. Algumas vezes, mais tarde, Ellen dizia que, desde então, vinha ajudando pessoas a passar "por cima dos troncos".

CAPÍTULO 6

William Foy e Hazen Foss: Duas Respostas Diferentes

William Ellis Foy

A multidão se comprimia no Salão Beethoven certa noite, no fim do verão de 1844, estando presente a família Harmon. Tinham se reunido para ouvir um jovem pregador relatar suas mensagens de Deus.

William Foy, um americano negro com extraordinária capacidade como pregador, estava na faixa dos vinte anos de idade em 1842, quando recebera várias visões dramáticas. A primeira, no dia 18 de janeiro, recebida numa igreja da Rua Southark, em Boston, durara duas horas e meia. Um médico presente examinou-o e relatou que não detectava vida "a não ser em volta do coração". O próprio Foy disse: "Minha respiração me deixou." Não fora instruído a revelar a mensagem da visão, embora sentisse que deveria.

Uma segunda visão lhe foi dada no dia 4 de fevereiro e durou doze horas e meia! Nessa ocasião, foi instruído a "revelar essas coisas que viste, e também advertir teus semelhantes a fugir da ira vindoura".

Havia muito preconceito contra aqueles que alegavam ter visões, bem como contra pessoas negras, de modo que era compreensível que ele hesitasse em se expor em público. Alguns dias mais tarde, porém, o pastor da igreja da Rua Bloomfield, em Boston, foi à casa de Foy e lhe pediu que fosse à sua igreja para relatar o que tinha visto. Embora temeroso de como seria recebido, concordou em contar a visão. Na noite seguinte, a igreja estava superlotada. Quando Foy se levantou para falar, seu temor o deixou de súbito e ele falou com serenidade acerca das coisas que Deus lhe mostrara. O auditório o ouviu fascinado.

Na época em que recebeu essas visões, Foy se preparava para ser ministro episcopal, embora houvesse sido anteriormente membro da Igreja Batista. Antes das visões, opunha-se à idéia de que Jesus estaria voltando em breve.

Mas depois das visões, sua eloqüente e fervorosa pregação se concentrava na proximidade do advento. O tempo era curto e ele anelava que seus ouvintes estivessem preparados para encontrar seu Salvador.

Foy passou os três meses seguintes falando em igrejas de todas as denominações, para multidões ansiosas por ouvi-lo. Enquanto descrevia as coisas celestiais que tinha visto, bem como o terno amor de Cristo por Seus filhos, muitos respondiam e se convertiam. Como precisava sustentar a família, no fim dos três meses voltou para a agricultura. Três meses depois, saiu para pregar novamente, certo de que Jesus viria muito em breve, e ele devia advertir as pessoas para que se preparassem. Quando pregava, usava os trajes do clero episcopal.

Algumas pessoas dizem que Ellen Harmon ocupou mais tarde a responsabilidade que primeiramente fora dada a Foy, mas outros que estudaram cuidadosamente os fatos históricos não concordam. Delbert Baker, um diligente pesquisador de Foy, diz: "William Foy serviu como porta-voz de Deus para o movimento do advento no período pré-desapontamento, enquanto Ellen White se tornou uma profetisa pós-desapontamento. Foy se dirigiu aos primeiros adventistas, assegurando-lhes o interesse pessoal de Deus, animando-os para que prosseguissem rumo a um maior reavivamento e mais profunda reforma. Expôs verdades oportunas que mais tarde, se houvessem sido entendidas, teriam poupado o povo do Grande Desapontamento, ou pelo menos o teria preparado para ele. Foy recebeu um número limitado de visões com um objetivo definido. Ele nunca deu a entender que seu papel profético se estenderia além de 1844 ou que receberia mais visões.

"Uma generalização enganosa freqüentemente feita é que, se Foy é aceito como um verdadeiro profeta do movimento do advento (pré-Adventista do Sétimo Dia), devia ser também profeta do movimento Adventista do Sétimo Dia para todo o tempo restante. Essa crença, embora compreensível, não encontra um genuíno respaldo."

As evidências parecem indicar que William Foy recebeu uma mensagem específica para um tempo determinado, e que ele cumpriu fielmente a tarefa que lhe fora dada por Deus.

Pouco depois de sua visão em dezembro de 1844, Ellen foi com seu pai ouvir a pregação de Foy em Cape Elizabeth, Maine. Ela o descreveu como sendo muito alto, de pele levemente escura e usando um manto episcopal. Ficou fascinada com as experiências dele.

A Sra. Foy sentou-se ao lado de Ellen Harmon durante o sermão.

Ela estava nervosa e ansiosa, e olhava fixamente para o esposo, movendo silenciosamente os lábios enquanto repetia as palavras depois dele. Esse hábito dela o distraía e perturbava, e ele pediu que ela se sentasse onde ele não lhe visse o rosto. Ele proferiu uma poderosa mensagem e Ellen ficou feliz por ter estado lá.

Falando dos testemunhos dele, Ellen relembrou: "Foram escritos e publicados, e é estranho que não os encontre em nenhum dos meus livros. Mas nos mudamos tantas vezes [e devem ter sido extraviados]."

Então, fez a Foy um significativo elogio: "Foram notáveis os testemunhos que ele apresentou."

Ela, aparentemente, aceitava a experiência dele como genuína.

Em pelo menos uma ocasião, Foy foi ouvir Ellen Harmon falar. Ela não sabia que ele se encontrava no auditório até que começou a falar das coisas celestiais que vira – cenas familiares que o próprio Foy tinha visto em visão. Ele se sentiu tão arrebatado com o que ela dizia que, de repente, deu um grande brado de alegria, saltou do assento e começou a louvar o Senhor. Como o teto da sala era um pouco baixo, e Foy era bem alto, Ellen ficou um tanto alarmada achando que ele bateria no teto enquanto dava pulos. Mas Foy continuou exclamando que o que ela relatava era exatamente o que ele tinha visto. Ele sabia que não havia jeito de falsificar uma experiência como aquela – a dela era genuína.

Como Ellen recordou, "Ele louvava o Senhor, ah! Simplesmente louvava o Senhor".

Hazen Foss

A irmã de Ellen Harmon, Mary Foss, convidara-a para relatar sua primeira visão numa reunião em Poland, Estado de Maine. Foi lá, em janeiro de 1845, que ela conheceu o cunhado de Mary, Hazen Foss. Ele foi descrito como "um homem de fina aparência, conversa agradável e educado".

Ele contou a Ellen sua história. Algum tempo antes da primeira visão de Ellen, Deus dera a ele – Hazen Foss – a mesma visão. Fora instruído a contar aos outros o que Deus lhe mostrara. Mas Hazen ainda sofria com o desapontamento do dia 22 de outubro. Sabia que qualquer pessoa que alegasse ter uma visão de Deus estaria sujeita a muito escárnio, e se recusou a relatar a visão.

Mas o Senhor explicou que lhe daria outra oportunidade. Talvez tenha dito algo como: "Bem, Hazen, sei que você está desapontado porque Meu Filho não apareceu quando você achava que Ele viria. Houve equívocos na interpretação da profecia, mas Ele virá em breve. Dar-lhe-ei outra oportunidade de Me obedecer e transmitir a mensagem que lhe dei para o povo. Mas, querido Hazen, preciso dizer-lhe que se você se recusar outra vez, Eu a darei a outra pessoa. Alguém que possa ser considerado o mais fraco dos fracos."

Mesmo com uma advertência tão tremenda, Hazen ainda achava que não suportaria o desprezo de que seria objeto, se tentasse apresentar uma visão de Deus. Recusou a responsabilidade. Uma sensação estranha lhe sobreveio e ele ouviu uma voz dizer: "Contristaste o Espírito do Senhor."

Assustado e horrorizado diante do que havia feito, disse ao Senhor que relataria a visão. Convocou imediatamente uma reunião dos crentes no advento e lhes contou sua apavorante experiência. Depois de explicar o que lhe havia acontecido, tentou descrever o que Deus lhe mostrara – mas aquilo havia desaparecido de sua memória. Não se lembrava de uma única palavra. Diz-se que tudo o que ele pôde dizer foi: "Foi-se de mim. Nada posso dizer. O Espírito do Senhor me deixou."

Aqueles que lá estiveram disseram que foi a mais terrível cena que já haviam testemunhado.

Quando Hazen contou isso a Ellen Harmon naquela manhã em Poland, disse-lhe que, na noite anterior, ele se encontrava do lado de fora da porta na casa dos McGuire, onde ela dera seu testemunho. Ouvira todas as palavras dela e descobrira que as coisas maravilhosas que Deus lhe mostrara tinham sido primeiramente mostradas a ele.

"De agora em diante", disse ele com tristeza, "serei como um morto para as coisas espirituais. As visões foram tiradas de mim e dadas a você. Sou um homem perdido – um homem perdido. Você é a escolhida de Deus. Ah, Ellen, seja fiel ao fazer a obra dEle. A coroa que eu poderia ter tido, você a receberá."

Notícias de anos posteriores dizem que, embora Hazen Foss tenha vivido mais de 70 anos, nunca mais teve qualquer interesse em assuntos espirituais. Em todos aqueles anos conviveu com a certeza de que nunca seria admitido na Cidade Santa, nunca andaria nem conversaria com Jesus, nunca veria o cordeiro e o leão deitados juntos, nunca comeria da árvore da vida nem se assentaria à longa mesa repleta com a fartura do Céu, mas com agonia de consciência e ranger de dentes seria lançado no lago de fogo.

CAPÍTULO 7

Heman S. Gurney: O Ferreiro Cantor

Após cuidadoso estudo, Heman S. Gurney, ferreiro, aceitou os ensinos de Guilherme Miller sobre a breve volta de Cristo.

Não se sabe muito acerca do Sr. Gurney, mas duas coisas parecem certas: era bem jovem quando ouviu Ellen Harmon falar pela primeira vez, e nunca fazia coisa alguma sem cuidadosa deliberação e planejamento.

Sabendo que uma jovem estava para visitar New Bedford e contar algumas de suas experiências cristãs incomuns, ele foi ouvi-la. Assustou-se um pouco por ser ela tão jovem, mas ficou impressionado ao ver uma cristã humilde e sincera. Não pôs defeito na aparência dela nem no que ela dizia, mas se revelou cauteloso demais para simplesmente aceitar sua mensagem. Era uma época de fanatismo religioso nos Estados Unidos, e algumas pessoas alegavam ter visões do Senhor. Gurney decidiu verificar isso por conta própria. Teria Ellen Harmon recebido nova luz ou seriam falsos aqueles ensinos?

Decidido a fazer pessoalmente uma investigação, Heman imediatamente deixou sua atividade como ferreiro e fez uma viagem até Maine para averiguar os fatos. Chegando a Portland, de diligência, perguntou pelo endereço da família Harmon. Robert Harmon, pai de Ellen, recebeu-o calorosamente. Depois de apresentar-se, disse ao Sr. Harmon que tinha vindo por duas razões: para conversar com ele, e especialmente conhecer sua filha Ellen, e tomar conhecimento das visões dela. O Sr. Harmon ficou contente em conhecer o jovem Gurney e apreciou seu sincero interesse na experiência de Ellen. Depois de conversar com Ellen e sua família, uma vez mais Gurney ficou impressionado com a genuinidade do testemunho de Ellen, suas visões e sua experiência com o Senhor.

A seguir, conversou com vizinhos, amigos e auxiliares de Ellen e sua família. Cada um confirmava que ela era exatamente como parecia – conscienciosa, abnegada e comprometida em levar avante a obra que o Senhor lhe pedira que realizasse.

Ao aprender mais a respeito dela, Heman se convenceu acerca do chamado divino de Ellen Harmon e aceitou prontamente suas visões como sendo de Deus. Convencido de que Deus havia chamado a Srta. Harmon como Sua mensageira, o Sr. Gurney pagou a metade dos custos de impressão do folheto que relatava sua primeira visão. A outra metade foi paga por um jovem pregador chamado Tiago White.

Mares Perigosos

Ellen Harmon, sua irmã Sara e irmã Ashley visitavam Fairhaven, Massachusetts, quando Heman Gurney sugeriu que fossem todos a West Island. (Uma ilha bem pequena, considerando que só duas famílias moravam lá – os Hall e os Sherman.) Quando Heman chegou, na hora do almoço, Sara lhe disse que não poderiam ir, porque Ellen estava doente. Ele retornou ao trabalho, voltando no meio da tarde, mas a notícia era de que ela continuava doente e, portanto, não iriam. Heman perguntou se havia algum outro motivo pelo qual não poderiam ir. A resposta foi negativa.

Sugeriu que orassem e pedissem ao Senhor que curasse Ellen. Assim oraram, e Ellen imediatamente se sentiu melhor. Dentro de pouco tempo estavam descendo o rio na direção da baía Buzzard. Estavam todos alegres e felizes, cantando alguns dos hinos favoritos.

Pouco depois, o jovem Gurney lhes chamou a atenção para o tempo. – Estou um pouco preocupado com esse céu – disse ele, ansioso. – Parece que pode cair um temporal a qualquer momento.

Dito e feito; eles não haviam ido muito adiante quando uma feroz tormenta se abateu sobre a água. As ondas ficaram encapeladas e o pequeno barco parecia rodeado por um caldeirão trovejante. Heman, com o maior esforço, tentou ajustar as velas, e todos procuravam ao redor por algo com o que pudessem tirar a água que entrava pelas laterais do barco. Parecia certo que todos estariam perdidos se o Senhor não operasse um milagre.

Ajoelhando-se no fundo do barco, Ellen começou a orar para que

Deus os salvasse. Enormes ondas se quebravam sobre eles. Brilhantes relâmpagos estalavam ao seu redor. A história não nos dá pormenores desses minutos aterrorizantes, mas podemos imaginar que Heman fez o seu melhor para manter o barco flutuando enquanto as mulheres tentavam tirar a água com baldes e lutar pela vida. Quando parecia não haver esperança de sobreviverem, Ellen foi tomada em visão.

Relatando a cena posteriormente, ela disse: "Vi que seria mais fácil secar-se toda a água do oceano do que algo nos acontecer, pois meu trabalho tinha apenas começado."

Depois da visão, os temores de todos se desvaneceram. O vento levou seus cânticos de louvor para o céu escuro, mesmo enquanto o pequeno barco era jogado pelas espumantes ondas. Estava tão escuro que não podiam ver uns aos outros de uma extremidade do barco à outra. Gurney tentou ancorar, mas não conseguiu.

Por fim, a tormenta começou a amainar e o barco tomou o rumo da terra – felizmente era West Island. Novamente, Gurney tentou lançar a âncora. Dessa vez deu certo. Então pensaram em pedir ajuda, pois a quilha do barco não permitia que se aproximassem o suficiente para descer na praia. A essa altura, já era muito tarde e todos na ilha dormiam. Todos, isto é, com exceção de uma garotinha. Ela ouviu os gritos de socorro e correu para acordar seu pai, que saiu para resgatá-los na sua canoa. Os quatro jovens passaram o restante daquela noite rendendo graças e louvores a Deus por tê-los livrado maravilhosamente de morrer naquela travessia.

A Força Está nos Pequenos

Numa outra ocasião, Heman Gurney estava novamente em West Island, ajudando o Sr. Sherman e o Sr. Hall a fazer alguns trabalhos. O Sr. Sherman havia dito ao jovem Gurney que se sentisse à vontade para tomar seu barco emprestado sempre que quisesse ir para casa para uma visitinha.

Certa tarde, sentindo-se um pouco saudoso, obteve a permissão do Sr. Sherman para ir de barco ao continente a fim de ver seus pais. Retornaria no dia seguinte. A neblina já se havia instalado sobre as águas, mas ele conhecia o caminho tão bem que não tinha medo de perder-se. Após velejar por um percurso que lhe pareceu de quase cinco quilômetros, de repente ouviu uma voz gritando: – Vire seu leme! Vire seu leme!

Traduzida, a voz queria dizer: "Saia do caminho, seu idiota!"

Abaixando-se rapidamente para ver sob a vela, Gurney viu um barco praticamente em cima dele. Tentou livrar-se, mas foi atropelado. Seus mastros e cordames foram arrastados e seu barco ficou parcialmente virado.

Os marinheiros do outro barco puxaram Gurney para fora da água e o colocaram a bordo. Pobre Heman! Como se sentiu embaraçado ao tentar explicar o que fazia num pequeno barco num dia tão nevoento. Os homens tentaram levar o barquinho a reboque, mas após uma curta distância a corda se rompeu e tiveram de deixá-lo à mercê dos ventos e das ondas. Gurney ficou angustiado. Tinha certeza de que, se o barco fosse encontrado, seria na extremidade baixa de West Island, desfeito em pedaços nas rochas.

O barco que o atropelou e depois o resgatou de um naufrágio nas águas agitadas levou-o a New Bedford. Temendo que seus amigos de West Island ficassem preocupados com ele, Heman passou rapidamente por sua casa para pegar outro chapéu – havia perdido o dele quando caiu na água – e depois seguiu apressado o seu caminho. A saudade se transformara em apreensão e em medo ao pensar no que diria ao Sr. Sherman. Como explicar que o barco de estimação de seu amigo se perdera ou se despedaçara contra as rochas?

Cerca de uns oito quilômetros pela praia, viu-se de frente para West Island. A essa altura já estava quase escuro, mas ele conseguiu encontrar um canoeiro da região que o levasse para o outro lado, ao atracadouro da família Hall. A travessia foi feita com segurança, e o bom samaritano que o levou para o outro lado pôde voltar antes que ficasse escuro demais.

Heman não soube ao certo por que teve a idéia, mas decidiu verificar o atracadouro antes de ir para casa. Ali estava o pequeno barco a vela, devidamente amarrado e seguro no seu lugar costumeiro. Ele nem acreditou no que via! Como pôde acontecer aquilo? Examinou-o bem devagar, da popa à proa. Parecia impossível, mas não se via dano nenhum. Foi um Heman Gurney perplexo mas agradecido que dormiu profundamente naquela noite, a despeito do dia aflitivo.

Na manhã seguinte, sabia que teria de enfrentar o Sr. Sherman. Depois da troca de cumprimentos, ele conseguiu gaguejar: – Bem... humm... vejo que o senhor encontrou seu barco em boas condições.

– Encontrei meu barco? – perguntou o homem, intrigado. – O que você quer dizer? Ele está ali, no lugar.

Com um suspiro, Heman explicou o episódio.

O Sr. Sherman nem pensou mais no barco depois que Gurney partira nele; nem mesmo soube que estivera perdido. Mas ali estava ele, no seu lugar, intacto, são e salvo.

Um recife rodeia West Island. Na maré baixa algumas pontas ficam visíveis, mas na maré alta são cobertos. Há um canal só – com uns dez metros de largura – através do qual os barcos podem passar com segurança. No cais, as pedras foram removidas, formando uma trilha lisa de uns cinco metros para puxar um barco.

Aquilo era realmente um enigma. Tanto o jovem quanto o senhor Sherman sabiam que não havia jeito de o barco ter passado pelo estreito canal que levava ao atracadouro. Mesmo que tivesse, não havia ninguém ali para conduzi-lo e amarrá-lo.

Na mente de Heman não havia dúvida de que "um agente invisível" se encarregara do barco a partir do ponto onde ele o havia abandonado. Sentiu-se humilde e reverente ao pensar que anjos celestiais foram incumbidos de cuidar do barco para ele. Anos mais tarde, seu grato comentário era: "Só posso creditá-lo ao fato de que anjos são espíritos ministradores enviados a serviço dos que hão de herdar a salvação."

Heman S. Gurney foi um homem de oração, bem como de ação. Em seus escritos, Ellen White menciona várias vezes que ele estava presente quando se faziam orações pela cura de enfermos. O principal tema da sua vida era contar a outros sobre a volta do Senhor, e ajudá-los no seu preparo.

Gurney era talentoso não só com as tenazes e a bigorna, mas tinha uma bela voz para cantar; voz que freqüentemente se ouvia enquanto ele trabalhava na sua oficina de ferreiro. Conhecido nos círculos mileritas e adventistas como o ferreiro cantor, era muito requisitado como solista em reuniões evangelísticas.

Um numeroso grupo de guardadores do sábado se estabeleceu em Mênfis, Michigan, e o Sr. e a Sra. Gurney se mudaram para lá em 1866. Por 30 anos ele foi ancião da igreja local, cuidando do rebanho, fazendo seus os interesses e problemas deles. Atuou inclusive como presidente da Associação de Michigan em 1869. Era muito amado tanto pela igreja como pela comunidade.

Por fim, sua saúde começou a declinar, e chegou o momento em que ele teve de transferir seus deveres a outra pessoa. Faleceu no dia 4 de agosto de 1896, e foi levado ao descanso com a certeza da "bem-aventurada esperança" de encontrar seu Senhor quando Ele vier para buscar os Seus.

Do início ao fim, a história da vida desse dedicado pioneiro é um lembrete de que a força das igrejas adventistas do sétimo dia está na vida e obra das "pequenas" pessoas – aquelas que são desconhecidas e não celebradas, mas que discretamente tratam dos negócios de seu Pai, conquistando muitas outras pessoas para o Seu reino.

A revista *Review and Herald* publicou um artigo escrito pelo Sr. Gurney na edição do dia 3 de janeiro de 1888. Com o título "Lembranças do Início da Experiência Adventista", encerra com estas palavras: "Ah, quem dera que nosso povo ainda sentisse o espírito de consagração e sacrifício que tanto se manifestava no início desta mensagem! Então testemunharíamos esforços maiores na disseminação desta obra. A mão guiadora de Deus se manifestaria com grande poder. A obra seria abreviada em justiça, e logo o povo de Deus se levantaria triunfante e vitorioso."

Heman S. Gurney – o ferreiro cantor. Um homem que se dispunha a interromper suas atividades para ajudar outros e espalhar as boas-novas do breve retorno de Jesus. Sim, ele ficou desapontado porque Jesus não veio em 1844, mas viveu uma vida plena e útil na bendita esperança de que Cristo viria, e viria logo.

Mais de 160 anos já passaram desde 1844. Nós, porém, podemos igualmente viver com a bendita esperança de que não vai – não pode – demorar muito mais até que Jesus volte e leve Seus filhos para aquele lar que lhes preparou.

Olhando para a "bem-aventurada esperança e o glorioso aparecimento do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo", sabemos que "esse Jesus... virá do modo" como ascendeu ao Céu.

O hino preferido de H. S. Gurney era "Sou Peregrino e Forasteiro"*. Um dia, em breve, teremos a oportunidade de conhecer o ferreiro cantor na Terra renovada. Naquela terra gloriosa não haverá peregrinos nem forasteiros, e Heman Gurney terá um novo cântico para cantar, o cântico de Moisés e do Cordeiro.

* N. da Tradutora: Hino 334 do Hinário Adventista do Sétimo Dia, em português.

Mais Sobre Gurney

Gurney teve duas experiências envolvendo barcos a vela. Às vezes são confundidas e reduzidas a uma só história. Ambas foram apresentadas neste capítulo e deve-se entender claramente que foram incidentes separados, em ocasiões diferentes, envolvendo barcos a vela.

***

A família Hall que morava em West Island é a mesma família Hall que aceitou o sábado depois que o Sr. Hall encontrou José Bates na ponte e o cumprimentou com a pergunta: – Alô, irmão Bates! Qual é a boa notícia?

A resposta de Bates veio como um choque para Hall. – A boa notícia é que o sétimo dia é o sábado. – Hall estivera estudando e orando por mais luz, e não demorou muito para aceitar que o sétimo dia da semana fora separado por Deus como santo. Hall guardou o sábado seguinte após o seu encontro com Bates.

Hall e sua esposa deram ao filhinho o nome de José Bates Hall, em homenagem ao Pr. Bates.

***

Quando Bates e H. S. Gurney fizeram a viagem evangelística para o Sul em 1844, Gurney abandonou seu emprego a fim de viajar. A empresa para a qual trabalhava lhe devia cem dólares em salários. Quando Gurney tentou cobrá-los, o proprietário disse que a saída repentina dele causara um prejuízo de cem dólares aos negócios e assim se recusou a pagar.

Andando pela rua dois anos mais tarde, em 1846, quem teria Gurney encontrado senão seu antigo empregador? Ficou surpreso quando o homem o parou e, com expressão embaraçada, disse: – Escute, Gurney, sei que realmente lhe devo aqueles cem dólares, e vou pagá-los agora mesmo. Estou envergonhado da forma como o tratei.

Com isso, entregou ao atônito Sr. Gurney cem dólares em dinheiro vivo.

Como Gurney nunca esperou recuperar o valor daquela dívida, considerou-a como "dinheiro encontrado". Pensou em José Bates e seu panfleto sobre o sábado. A ação seguiu o pensamento, e ele se apresentou na gráfica onde o panfleto de Bates acabava de ser impresso. Pedindo que o impressor não revelasse a sua identidade, pagou o saldo devedor dos folhetos do sábado.

Até o dia de sua morte, José Bates não soube que fora Gurney quem pagara aquela conta. Mas viu naquilo a mão generosa do seu Pai celestial. Como sempre dizia à esposa Prudence: "O Senhor proverá." Que surpresa será quando Bates e Gurney se cumprimentarem na Nova Terra e Bates descobrir que foi Gurney quem pagou secretamente aquela conta!

Para saber mais sobre Heman Gurney, veja o capítulo 3 (José Bates).

CAPÍTULO 8

Tiago e Ellen White:
Eles Trabalharam Juntos

Confortavelmente acomodada na sua espaçosa sala de trabalho em Elmshaven, Ellen White estava pronta para a entrevista que havia prometido ao filho, W. C. White, e à secretária dela, C. C. Crisler. Aquela breve reunião tinha que ver com algumas coisas da história passada da família White, incidentes que somente ela conhecia ou tinha vivenciado. Willie fez a primeira pergunta:

– Conte-nos, mamãe, como foi que papai a pediu em casamento.

Aqui está a interessante resposta que ela deu:

– Vínhamos percorrendo o interior por cerca de um ano, atendendo convites para que eu relatasse minhas visões. Você sabe, Willie, que minha irmã mais velha ou alguma outra mulher que servisse como acompanhante sempre viajava comigo. Tiago ia conosco para conduzir o trenó ou a charrete, dependendo do clima. Porém, finalmente as más línguas começaram a tagarelar e minha mãe ouviu as fofocas. Mandou um recado para que eu voltasse imediatamente para casa.

Pouco tempo depois, Tiago a procurou e fez um breve discurso:

"Sabe, Ellen, estão comentando alguma coisa e preciso me afastar por um tempo. Você terá de se arranjar da melhor maneira que puder. Ou então devemos nos casar. Mas alguma coisa precisa ser feita!"

– E assim nos casamos.

Então ela acrescentou:

– E ainda digo que ele é a melhor pessoa que conheci.

Anteriormente, o Senhor lhe havia mostrado que ela estaria segura com o Pastor Tiago White, mas até aquele momento nenhum deles havia pensado em casamento, pois criam que diante do breve retorno de Cristo seria errado casar-se. Mas Tiago não permitiria que a

A.F.C.

reputação dela fosse manchada. Discutiram o assunto e descobriram que já se haviam afeiçoado bastante um ao outro.

Ellen nos conta: "Não foi senão quando o assunto do casamento foi levado ao Senhor por ambos [nós dois], e passamos por uma experiência que colocou a questão fora de qualquer dúvida, que demos esse importante passo."

É bem provável que, a essa altura, Tiago já não quisesse entregar Ellen aos cuidados de algum outro, ou deixar que ela se arranjasse "da melhor maneira". No que lhe dizia respeito, ela também já confiava nele a ponto de não se dispor a permitir que ele se afastasse "por um tempo".

Anteriormente, depois de convencer-se de que Deus na verdade falava através de Ellen Harmon, Tiago sentiu-se inclinado a oferecer sua colaboração à equipe Harmon. Ele fazia os arranjos para as reuniões, ajudava com o transporte e a bagagem e ainda cuidava para que nenhum dano sobreviesse a Ellen. Ela nunca viajava sem a companhia de pelo menos uma mulher, e freqüentemente havia duas ou três.

O namoro deles pode não ter sido impetuosamente romântico, mas obviamente ambos nutriam grande respeito e afeição um pelo outro. Muitos anos mais tarde, recordando seu casamento, Tiago disse: "Ela tem sido meu diadema de júbilo de lá para cá."

Tiago e Ellen casaram-se no dia 30 de agosto de 1846 perante um juiz de paz. Nenhum deles escreveu qualquer coisa sobre seu casamento. Tiago White era pregador itinerante, tendo sido ordenado como ministro na Conexão Cristã. Em vista de não pertencerem formalmente a uma igreja (a família Harmon havia sido desligada do rol de membros da Igreja Metodista devido à sua crença na breve volta de Cristo), bem como por causa de sua extrema pobreza, é bem provável que a única cerimônia tenha sido a do casamento civil.

O casal era muito pobre e morou por algum tempo com os pais de Ellen em Gorham, Maine. Seu primeiro filho, Henry Nichols, nasceu lá no dia 26 de agosto de 1847, quase exatamente um ano após se haverem casado.

Tiago e Ellen dependiam decididamente do Senhor para guiá-los em sua importante obra de disseminar as novas da segunda vinda de Jesus, bem como da mensagem do sábado. Começaram a guardar o sábado depois de ler o folheto de José Bates sobre o assunto. Poucos meses depois, Deus deu a Ellen uma visão na qual ela viu a lei de Deus na arca do santuário celestial, com um halo de luz ao redor do quarto mandamento. Essa visão fortaleceu a confiança dos adventistas guardadores do sábado e lhes deu uma compreensão melhor da importância do sábado.

A primeira das seis "conferências do sábado" foi realizada em Rocky Hill, Connecticut, na casa de Albert Belden, pai de Stephen Belden, que mais tarde se casou com Sara, irmã de Ellen. A reunião aconteceu na "grande sala não concluída" da casa de Belden. Na tarde de sexta-feira chegaram outros adventistas guardadores do sábado. Havia também alguns poucos que ainda não tinham aceitado o sábado. A sala se mostrou adequada para acomodar as 50 pessoas que foram assistir à conferência, uma das quais era José Bates, que "apresentou os mandamentos de maneira clara e convincente". O Deus a quem serviam providenciou o dinheiro para que Tiago e Ellen White assistissem a todas as seis conferências sobre o sábado, chamadas assim porque foram organizadas pelos "amigos do sábado".

Como o casal White não tinha um lar fixo, Albert Belden e sua esposa os convidaram para morar na sua grande sala vazia, mandando-lhes o dinheiro para o transporte até Rocky Hill. Isso lhes respondeu às orações sobre aonde deveriam ir e o que o Senhor queria que fizessem. Uma bênção adicional foi a presença da Srta. Clarissa Bonfoey, que havia cuidado do bebê Henry no verão anterior, enquanto os pais dele assistiam à conferência do sábado. Os pais de Clarissa haviam morrido recentemente, deixando-a com móveis suficientes para montar uma casa. Ela sugeriu levar seus móveis para ir morar com o casal White. Ela teria um lar e, quando a Sra. White precisasse viajar com o esposo, o bebê Henry teria uma babá. Clarissa era uma cristã alegre e feliz, e o arranjo acabou sendo admirável para todos os envolvidos.

A quinta das seis conferências do sábado foi realizada em Topsham, Maine. Lá, o casal White ficou na casa de seus amigos, os Howland. Dois meses depois, apenas, foi convocada outra reunião em Dorchester, Massachusetts, e Tiago e Ellen enfrentaram uma

decisão aflitiva. Com a chegada do inverno, as viagens eram difíceis, e a família Howland insistiu para que deixassem o bebê Henry aos seus cuidados.

Com muita oração e lágrimas, os pais chegaram à conclusão de que era melhor aceitar a sugestão da família Howland e deixar com eles seu pequeno Henry de 15 meses. Quando o casal White tristemente o deixou naquele dia de inverno, não tinha idéia de que ele moraria com os Howland até os seis anos de idade.

O Sr. e a Sra. Howland e sua filha Frances amavam Henry como se lhes pertencesse. Dedicaram-lhe o mesmo amor e a criação que seus pais lhe teriam dado, e ele cresceu como uma criança ativa e bem comportada. Ellen deve ter tido alguns dos mesmos sentimentos de Ana, mãe de Samuel, ao deixar seu único filho aos cuidados de outra pessoa, vendo-o apenas algumas vezes por ano. Seu coração se afligia ao deixar o filhinho que aprendia a falar e a descobrir todas as coisas comuns da vida. Mas o Senhor lhe mostrara que nem mesmo seu filho poderia interpor-se no caminho dos deveres dela como mensageira Sua.

Um Pequeno Jornal

Através de uma visão, Deus mostrou a Ellen que Tiago devia começar a publicar um pequeno jornal. Teria bom êxito desde o início, como lhe fora mostrado, e logo esse pequeno jornal cresceria até se tornar como torrentes de luz circundando o mundo.

Mas Tiago nunca tinha feito algo nem mesmo remotamente parecido com isso, e não sabia como começar. Além disso, não tinha dinheiro. Mal tinham o suficiente para colocar alimento sobre a mesa, ainda que morando em casa emprestada. Para Tiago, foi difícil avançar pela fé e começar a preparar esse pequeno jornal.

Foi, porém, exatamente isso o que ele fez. Deu ao jornal o nome de *Present Truth* [A Verdade Presente]. Encontrou um tipógrafo em Middletown, Connecticut – Charles Pelton, que se dispôs a assumir o risco representado por aquele jovem e desconhecido pregador chamado Tiago White. O Sr. Pelton assinou o contrato para imprimir quatro edições de mil exemplares cada, por um total de 64,50 dólares. Além disso, generosamente concordou em que o Sr. White lhe pagasse à medida que chegasse o dinheiro enviado pelas pessoas que receberiam o jornal. Certamente, Deus estava dirigindo aquele empreendimento que começava a ser concretizado.

A essa altura, o casal White ainda morava na casa dos Belden, em Rocky Hill, a 13 quilômetros de Middletown. Várias vezes por semana Tiago White percorria os 13 quilômetros pelo ondulado vale do rio Connecticut para acompanhar o progresso do trabalho, e depois caminhava os mesmos quilômetros de volta para casa. Não possuía cavalo nem charrete, e o "Expresso Canelinha" (caminhada) era o único meio de chegar lá.

Um dia, o Sr. Pelton deu a boa notícia: – Sr. White, seu jornal ficará pronto para entrega depois de amanhã. Nesse dia, poderá pegar seus mil exemplares.

Tiago fez essa viagem à tipografia de Pelton com o cavalo e a charrete de Albert Belden, emprestados para que pudesse trazer a edição completa, as mil cópias.

Ao chegar, foram necessárias várias viagens carregando jornais escada acima para levar todos os jornais até seu quarto. Mil exemplares de jornais empilhados cobriam um bocado de espaço no chão. Quão emocionante foi ter, por fim, a primeira edição do pequeno jornal já pronta! Tiago, Ellen e Clarissa ajoelharam-se junto às pilhas de jornal e pediram que Deus enviasse a Sua bênção com cada um, tocando o coração de cada leitor. Oraram para que o jornal fosse não apenas um sucesso, mas uma grande bênção para todos os que o lessem.

Também oraram para que Ele abençoasse a obra de publicações que estava começando. Ajoelhados diante da primeira edição do pequeno jornal, não tinham idéia do extraordinário empreendimento que ele se tornaria e do que significaria para milhões de crentes nos anos seguintes.

Naquela noite, o casal White e Clarissa, e talvez alguns membros da família Belden, passaram várias horas dobrando e colocando endereços nos jornais. É claro que não foi possível endereçar todos naquela primeira noite. Mas, na manhã seguinte, Tiago pegou uma velha sacola que alguém lhe dera, encheu-a com os jornais que já estavam prontos para o envio e percorreu a pé os familiares 13 quilômetros até o correio de Middletown. A obra de publicações estava lançada. Isso foi em julho de 1849.

Poucos dias depois, Ellen deu à luz seu segundo filho. Recebeu o nome de Tiago Edson – Tiago por seu pai, e Edson talvez em homenagem a Hiram Edson, o fazendeiro-pregador de Port Gibson, Nova York, que era um amigo do casal.

O jornal foi recebido como um amigo nos lares dos crentes espalhados e, à medida que liam, enviavam dinheiro para pagar a publicação. Assim, Tiago White conseguiu pagar a Charles Pelton a primeira prestação de *A Verdade Presente*.

Esse foi o começo da obra mundial de publicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia, numa humilde tipografia em Middletown, Connecticut. *A Verdade Presente* se tornou por fim o órgão oficial da igreja – *The Advent Review and Sabbath Herald*. Publicado continuamente por mais de 156 anos, já passou por algumas variações do nome original. Hoje é conhecido como *The Adventist Review*.

Houve muitos anos de lutas para cobrir todas as despesas de produção e distribuição, sem mencionar a publicação do jornal da igreja em vários lugares diferentes. A princípio, o jornal precisava ser impresso em gráficas comerciais. Isso nem sempre era satisfatório, e a comissão de publicações decidiu que era necessário ter sua própria gráfica. Além de resolver outros problemas, o jornal que anunciava o sábado não mais seria impresso aos sábados, como algumas vezes aconteceu.

A comissão decidiu estabelecer uma casa publicadora em Rochester, Nova York. Com cerca de 600 dólares, puderam comprar um prelo manual da marca Washington e papel suficiente, bem como outros suprimentos, para começar. Anúncios na *Review and Herald* pediam contribuições para cobrir o preço da compra. Hiram Edson havia recentemente vendido sua fazenda em Port Byron, e emprestou o dinheiro necessário para a aquisição do prelo.

Tiago White alugou uma casa velha, a de número 124 da Avenida Mount Hope, em Rochester, por 175 dólares anuais. Comprou dez cadeiras antigas (não havia duas iguais!) pagando 1,64 dólar por elas, além de alguns estrados de cama antiquados por 25 centavos cada. Sua mesa de trabalho era uma tábua colocada sobre duas barricas vazias de farinha.

A casa velha passou a ser o lar de todos os obreiros, bem como a gráfica. Todos os obreiros moravam e trabalhavam no mesmo lugar. Nenhum deles recebia salário. Pelo menos tinham um lugar onde morar (muito precário, é verdade!) e alimento para comer (também extremamente simples!). As batatas eram caras demais, e assim comiam nabos, sobre os quais despejavam um tipo de molho como substituto da manteiga, que também era muito cara para comprar. E comiam um bocado de feijão – o que provocou a famosa frase de Urias Smith:

"Gosto de feijão, e não me importo de comê-lo todos os dias. Mas quando se trata de fazer dele um item regular do regime, preciso protestar!"

Somente três dos funcionários tinham mais de 30 anos, mas todos estavam ali porque queriam estar. Estavam dispostos a trabalhar sem salário, dividir o quarto com outros e ainda comer o mais barato alimento disponível (mesmo que fosse feijão!. O trabalho era árduo e freqüentemente ultrapassava a jornada de oito horas diárias.

Foram necessários três dias para imprimir a *Review* no pequeno prelo manual Washington. A costura, o corte, o endereçamento eram feitos à mão. John Loughborough fazia os furos para a costura e George Amadon dava os pontos para unir as folhas. Na ausência de uma guilhotina, Urias Smith refilava as margens com seu canivete. Anos mais tarde, Smith comentou: "Nessa operação enchíamos as mãos de bolhas, e com freqüência o formato dos folhetos não era tão certinho como as doutrinas que eles ensinavam."

A Meia Secreta de Ellen

Um dia, o Pastor White ficou muito perturbado com alguma coisa. Quando Ellen o interrogou, ele disse: – É hora de produzir outra edição da *Review*. Mas não temos papel suficiente, e não temos dinheiro para pagar o carregamento de papel que já foi entregue.

– De quanto dinheiro você precisa? – perguntou ela.

O desânimo dele ficou evidente na resposta: – Preciso de 64 dólares, Ellen. Mas é a mesma coisa que precisar de dez mil dólares.

Diante disso, Ellen abriu a porta da despensa e pegou uma meia preta que algum tempo antes ela havia pendurado num prego atrás da porta. Ellen a colocou nas mãos do marido.

– O que é isso? – perguntou ele.

Ela sorriu, mas não respondeu.

Tiago virou a meia, e sobre a mesa cascatearam moedas de cinqüenta, vinte e cinco, dez e cinco centavos. A boca dele se abriu de espanto. Por fim, conseguiu reagir com voz rouca: – Mas, afinal, de onde surgiu tudo isso?

A mãe de Ellen lhe havia ensinado o valor de ser econômica e poupadora. Então, ela pôde dizer ao atônito esposo: – Tiago, como você sabe, eu creio que uma pessoa deve economizar algo para um dia de necessidade. Durante os últimos meses, tenho economizado tudo o que posso. Este é um dia de necessidade, espero que isso aí sirva para pagar o papel.

Perplexo, Tiago contou as moedas. O dinheiro era suficiente! Ele teve condições de pagar a encomenda do papel, e a *Advent Review and Sabbath Herald* saiu em tempo!

Mudança Para Battle Creek

Durante algum tempo, houve incerteza quanto à mudança da obra de publicações – se iria para Michigan ou para Vermont. Como Michigan ficava mais a oeste, concluiu-se que isso colocaria a publicadora mais no centro da futura obra da igreja. Assim, em 1855, foi decidido mudar a obra de publicações para a cidadezinha de Battle Creek.

Foi construída uma pequena casa na esquina sudeste das ruas Washington e Principal, na extremidade oeste de Battle Creek. Pela primeira vez, os empregados receberam salário e puderam alugar seus próprios quartos. Não havia dúvida de que fora uma boa mudança para todos.

Formou-se uma associação para administrar a publicadora, e Tiago, por fim, se viu livre do fardo que levava como proprietário. Como administrador da casa publicadora, ele devia receber um salário – a princípio, quatro dólares por semana; posteriormente, passou a receber seis. Depois que a publicadora se firmou sobre uma base financeira sólida, teve seu salário aumentado para sete dólares por semana.

Em Battle Creek, Tiago e Ellen White passaram a morar em uma casa, sem ter de dividir o espaço com o prelo, nem com o local para acomodação e refeições para toda a equipe de funcionários. Eram apenas Tiago, Ellen, seus três meninos – Henry, de 8 anos; Edson, de 6, e Willie, com 18 meses – e as duas moças que ajudavam em casa, Clarissa Bonfoey e Jennie Fraser.

A princípio, alugaram um chalezinho a 1,50 dólar por semana. Finalmente, puderam comprar dois lotes na Rua Wood e construir sua própria casa, onde moraram durante seis anos.

Quando Começa o Sábado

A essa altura, havia um grupo crescente de guardadores do sábado, bem como uma organização com estrutura insipiente. Quando a assembléia geral dos crentes se reuniu, na sexta-feira, 16 de novembro de 1855, às 18 horas, os delegados começaram celebrando o início de mais um sábado. O sol se havia posto uma hora antes. Na noite seguinte, encerraram o sábado ao pôr-do-sol. Durante as horas inter-

mediárias ocorrera uma mudança, baseada no estudo que aquele grupo fez da Bíblia.

Tendo navegado pelos mares por muitos anos, José Bates era versado nos métodos de contagem do tempo em diferentes partes do mundo. Na faixa equatorial, o sol se punha por volta das 18 horas, o ano inteiro. As Escrituras indicam que a tarde marca o início do novo dia, e as palavras "duma tarde a outra tarde, celebrareis o vosso sábado" (Lv 23:32) pareciam apoiar essa idéia, independentemente da estação do ano ou localização.

Ao longo dos anos, alguns haviam guardado o sábado de meia-noite a meia-noite; alguns, de um amanhecer a outro; alguns, das seis da tarde às seis da tarde. Havia uns poucos – bem poucos – que observavam o sábado de pôr-do-sol a pôr-do-sol. A maioria dos crentes ficava com os White e José Bates – eles guardavam o sábado das 18h às 18h. Mas a igreja crescia rapidamente e, com tantos membros, se concluiu que era hora de chegar à uniformidade no tempo de começar e encerrar o sábado.

Tiago White havia pedido que John Andrews fizesse um estudo profundo do assunto e trouxesse evidências bíblicas para liquidar a questão de uma vez por todas. Andrews não pôde assistir à assembléia, mas deixou seu documento para ser lido diante dos delegados. Usando nove textos do Antigo Testamento e dois do Novo, Andrews verificou que as expressões "tarde" e "entardecer" eram idênticas a pôr-do-sol.

Quando o estudo bíblico de Andrews sobre o assunto foi lido perante os delegados, eles viram prontamente que as Escrituras apontavam para "tarde" como sendo o pôr-do-sol, e que o sábado era observado de uma tarde a outra. Isto é, todos, com exceção de dois, puderam ver isso. Quem eram os dois? José Bates e Ellen White. Ela havia guardado o sábado das 18h às 18h por dez anos, e o anjo do Senhor não lhe dissera nada acerca de uma mudança. Ela raciocinou que não era necessário mudar. Por seu lado, Bates não estava pronto para aceitar as descobertas do jovem Andrews, e defendeu sua posição.

O estudo foi votado pela maioria dos delegados, mas duas pessoas importantes não votaram com a maioria. Era um ponto de discórdia e com potencial para causar problemas. Foi assim que as coisas continuaram durante o restante do sábado e no domingo.

Mas então ocorreu o toque de Deus. Ellen White teve uma visão

chamando a atenção para vários pontos, um dos quais era o momento de iniciar o sábado. O anjo lhe indicou que se a luz concedida fosse rejeitada, então a rejeição se tornaria pecado. Antes de surgir a luz, não havia pecado, pois não havia luz a ser rejeitada. Ela também viu que alguns achavam que lhe fora mostrado que o sábado começava às 18h, quando ela apenas havia concluído que começava à "tarde". Ela mesma chegara à conclusão de que "tarde" significava às 18 horas.

Os dois dissidentes ficaram satisfeitos em aceitar a palavra do Senhor sobre o assunto. A questão da hora de começar e encerrar o sábado ficou para sempre estabelecida pelo estudo da Bíblia e confirmada por uma visão. Após isso houve segurança e unidade dentro da assembléia. Tiago White entendeu que na hora oportuna Deus havia corrigido o erro, a fim de que não houvesse divisão entre eles a respeito desse ponto em particular.

Ellen Não Desistia

Durante os primeiros anos, chegou a ocorrer duas assembléias da Associação Geral num ano. Foi esse o caso no início da primavera de 1856, quando uma segunda reunião foi convocada em Battle Creek. Os membros da igreja de Battle Creek se ofereceram generosamente para providenciar hospedagem aos que chegassem para a reunião. A família White também aguardava muitos hóspedes, e fez uma boa faxina em casa porque tudo precisava estar em ordem.

Uns dois dias antes do início da assembléia, Jennie, auxiliar de Ellen White, limpava o chão com uma tina cheia de água, enquanto o pequeno Willie, com 1 ano e 8 meses de idade, ocupava-se fazendo o seu barquinho navegar na tina. Na cozinha, o fogo no fogão a lenha começou a apagar-se e Jennie saiu para o alpendre a fim de buscar mais lenha. Ao passar por Willie, brincou com ele dizendo alegremente: – Oi, Willie!

Jennie levou só um instante para pegar a lenha, mas ao voltar para dentro da casa percebeu que Willie não se encontrava em lugar nenhum. Olhando a segunda vez, viu um pezinho aparecendo fora da água da tina!

– Willie se afogou! Willie se afogou! – berrou ela para a irmã White.

Ellen White foi correndo, gritando para Jennie: – A água estava quente ou fria?

Quando Jennie respondeu que estava fria, Ellen lhe disse que mandasse vir o doutor e chamasse Tiago. Pegando Willie dos braços de

Jennie e uma tesoura de cima da mesa, Ellen correu para o quintal, colocou o bebê no chão e cortou suas roupas. Começou a rolá-lo para lá e para cá sobre a grama. Uma água suja saía da boca e do nariz dele, mas ele não reviveu. Ela continuou a rolá-lo, erguendo-o de pouco em pouco à procura de sinais de vida.

Jennie correu até a casa publicadora e chamou Tiago. Ele saiu em disparada e encontrou os vizinhos parados, ao redor, olhando a jovem mãe lutando para salvar a criança. Uma das senhoras começou a soluçar. – Ai, tirem o menino morto das mãos dela! – gritou a mulher. – Ele está morto. Tirem-no dela.

Tiago admoestou a mulher com firmeza, para que ficasse quieta. – Deixe-a com a criança! – ordenou ele. – Ela sabe o que está fazendo. Ninguém vai tirá-lo dela.

E assim o grupo continuou ali parado, impotente, observando a jovem mãe tentando reanimar seu filhinho.

Por fim, Willie deu um leve suspiro e depois outro. Então começou a chorar. Ellen o envolveu com cobertores quentes, segurou-o no colo e o embalou, garantindo-lhe que estava tudo bem. Depois, o colocou em seu berço de vime, trocando os cobertores macios de flanela, um após outro, até que ele estivesse completamente aquecido.

O pequeno Willie recebeu muito amor e carinho nas horas e nos dias seguintes. O Senhor abençoara Ellen White com sabedoria para saber exatamente o que fazer. Ela havia perguntado se a água estava quente ou fria, entendendo de alguma forma que se estivesse fria seria maior a possibilidade de ele reviver. Descobriu-se em anos recentes que uma vítima de afogamento em água fria tem mais chance de reviver do que em água morna. Mas não se sabia disso em 1856.

Mesmo assim, foi necessário que Ellen perseverasse naquilo que era uma forma de respiração artificial – rolando a criança no chão. Desde a infância, Ellen revelara uma perseverança incomum em tudo o que empreendia. Essa foi uma ilustração dramática desse traço de caráter.

Willie recuperou-se completamente, crescendo para tornar-se um grande auxílio à mãe. Ele teve sete filhos, e a maioria deles também teve filhos. Todos se sentem agradecidos por esse traço de perseverança que continuou sendo notável na vida de Ellen.

O Diácono John

Em seus últimos anos, tanto os pais de Tiago como os de Ellen se mudaram para Battle Creek a fim de morar perto deles. Foi feito um aumento a um lado da casa da Rua Wood para os filhos jovens do casal White, e outro aumento do outro lado para o casal Harmon, pais de Ellen. Depois que os Harmon se mudaram de lá, o diácono John White e a esposa, Betsy, ocuparam o anexo até que sua casa do outro lado da rua estivesse pronta.

O diácono John era um cristão sincero, mas nunca aceitara a verdade do sábado. Um dia, ele fez a Tiago uma agradável surpresa: Daquele momento em diante, ele e a esposa observariam o sábado. Mas o diácono John havia guardado o domingo por tanto tempo, que simplesmente não conseguia obrigar-se a trabalhar no domingo. Muitas vezes, as crianças se perguntavam por que o vovô guardava dois sábados. Mas, num domingo de manhã, o diácono John pegou suas ferramentas de sapateiro e foi trabalhar. Com os olhos arregalados, Willie perguntou: – Por que, vovô? Não sabe que hoje é domingo?

Piscando o olho, o vovô respondeu: – Sim, sei, mas cheguei à conclusão de que um sábado por semana é suficiente para mim.

Tapetes de Retalhos

A casa nova da Rua Wood precisava de muita coisa no que dizia respeito à mobília e acessórios. Precisava especialmente de tapetes. A sala de estar no piso de baixo e o quarto da frente em cima tinham tapetes de lã tingida. O chão da cozinha tinha duas camadas de tinta marrom, decorada com manchas pretas do tamanho de um pé de criança. Mas o piso dos outros cômodos não tinha tapete nem pintura. Ali estava outro desafio para a economia e criatividade de Ellen White.

Quando não estava viajando com o marido, a Sra. White passava várias horas cada manhã escrevendo. Depois de quatro ou cinco horas, com a mente cansada, ela sentia necessidade de uma mudança. Na primavera e no verão, gostava de trabalhar no seu grande jardim florido, mas sua recreação favorita era trançar e costurar tapetes de tiras. Esse passatempo apresentava uma segunda vantagem, proporcionando cobertura para o piso dos quartos sem tapete.

Durante anos, Ellen havia cortado e costurado tiras para fazer seus tapetes, trançando-as depois manualmente. Agora, ansiosa por atapetar a casa de Battle Creek antes do inverno, ela passava muito do seu tempo livre cortando e costurando as tiras para os tapetes. Ela costurava os retalhos em longas tiras e, em vez de ter de trançá-las

sozinha, mandava tecer os tapetes por 25 centavos o metro. Seu estoque de retalhos era virtualmente ilimitado, já que suas vizinhas lhe davam sacos e sacos de bom tecido para os tapetes.

A Sra. White considerava relaxante esse passatempo, e o fato de que servia a um bom propósito provavelmente apelava ao seu forte senso de economia. É possível que ela tenha aprendido a arte de fazer tapetes quando era criança, com sua mãe, porque duas ou três das suas irmãs partilhavam o mesmo interesse.

Mas aquilo *não* era algo que Tiago apreciasse vê-la fazendo. Ele não acreditava que fosse um *hobby* tão relaxante quanto ela parecia achar que era. Ele havia tolerado a produção de tapetes através dos anos. Mas agora? Pensar que sua esposa, cuja saúde estava longe de ser resistente, se empenhava na tarefa de preparar tecido para tapetes suficientes para cobrir o chão de dois ou três dormitórios, era alguma coisa imprópria, para dizer o mínimo. Ele não se conformava com aquilo, de jeito nenhum.

Além do mais, também não se conformava com a perspectiva de encontrá-la costurando tapetes de retalhos quando trazia algum honrado ministro para almoçar em casa – sem aviso. Mas quando ele insistia para que ela descansasse, Ellen respondia que aquilo era relaxante para ela. Por fim, como último recurso, ele inventou um esquema que a seu ver daria certo. Compôs uma breve cantiga – a única de sua autoria – e começava a cantá-la em voz alta quando dobrava a esquina da Rua Wood. Aquele corinho parecia expressar muito bem seus sentimentos:

Em doce esperança vigiamos, aguardamos e oramos,
Até a triunfante chegada de Cristo, naquele dia sem fim;
Lá não haverá tapete de retalhos, não haverá tapete de retalhos,
Lá no Céu, onde tudo é amor,
Não haverá tapete de retalhos!

Se o projeto dos tapetes já estava no fim (o que é provável) ou se a canção de Tiago realmente prevaleceu, a verdade é que a costura das tiras para tapete foi logo substituída por um renovado interesse em tricotar.

E, por acaso, foram esses mesmos amados tapetes que Ellen tirou do chão e vendeu, quando Tiago sofreu uma crise e ela precisou de dinheiro para levá-lo para outro lugar a fim de recuperar-lhe a saúde.

Terríveis Pressentimentos

Três indivíduos são geralmente considerados fundadores da Igreja Adventista: José Bates, Tiago White e Ellen G. White. José Bates foi o apóstolo da verdade do sábado. Praticamente um gênio em matéria de organização. Tiago White foi professor de escola e depois pregador. No meio da adolescência, Ellen White foi escolhida por Deus como Sua mensageira, e recebeu visões que moldaram e guiaram a igreja emergente. O nome da igreja foi escolhido em 1860: Igreja Adventista do Sétimo Dia. A organização formal da igreja ocorreu em 1863, com a formação da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

Numa reunião no fim de setembro de 1860, foi tomada a decisão de organizar legalmente a obra de publicações. Na ocasião, foi formada uma empresa na qual os membros da igreja podiam comprar ações por dez dólares a cota. Na época, não havia banco em Battle Creek e, à medida que o dinheiro entrava, era colocado nas mãos de dois corretores para que o guardassem, na expectativa da construção de uma nova casa publicadora na primavera. Havia muito dinheiro envolvido.

Mais imediata no lar da família White foi a chegada de um novo bebê. Um quarto filho completou o círculo familiar. Como o bebê ficou sem nome por três meses, especula-se que talvez tenham esperado uma menina e não tinham um nome escolhido para um menino. Qualquer que tenha sido o caso, eles pareciam incapazes de chegar a um acordo quanto ao nome.

Umas três semanas depois que o bebê nasceu, Tiago partiu num longo itinerário por Iowa e Wisconsin. Numa carta para ele, Ellen escreveu: "Nosso pequenino sem nome cresce muito bem; eu o pesei na quarta-feira passada. Nesse dia pesava mais de quatro quilos e meio. Ele está ótimo."

Duas semanas depois, ela escreveu dizendo que o pequeno sem nome estava gordinho, forte e muito quieto – aparentemente querendo dizer que era um bebê comportado e não chorava muito. Pesava cinco quilos e seiscentos gramas.

Quando Tiago escreveu, mandou lembranças para Henry, Edson, Willie e – para o sem-nome. Desesperada, Ellen escreveu à sua amiga Lucinda Hall, implorando: "Por favor, mande-lhe um nome!"

Em Wisconsin, enquanto Tiago orava por sua família em casa, teve o que chamou de um "pressentimento" de que a criança estava muito doente. Parecia ver o bebê com o rosto e a cabeça terrivelmente inchados. Preocupado, escreveu para Ellen a respeito. Quando recebeu a carta, ela olhou para o bebê gorducho e saudável e obser-

vou que, se o seu esposo estivesse lá, não teria muita fé no seu pressentimento.

Na noite seguinte à do pressentimento sobre o bebê, Tiago teve um sonho impressionante que nada tinha que ver com a criança. Sonhou que os dois corretores que guardavam o dinheiro para o novo prédio da Review estavam vendendo calçados de péssima qualidade, numa loja desacreditada. No sonho, ele pensou: *Ah, como caíram os poderosos!*

Por alguns minutos depois de acordar, preocupou-se com o fato de o dinheiro do Senhor estar nas mãos daqueles corretores. Mas logo se esqueceu do sonho.

No dia seguinte, o bebê foi acometido de erisipela, uma doença aguda que causa inflamação local, causada por estreptococo. Estava muito doente e foi enviado um telegrama pedindo que Tiago voltasse para casa o quanto antes. Ele chegou dentro de dois dias.

Por 24 dias e noites os ansiosos pais cuidaram da criança, usando todos os remédios que conheciam, e orando constantemente por ele. A erisipela é muito contagiosa, e aquela era uma época em que os germes e vírus eram desconhecidos, de modo que nenhuma atenção particular deve ter sido dada a precauções adicionais. Por estranho que pareça, ninguém mais na casa contraiu a doença.

Foi durante aquelas semanas que o bebê ganhou um nome, John Herbert. Lamentavelmente, a doença foi grave demais, e após muito sofrimento o bebê morreu, no dia 14 de dezembro de 1860. Foi o primeiro da família a ser sepultado no Cemitério Oak Hill, em Battle Creek.

Ellen White escreveu (e não era de admirar): "Depois que voltamos do funeral, minha casa parecia solitária. Senti-me reconciliada com a vontade de Deus, mas o desalento e a tristeza se abateram sobre mim."

À tarde, após o funeral do pequenino John Herbert, Tiago caminhou até o escritório da Review. Ao pisar na soleira da porta, o pressentimento e o sonho relampejaram na sua mente. Convocando imediatamente os seus colegas, contou-lhes o sonho e o pressentimento. Disse acreditar que Deus lhes mostrara que o dinheiro não estava seguro com os corretores, e que deviam retirá-lo de imediato a fim de comprar pedras, tijolos e madeira para o novo prédio.

A comissão tomou medidas imediatas, e em julho todos os recursos haviam sido sacados dos corretores e investidos em material de construção. Poucos dias depois, os dois corretores foram à falência, e os cidadãos de Battle Creek perderam cinqüenta mil dólares. A cidade fervilhava com o escândalo, todos querendo saber quanto cada um havia perdido. Os irmãos da Associação Publicadora se regozijavam por poder responder à pergunta com um sorriso e as palavras: "Não perdemos um dólar sequer!"

Ao falar sobre o incidente, Tiago White dizia com freqüência que se sentia justificado ao declarar que Deus enviara Seu anjo para advertilos a tempo de providenciar para que o dinheiro que fora dado à obra de Deus estivesse seguro no material para a construção.

A Morte de Henry

Durante os primeiros dias da Guerra Civil, Tiago e Ellen partiram para uma viagem pela região nordeste dos Estados Unidos. Permitiram que os meninos passassem o tempo com a família Howland, em Topsham, enquanto cumpriam seus compromissos. O Sr. Howland ficou tão feliz por recebê-los que saiu e comprou um piano novo para desenvolver o talento musical de Henry.

Enquanto viajavam, Tiago teve outro dos seus pressentimentos de que nem tudo estava bem com os filhos. Ele e Ellen concluíram as reuniões o mais rapidamente possível e se apressaram a voltar para Topsham, onde foram recebidos na estação pelos meninos e o Sr. Howland.

Os garotos estavam bem, exceto Henry que contraíra uma gripe muito forte. Mas a gripe de Henry logo se transformou em pneumonia. Foi chamado um médico que, após examinar o menino gravemente enfermo, disse não haver nada que ele pudesse fazer. À medida que os dias passavam, e Henry piorava cada vez mais, Tiago e Ellen falaram francamente com ele a respeito da morte. Ele chegou a ditar breves recados de estímulo e ânimo para seus jovens amigos de Battle Creek. Pediu aos pais que o levassem para casa, em Battle Creek, e se ele morresse, que o sepultassem ao lado do irmãozinho, John Herbert, para que ambos se erguessem juntos na manhã da ressurreição. Com tristeza, seus pais lhe garantiram que isso seria feito.

A família se reuniu ao redor do leito enquanto ele se despedia de cada um. Fazendo um leve movimento com as mãos, sussurrou suas últimas palavras: "O Céu é doce". Era o dia 8 de dezembro de 1863. A família Howland se sentia tão enlutada quanto os White, pois Henry lhes havia sido como seu próprio filho.

A pedido de alguns jovens com quem Henry fizera amizade em

Topsham, foi realizado um serviço fúnebre na Igreja Batista que ficava em frente à casa da família Howland, do outro lado da rua.

Depois o levaram num "esquife metálico" para Battle Creek, onde se realizou outra cerimônia fúnebre. Então, veio a viagem final para o Cemitério Oak Hill, onde Henry foi sepultado ao lado de John Herbert. Agora, ele jaz rodeado pela família inteira, todos aguardando o chamado do Doador da Vida.

Mesmo tendo sido arrasador perder dois filhos num período de três anos, Tiago e Ellen se apegaram a Deus, buscando nEle o conforto e continuando seu trabalho para Ele.

Remédios Naturais

O irmão e a irmã Hillard, de Otsego, Michigan, foram os anfitriões de uma dúzia de hóspedes na noite de sexta-feira, dia 6 de junho de 1863. O casal White lá estava para pregar no fim da semana, e eles e outros se reuniram na casa dos Hillard para o culto. Depois que alguém leu um capítulo da Bíblia, pediram que Ellen orasse. Enquanto ela orava, recebeu uma visão sobre o assunto da reforma da saúde. Foram-lhe mostradas dez categorias de conselhos, incluindo "remédios naturais". Eram: o livre uso de ar puro, água pura (tanto por dentro como por fora do corpo), luz solar, exercício físico, repouso adequado e jejum por breves períodos para dar descanso ao estômago. Também lhe foram mostrados os efeitos nocivos de drogas venenosas usadas na época – estricnina, ópio, mercúrio, calomelano e quinino.

Parte da mensagem incluía conselhos sobre as saias-balão que estavam em voga. Uma reforma no vestuário estava ocorrendo não só nos círculos adventistas, mas entre outros também. Vários grupos defendiam seus próprios estilos, mas nenhum parecia encaixar-se no que Ellen White vira em visão como sendo uma aceitável reforma do vestuário. Ela decidiu criar um modelo por conta própria, dispensando as saias-balão e a cintura apertada.

Ellen White usou o vestido da reforma por algum tempo, mas ele nunca chegou a ser amplamente aceito, mesmo entre as irmãs adventistas. Quando os estilos começaram a mudar e a roupa feminina ficou mais compatível com o viver saudável, a reforma do vestuário se tornou menos importante. Ela aconselhava: "Nossas irmãs [devem] vestir-se de maneira simples, como o fazem muitas, com tecido de boa qualidade, durável, modesto, apropriado para esta época." Também advertiu: "... que a questão do vestuário não encha a mente".

Reavivando Washington

A igreja de Washington, New Hampshire, era a mais antiga comunidade de guardadores do sábado nos Estados Unidos, e estava morrendo. Os membros haviam parado de freqüentar, os cultos eram raros e fazia muitos meses desde que se realizara uma Escola Sabatina. William Farnsworth – a primeira pessoa daquela igreja a tomar posição ao lado do sábado – não freqüentava mais, e os filhos de membros outrora ativos se mantinham à distância porque duvidavam da religião de seus pais. Ellen White recebera do Senhor alguns testemunhos pessoais para várias pessoas daquela igreja em declínio. A *Review* publicou anúncios de visitas do casal White a várias igrejas, mas seu principal destino era Washington. O casal White, junto com J. N. Andrews, foi a Washington com o expresso propósito de reavivar a comunidade da igreja. Tiago se preocupava de modo especial com os jovens, mas entendeu que pouco se podia fazer por eles até que os membros mais velhos se arrependessem dos seus pecados e os confessassem. Assim como estava, a maioria dos jovens tinha conhecimento de primeira mão desses pecados.

Aproximava-se o Natal e uma grossa camada de neve cobria o chão. Embora a maioria dos membros não tivesse ido à igreja durante semanas e meses, devem ter sentido sua necessidade, pois as reuniões – realizadas pela manhã, à tarde e à noite – foram bem freqüentadas.

Worcester Ball (geralmente chamado de Wooster) opunha-se abertamente ao espírito de profecia. Sendo o ferreiro da vila, a especialidade de Wooster era fazer machados. Também havia sido o secretário da igreja dos Irmãos Cristãos. Quando os guardadores do sábado saíram da igreja dos Irmãos Cristãos, Ball estava tão entusiasmado com o sábado que riscou seu nome do rol dos Irmãos com tanto vigor, que mal ficou visível. Mas, em algum ponto do caminho, Ball se assumiu como crítico do casal White. De modo atrevido, punha-se em pé nas poucas reuniões que a igreja tentou realizar e despejava amargas reclamações contra o Pastor e a Sra. White. Foi grandemente responsável pelo declínio gradual dos membros na freqüência à igreja. Ninguém queria ouvir seu espírito crítico e palavras ásperas.

Então, Ellen White não fez rodeios quando se pôs diante da

congregação de Washington, New Hampshire. Quando ela deu "o testemunho direto" a Wooster Ball, ele se viu como Deus o via. Lamentando sinceramente seus pecados contra Deus e a família da igreja, ali mesmo pediu humildemente o perdão dos membros, bem como do casal White. Naturalmente, foi perdoado, embora todos tivessem sido maldosamente difamados por sua língua cruel.

Ellen falou a diversas pessoas na congregação, levando conforto a uns e repreensão a outros. Eugene Farnsworth, de 19 anos – um dos 22 filhos de William – encontrava-se na congregação. Ouvindo a irmã White dar mensagens de Deus a uma pessoa após outra, convenceu-se de que ela sabia coisas que outras pessoas não sabiam. Assim, Eugene fez praticamente uma oração no íntimo, desejando que ela confrontasse o seu pai. Eugene sabia o que a maioria dos outros não sabia – seu pai estava mascando fumo novamente. Mascava escondido, mas Eugene o havia visto cuspir o nojento suco marrom na neve e depois rapidamente cobri-lo com a ponta da bota. *Se a Sra. White soubesse disso*, raciocinou Eugene, *então ele saberia com certeza que a obra dela era de Deus.*

No momento em que ele fazia essa quase-oração, Ellen White se dirigiu ao pai dele e, diante da congregação, repreendeu William Farnsworth pelo uso do fumo – um pecado acerca do qual ele achava que ninguém sabia. "Vi que este irmão é escravo do fumo", começou ela. "Mas o pior da questão é que ele está desempenhando o papel de um hipócrita, tentando fazer com que seus irmãos achem que ele já se libertou do vício, como prometeu fazer quando se uniu à igreja."

William Farnsworth não rejeitou o testemunho direto. Decidiu que havia mascado o último pedaço de fumo. E, tanto quanto se saiba, foi isso mesmo que ocorreu.

Um grande reavivamento começou naquele dia. Os pais faziam confissão aos filhos, e os filhos a seus pais. O Espírito Santo Se manifestou de modo especial.

Após a reforma entre os membros de mais idade, Tiago White pôde, então, concentrar-se nos jovens. O Espírito Santo lhes tocou o coração e muitos deles entregaram a vida a Jesus. Doze dos dezoito que disseram desejar o batismo não quiseram esperar até a primavera, quando o gelo derretia. Assim, serraram um buraco no espesso gelo do laguinho Millan e foram batizados naquelas frígidas águas.

Dos dezoito jovens que se converteram durante aquele período de reavivamento e renovação, nove se tornaram obreiros da igreja, cinco dos quais foram ordenados ministros. Eugene Farnsworth foi um deles.

A igreja em Washington, New Hampshire, tornou-se novamente uma comunidade ativa e próspera.

Assembléia em Green Spring

Uma nota na *Review* anunciava que Tiago e Ellen White assistiriam a uma "assembléia dos guardadores dos mandamentos em Ohio", em Green Spring, em março de 1858. A população consistia de várias centenas de habitantes, por ocasião da visita do casal White.

Aparentemente, Green Spring se destacava pela religião. O distrito de Adams tinha sete igrejas ativas, além do pequeno grupo de crentes adventistas. Mas a recepção concernente à pregação de Tiago White em Green Spring deixou muito a desejar. Ele qualificou aquele lugar como "duro e escuro para pregar".

Uma das cidadezinhas que visitaram foi Gilboa, um lugar com três igrejas e sete tabernas. As três igrejas de Gilboa se "fecharam para eles", recusando-se a permitir que reuniões do "advento" fossem realizadas nos seus prédios. Mas Tiago White finalmente conseguiu fazer arranjos para um encontro numa pequena sala de aula. Embora o local estivesse desconfortavelmente superlotado, Tiago ficou satisfeito ao saber que a freqüência ali, naquele fim de semana, excedera a das três igrejas locais combinadas.

Encerrando as reuniões em Gilboa, foram adiante, para Lovett's Grove, onde se encontraram com um novo grupo de crentes numa escolinha. As reuniões foram realizadas no sábado e no domingo, e no domingo à tarde houve um funeral. Tiago foi solicitado a pregar o sermão fúnebre. Depois de ele terminar, Ellen se sentiu impulsionada a dizer algumas palavras de conforto aos familiares e amigos do jovem que falecera.

Mal havia ela começado a falar quando foi tomada em visão, e durante as duas horas seguintes o sepultamento foi suspenso, enquanto ela recebia conselhos específicos e práticos para enfrentar as necessidades e os problemas imediatos daquela congregação. Depois, veio uma mensagem mais ampla para a igreja como um todo, uma espécie de resumo do milenar conflito "entre Cristo e Seus anjos e Satanás e seus anjos".

Dez anos antes, Ellen havia recebido uma visão parcial desse grande conflito. Desta vez lhe foi dado um panorama detalhado das questões e dos eventos. Foi-lhe dito, pela primeira vez, que escrevesse tudo aquilo, e ela foi avisada por Deus que Satanás faria grandes esforços para lhe interromper a atividade de escrever. Mas recebeu a garantia de que os anjos estariam ao seu lado, e ela deveria colocar sua confiança em Deus.

No dia seguinte, Tiago e Ellen tomaram o trem para Jackson, Michigan. Passariam a noite com seus amigos, o casal Palmer. A viagem de trem lhes deu tempo de planejar como escrever e publicar o livro, que chamaram de *O Grande Conflito Entre Cristo e Seus Anjos e Satanás e Seus Anjos*. Naquele tempo os escritores gostavam muito de títulos longos!

Ataque de Satanás

Dan e Abigail Palmer aguardavam na plataforma, enquanto o grande cavalo de ferro chegava ruidosamente à estação. Mais tarde, naquela noite, os quatro relaxavam na aconchegante cozinha da casa dos Palmer, conversando e fazendo planos para a obra do Senhor. De súbito, a voz de Ellen parou no meio de uma frase. Os outros três olharam para ela e entenderam imediatamente que ela havia sofrido um derrame.

Mais tarde ela escreveu: "Minha língua se recusava a falar o que eu desejava dizer, e parecia grande e amortecida. Uma sensação estranha e fria atingiu meu coração, passou sobre minha cabeça e desceu pelo meu lado direito. Por algum tempo fiquei insensível; mas fui despertada pela voz de fervorosa oração. Tentei usar minha perna e braço esquerdos, mas estavam completamente inúteis. Por um breve tempo achei que não fosse viver. Era a terceira crise de paralisia que eu tinha e, embora estivesse a 80 quilômetros de casa, não esperava ver meus filhos outra vez."

Tiago e o casal Palmer também acharam que ela morreria, mas continuaram orando em seu favor, até que ela sentiu um formigamento no braço e na perna. Teve uma noite ruim, com muita dor e desconforto, mas parecia um pouco melhor pela manhã e insistiu em ser levada para casa, em Battle Creek. Quando chegaram à casa da Rua Wood, Tiago a carregou escada acima para o quarto da frente, onde ela passou várias semanas em recuperação.

Durante esse tempo, partes do seu corpo permaneciam amortecidas. Quando ela tentava caminhar, cambaleava e, às vezes, caía. Foi nessa condição que ela começou a escrever *O Grande Conflito*.

A princípio, conseguia escrever apenas uma página durante um dia, para então descansar por três dias! Mas enquanto perseverava – aí está a palavra de novo – suas forças aumentavam. Sua mente era clara, apesar de sentir a cabeça aérea. Cinco meses depois ela concluiu o manuscrito – na forma impressa, um livro de 219 páginas – e as seqüelas do derrame haviam desaparecido completamente.

Durante os 40 anos seguintes, aquele livrinho, escrito em 1858, seria expandido pela autora através de mais duas edições, para finalmente aparecer como a *Série do Grande Conflito*, de cinco volumes, tendo apenas o quinto volume, o último, o título original e abrangente de *O Grande Conflito*.

É um desafio à imaginação entender que aqueles cinco livros – *Patriarcas e Profetas, Profetas e Reis, O Desejado de Todas as Nações, Atos dos Apóstolos* e *O Grande Conflito* – um total de 3.603 páginas – resultaram daquele primeiro livro de 219 páginas com o subtítulo de *Spiritual Gifts* [Dons Espirituais], volume 1.

O manuscrito estava pela metade quando Ellen foi chamada a comparecer ao lado da cama da irmã Hutchins, que estava gravemente enferma e quase à morte. Enquanto orava por ela, Ellen teve uma visão, durante a qual o anjo lhe deu algumas informações anteriormente desconhecidas.

Satanás fora o responsável por aquele súbito derrame em Jackson. Ele não queria que o livro fosse escrito, muito menos publicado, e ficaria mais do que feliz em acabar com a vida dela para evitar a concretização daquele livro. Mas os anjos de Deus vieram em seu auxílio e a ergueram acima do poder de Satanás.

Embora, a princípio, fosse necessário muito esforço para escrever, ela fez o seu melhor para registrar o que Deus lhe mostrara, e Ele a abençoou, fortaleceu e curou.

E, providencialmente, curou também a irmã Hutchins.

Assim como Daniel foi protegido dos leões famintos, assim como João foi retirado ileso do caldeirão de óleo fervente pelos próprios homens que ali o haviam jogado, também a vida de Ellen White foi preservada do maldoso ataque de Satanás em 1858. Havia um trabalho para ela fazer. Deus queria que fosse escrito um livro

especial, um livro que contasse a história – um furo de reportagem, como dizem os jornalistas – da guerra entre Cristo e Seus anjos e Satanás e seus anjos.

Não é de admirar que Ellen White valorizasse *O Grande Conflito* mais do que prata e ouro, e desejasse uma circulação mais ampla desse livro do que de qualquer outro dos seus escritos.

A Enfermidade Atinge Tiago White

Tiago White foi abatido pelo primeiro ataque de paralisia no dia 16 de agosto de 1866. O tratamento em Battle Creek não ajudou, e acharam que seria melhor se ele fosse para "Nosso Lar na Encosta da Montanha", do Dr. Jackson. O casal White apreciava os tratamentos dispensados lá, mas o que não apreciava era a recreação oferecida com insistência. Para afastar a mente de seus incômodos físicos, os pacientes eram incentivados a participar de danças, jogos de baralho e freqüência ao teatro. Tiago também foi proibido de tomar parte em algum exercício físico. Ele continuava com dor, nervoso e insone. Em termos gerais, fez algum progresso, embora lento.

Ellen finalmente decidiu que precisava levar Tiago de volta para Battle Creek. Passaram alguns dias em Rochester a fim de fazer uma pausa na viagem, hospedando-se na casa de Bradley Lamson, que morava quase cinco quilômetros fora da cidade. Amigos formaram uma corrente de oração para orar especialmente pelo restabelecimento de Tiago. O grupo se reuniu em Rochester, na casa de J. N. Andrews, e depois foi à casa de Lamson à tarde, para estar com Tiago enquanto oravam.

Na semana seguinte, o casal White retornou para Battle Creek. As orações pela recuperação de Tiago continuavam. Os princípios da reforma da saúde foram usados com bom efeito, embora com resultados demorados. Ellen precisou dispensar atendimento constante nos cuidados para com ele. Fizeram alguns passeios a comunidades próximas; porém, durante muitos meses, ele não escreveu nada nem desempenhou suas responsabilidades na igreja ou na casa publicadora.

Ele se sentia débil e desalentado, mas o fato de Tiago não poder retornar ao seu trabalho no escritório não impedia o escritório de ir até ele. Os empregados da casa publicadora, bem como os da Associação Geral, batiam continuamente à porta da casa dos White para pedir o conselho de Tiago e soluções para seus problemas. Por fim, Ellen entendeu que seria necessária uma mudança no ritmo de vida

se fosse para ele melhorar. Ela também tinha a certeza de que, sem a pressão esmagadora das responsabilidades da igreja, ele recobraria plenamente a saúde. Mas para que isso acontecesse, precisariam estar fora de Battle Creek.

Embora estivessem na metade do inverno, ela se preparou para deixar a cidade. Tiago precisava ficar bom e, para tanto, ela faria o que fosse necessário.

Mas os irmãos em Battle Creek acharam que seria um grave erro, e que ela sacrificaria a própria vida ao executar esse plano. Achavam que, para o bem dos filhos – e para a continuidade da obra de Deus – Ellen deveria pensar primeiro em si mesma, em vez de arriscar a própria vida. Com lágrimas, até mesmo os pais de Tiago lhe suplicaram que ficasse. Disseram-lhe que ela havia feito tudo o que podia por seu filho e não deveria colocar sua própria vida em risco. Os médicos lhe disseram que Tiago nunca se restabeleceria; não tinham conhecimento de alguma recuperação num caso como esse. Mas a resposta dela para todos era: "Deus o erguerá."

No meio de uma tempestade de neve em dezembro, Tiago, Ellen e Willie, de doze anos, com o irmão Rogers no lugar do condutor, rumaram para o Norte. Seu destino era Wright, Michigan. Sem poupar os cavalos, o irmão Rogers conduziu a dupla, Jack e Jim, em meio à neve que caía. Viajaram 73 quilômetros, e o anoitecer se aproximava quando encontraram um local onde pernoitar. Era apenas um bar que vendia bebidas alcoólicas, mas eles ficaram contentes por poder contar com um abrigo. No dia seguinte, mais 60 quilômetros os levaram ao lar de E. H. Root, em Wright.

Dois dias depois, Tiago e Ellen foram à pequena Igreja Adventista e Tiago pregou por 25 minutos. Os dois pregaram naquela tarde e na manhã seguinte.

A mudança em Tiago foi espantosa. Durante as seis semanas que permaneceram na casa da família Root, a saúde dele continuou a melhorar. Viajavam para igrejas próximas nos fins de semana, e ambos falavam várias vezes em cada visita.

Sua escala seguinte foi Greenville, onde se hospedaram na casa da família de A. W. Maynard, ficando ali mais seis semanas. Foi lá que tomaram a decisão de vender a casa em Battle Creek e mudar-se para Greenville. O irmão Maynard ficou feliz em ajudá-los a encontrar um terreno onde pudessem construir sua casa.

No fim de três meses, Tiago se havia recuperado suficientemente para retornar a Battle Creek. Ellen se sentia agradecida por levar seu esposo com muito mais saúde do que ele tinha quando deixaram a cidade naquele tempestuoso dia de dezembro. Ao mesmo tempo, tinha plena consciência das atitudes críticas de muitos para com sua decisão de afastar Tiago. Não havia jeito de ela saber como essas atitudes se haviam ampliado com o passar dos meses.

Mesmo assim, ambos esperavam ser bem recebidos quando voltassem para casa depois de uma ausência tão longa. Mas em vez de braços receptivos, encontraram ombros frios, crítica e acusações infundadas. Era difícil entender como seus amigos podiam deixar de ficar alegres diante da grande melhora de Tiago. Parecia que tanto as pessoas quanto os administradores estavam zangados com Ellen, por ter ela seguido seu próprio discernimento, sob a direção de Deus, em vez de acatar o deles. Demorou um ano até que os mal-entendidos e o odioso ar de esnobismo se dissipassem.

Tiago e Ellen foram adiante com seu plano de mudar-se para Greenville, comprando lá uma pequena propriedade. Plantaram árvores frutíferas, amoras, morangos e fizeram um jardim.

No subconsciente, Tiago ainda ouvia a advertência do Dr. Jackson, de que qualquer atividade física poderia produzir outra paralisia, provavelmente fatal. Como resultado, evitava o trabalho físico tanto quanto possível. Mas Ellen sabia – pela luz que lhe fora dada por Deus – que a atividade física era importante para a recuperação do seu esposo. Mas como pôr isso em prática? Presidindo a comissão de meios e maneiras, ela se pôs a arquitetar planos para incentivá-lo à atividade física.

Primeiro, mandou Willie à loja de ferragens, instruindo-o a comprar três enxadas e três ancinhos. Não dois, mas três. Quando ele voltou para casa, ela deu uma enxada para Willie, pegou uma para si e entregou a outra para Tiago. Ele objetou, mas acabou pegando a enxada. Não conseguiu fazer muita coisa, mas pelo menos executou os movimentos de capinar ao redor das plantas.

Quando chegou o tempo de cortar o feno, os vizinhos o cortaram para eles. Tiago planejara pedir que também o ajuntassem e empilhassem para ele. Mas durante os dois ou três dias em que o feno secava, Ellen fez uma visita a vários vizinhos. Podia ver que estavam sobrecarregados com seu trabalho, e pediu que mandassem avisar a Tiago que eles não teriam possibilidade de ajuntar o feno; que

estavam ocupados demais com o próprio trabalho. Esses bons vizinhos relutaram em fazer o que ela pedia, mas quando ela explicou o plano, concordaram.

Tiago ficou extremamente desapontado com os vizinhos, mas Ellen não estava desanimada de forma alguma. Sugeriu: "Vamos mostrar a esses vizinhos que nós mesmos podemos fazer o trabalho." Se Tiago conduzisse a carroça, explicou, ela e Willie juntariam o feno com o ancinho e o colocariam na carroça. Ele concordou com essa parte do plano, mas não sabia como fariam o amontoado de feixes. (Ainda não tinham um celeiro, e assim o feno tinha de ser amontoado em pilhas.) Ellen disse que faria as pilhas, se Tiago colocasse o feno na carroça enquanto Willie juntava a carga seguinte com o ancinho.

O Senhor abençoou a todos com as forças necessárias, e Tiago mais tarde escreveu: "Eu trabalhava de seis a doze horas por dia, e desfrutava um sono abençoado de seis a nove horas por noite."

Dali em diante ele continuou a ganhar saúde e forças.

O feno estava recolhido, o jardim florescia e Tiago provara a si mesmo que o exercício não lhe era prejudicial.

Alguns dias mais tarde, os membros da igreja da região adjacente se reuniram à beira de um lago e, pela primeira vez em quatro anos, Tiago White realizou uma cerimônia batismal. Quatro candidatos foram batizados nas águas do lago e desafiados a uma vida nova. Um deles era seu próprio filho, Willie. Foi um grande dia para as famílias adventistas daquela região.

Foi durante o tempo em que moraram em Greenville que Ellen White teve uma máquina de lavar roupa. C. A. White (sem parentesco) fez uma demonstração de sua lavadora combinada com secadora para Ellen e outros, enquanto visitavam a casa do pai dele. Posteriormente, "presenteou" uma das máquinas para a Sra. White. O entusiástico relatório que ela fez foi: "Ela faz o trabalho muito bem, e é muito rápida. Uma mulher fraquinha que tenha um filho ou marido para operar esta máquina pode ter uma grande quantidade de roupa lavada em poucas horas, ficando para ela pouco mais do que inspecionar o trabalho."

Ellen White era uma mulher avançada para a sua época, mas sem dúvida ficaria atônita diante das lavadoras automáticas do século vinte e um.

Merritt Kellogg, meio-irmão de John Harvey, interessou-se em retomar um curso intensivo na área médica, a fim de melhorar sua formação. Sugeriu que tanto Edson quanto Willie fizessem o mesmo. Então, Tiago entrou em cena e incentivou John Harvey a ir com eles.

John Harvey Kellog empolgou-se tanto com a área médica que Tiago e Ellen o financiaram por um ano na Universidade de Michigan, e depois um ano no Colégio Médico do Hospital Bellevue, em Nova York. Decidido a obter todo o conhecimento possível, teve inclusive aulas particulares com alguns dos professores de matérias não incluídas no curso regular. Trabalhou como um dos médicos no Instituto de Reforma da Saúde e então, sob insistência de Tiago White, aceitou o cargo de superintendente médico. Dois anos antes, Tiago havia sido aliviado da responsabilidade, entregando ao Dr. Kellogg a editoria da publicação *Health Reformer* [Reformador da Saúde].

Pregação, Ensino e Férias

A primeira reunião campal adventista do sétimo dia foi realizada em Wright, Michigan. Tiago sabia que líderes de outras Associações estariam presentes como observadores para ver se seguiriam o exemplo de Michigan. Concluiu que, se essa idéia fosse bem-sucedida, haveria reuniões campais no mundo inteiro.

E foi mesmo bem-sucedida. Dentro de semanas, várias reuniões semelhantes foram realizadas em Illinois e Iowa. A cada ano se tornavam mais populares, sendo o casal White solicitado a assistir a todas elas. Enquanto pregava numa reunião campal no Oeste, o Pastor White foi avisado de que um homem acabava de ser retirado do rio, aparentemente morto por afogamento. Tiago saiu do púlpito, correu à ribanceira, colocou imediatamente a vítima na posição apropriada e lhe aplicou respiração artificial com tanta habilidade como se tivesse sido treinado por métodos modernos. O homem viveu e Tiago voltou ao púlpito para concluir o sermão.

Em meados do verão de 1872, o casal White se dirigia para a Califórnia, mas ao longo do caminho foram incluídas várias viagens paralelas. Seu filho Willie, de 17 anos, e Lucinda Hall, amiga de longa data, viúva, foram com eles. Uma das viagens paralelas foi uma visita à irmã mais velha de Ellen, Caroline Harmon Clough, em Ottawa, Kansas. As irmãs não se viam fazia 25 anos, e a visita se estendeu por duas semanas. Caroline ficou tão satisfeita por ter a irmã

em casa que preparou o cavalo e percorreu três comunidades num raio de 28 quilômetros, convidando os vizinhos para verem e ouvirem sua irmã falando. O último domingo em que Tiago e Ellen estiveram lá foi um dia maravilhoso. Ellen pregou três vezes no arvoredo próximo e Caroline providenciou a música. Ellen escreveu acerca da sua irmã:

"Ela é uma mulher compreensiva, inteligente, vivendo, penso eu, de acordo com toda a luz que tem recebido. É uma poderosa cantora. Esse é tanto o seu talento, como o de falar é o meu. Acho que nunca ouvi uma voz que emocione tanto o coração como a dela."

Caroline tinha quatro filhos no Colorado, e queria que Tiago e Ellen os visitassem também. Assim, decidiram que pararíam em Denver e passariam um dia ou dois com uma das filhas de Caroline, Lou Walling.

Na casa de Walling, foi grata a surpresa deles ao encontrar outra filha de Caroline, Mary Clough, com quem logo formaram uma forte ligação. Em lugar dos dois dias que Tiago e Ellen esperavam passar no Colorado, permaneceram dois meses. E encontraram a casa de férias dos seus sonhos – se é que alguma vez tiveram esse sonho!

Após um mês em Black Hawk com a família, Will Walling, marido da sobrinha de Ellen, Lou, sugeriu que fizessem uma excursão até Middle Park e acampassem em Sulphur Springs. Ellen achou que isso seria justamente o que ajudaria Tiago a recuperar a saúde.

Chegar ao Divisor Continental não foi um piquenique, com o ar rarefeito e carente de oxigênio. Tanto os cavalos quanto as pessoas sentiam falta de ar. Quando chegou a hora da descida, Ellen resolveu ir no carroção com o Sr. Walling, mas o percurso logo se tornou tão acidentado e desconfortável que ela escolheu viajar no carroção da bagagem, agarrada ao grande fardo de barracas para proteger a vida.

Willie descreveu a descida pelo outro lado da montanha desta forma: "As estradas são assustadoras. Descem de modo tão íngreme que você corre o perigo de deslizar sobre a cabeça do cavalo, e depois passam por pequenos brejos que são numerosos perto do topo da cordilheira, e onde você precisa se esforçar para conservar o cavalo firme, e o resto do caminho é sobre pedras soltas, atravessando riachos e passando por cima de troncos, para cima e para baixo, mas principalmente para baixo até chegar ao parque."

Uma convocação urgente para chegar logo à Califórnia fez abre-

viar o fim dessa viagem. Cinco dias depois se encontravam em Oakland, e foi amor à primeira vista. Não desejavam sair nunca mais. Embora fosse o fim de setembro, as rosas floresciam, bem como muitas outras flores que nunca antes haviam visto. Quanto às frutas e verduras, ultrapassavam qualquer coisa conhecida. A decidida opinião de Tiago era que "nada, a não ser o estrito dever, nos levará deste lugar".

Com uma bem-sucedida reunião campal atrás de si, Tiago e Ellen se sentiam ansiosos para conhecer algo de São Francisco. Lá, os membros os receberam e insistiram para que se mudassem para a Califórnia, fazendo de São Francisco a sua sede.

Os White permaneceram na Califórnia por quase um ano, partindo somente quando Tiago precisou voltar a Battle Creek para a assembléia da Associação Geral que começaria no dia 11 de março de 1873. No fim, Ellen foi com ele. Foi uma cansativa viagem de cinco dias de trem, de Oakland, Califórnia, para Battle Creek, Michigan, e se alegraram por estar em casa novamente.

Vários itens administrativos importantes enchiam a agenda da Associação Geral, mas um dos primeiros votos da assembléia foi uma proposta para estabelecer uma escola denominacional. Esse tópico despertou muito interesse e entusiasmo, e marcou o nascimento do Colégio de Battle Creek.

Tiago e Ellen não esperavam ficar muito tempo em Battle Creek, e como a casa deles estivesse alugada, fizeram arranjos para hospedar-se no Instituto da Saúde. Na manhã de 22 de abril, a população de Battle Creek acordou e viu o chão com mais 12 centímetros de neve. Depois de passar a manhã escrevendo, Ellen caminhou a curta distância até a casa dos Ginley, onde ela e Tiago haviam sido convidados a almoçar. Minutos depois, foi avisada de que Tiago estava na casa de Ira Abbey. Havia sofrido outro derrame. Ellen correu até a casa de Abbey, onde encontrou o esposo parcialmente paralisado. Foi ungido com óleo, e orações fervorosas foram feitas por sua recuperação.

Parece que essa crise definiu na sua mente que ele precisava entregar a outra pessoa os fardos da liderança em Battle Creek. As montanhas do Colorado os chamavam. Mas era cedo demais para ir às montanhas, e ainda havia coisas em Battle Creek que precisavam de sua atenção.

Depois de cumprir compromissos em reuniões campais em Iowa, o casal White foi para seu refúgio em Washington, Iowa. Depois de

duas semanas em Iowa, tomaram o trem para Denver. Sentiram-se aliviados por estar de volta às montanhas outra vez – Tiago e Ellen, Willie e Lucinda Hall. Instalaram-se numa cabana perto da família Walling, onde planejavam passar o verão. Sua oração era para que Tiago recuperasse a saúde.

Mais reuniões, porém, os chamavam de volta a Battle Creek. Tiago e Ellen se afligiam diante do risco de ocorrer outra crise de paralisia, caso voltassem para as intensas atividades de Battle Creek. O impasse terminou quando Lucinda Hall levou consigo para a Califórnia as duas filhas de Walling, Addie e May. Will e Lou Walling passavam pelos primeiros estágios do rompimento de seu casamento, e Will insistia para que a tia Ellen e o "tio White" levassem as crianças e cuidassem delas. Combinando encontrar Lucinda e as meninas mais tarde na Califórnia, Tiago e Ellen foram a Battle Creek.

No dia 28 de dezembro estavam de volta à Califórnia. Não demorou para que entrassem na rotina de escrever, com algumas pregações entremeadas.

Mais uma vez, em 1874, os irmãos elegeram Tiago White presidente da Associação Geral. Haviam alugado a casa de Battle Creek para E. B. Gaskill, o tesoureiro da Associação Geral, e ele gentilmente a disponibilizou para eles. Liberado de suas responsabilidades na Califórnia, Tiago uma vez mais voltou a atenção para a obra da igreja como um todo – incluindo a casa publicadora, o trabalho no Oeste e a obra educacional.

Seus deveres administrativos eram pesados, e assim tocou a Ellen cumprir a maior parte dos compromissos nas reuniões campais. Uma de suas incumbências foi falar nas reuniões do Maine, onde ela pôde visitar três das suas irmãs. Elizabeth, sua irmã gêmea, a encontrou lá e inclusive se sentou na plataforma com ela. Ellen escreveu a Tiago que "ela simpatiza com a nossa causa, mas não toma uma posição definida".

Elizabeth nunca assumiu uma "posição definida" por Cristo. Durante os últimos anos de sua vida, sofreu intensamente com algo que aparentemente era artrite reumatóide, com as mãos e os pés retorcidos e deformados. Mary, uma das irmãs mais velhas, escreveu a Ellen que Elizabeth lia a Bíblia todos os dias.

O casal White gostava de morar em Battle Creek como o centro da obra organizada de Deus, mas seu coração estava na Califórnia. Como presidente da Associação Geral, Tiago tinha naturalmente

seu escritório, e os irmãos providenciaram um escritório para Ellen. Sentiam-se ansiosos para que eles permanecessem em Battle Creek enquanto fosse possível, e faziam de tudo para tornar a proposta atraente. Ela escreveu a Edson, dizendo: "Eles mobiliaram a bela e grande sala no escritório da Review acima da sala de contabilidade com todo o conforto – sofá, poltronas, cadeira do editor, escrivaninha, suporte para bacia de lavar as mãos, e para sua mãe uma poltrona muito bonita."

Daquele tempo em diante, Tiago e Ellen passaram a viajar de lá para cá entre as costas Leste e Oeste, estabelecendo a nova casa publicadora, a Pacific Press, na costa oeste, e cuidando dos negócios da Review and Herald, no Leste.

Com os três membros da Comissão da Associação Geral em Battle Creek ao mesmo tempo, em 1878 se reuniram para discutir vários assuntos importantes. Uma das prioridades era a necessidade de uma igreja maior. Com os membros regulares, mais 400 alunos do colégio, pacientes, visitas e empregados do sanatório, exigia-se demais do espaço disponível. Além disso, havia uma desesperada necessidade de um local com espaço adequado para a realização das muitas assembléias da Associação Geral e outras reuniões que ocorriam em Battle Creek.

Traçaram-se planos para um prédio que acomodasse três mil pessoas em ocasiões especiais. Com vistas ao financiamento de um projeto dessa magnitude, apelariam à igreja em geral. A proposta foi apresentada através de uma série de artigos na *Review and Herald*, sugerindo que o dinheiro fosse recolhido "através de contribuições mensais de quaisquer pessoas, homens, mulheres e crianças, que considerassem um prazer contribuir para uma casa assim. Que a quantia das contribuições mensais seja de dez centavos de cada colaborador... Que esses, e todos os outros que puderem fazê-lo, paguem um dólar ou mais cada, como adiantamento, durante o mês de julho de 1878. ..."

"Que a futura casa de culto, por conta da forma de arrecadação dos fundos para sua construção, seja denominada Dime Tabernacle [Tabernáculo dos Dez Centavos]."

O plano foi um sucesso estrondoso, com a participação entusiástica de crianças e adultos. O Tabernáculo dos Dez Centavos serviu à igreja desde a sua dedicação em 1879 até o incêndio em 1922.

Em fins da década de 1870, Tiago continuava a oscilar entre a aposentadoria e o serviço ativo. A obra de Deus lhe era tão importante,

e ele sentia serem tão necessárias as suas contribuições, que simplesmente não conseguia dar o passo final para a aposentadoria.

Última Enfermidade

Ao longo dos últimos anos de sua vida, Tiago White sofreu cinco derrames. O primeiro foi o mais grave, mas os outros acrescentaram seus próprios danos. Nos anos 1800, não se sabia que os derrames não apenas causam paralisia, mas freqüentemente outros problemas também, como certamente aconteceu com Tiago. Ele passou por mudanças de personalidade. Ficou depressivo e melancólico, e freqüentemente andava triste e esmorecido. Muitas vezes era agressivo com os amigos e não suportava ser contrariado de forma alguma. Pequenas diferenças de opinião magnificavam na sua mente pontos doloridos que continuavam irritando. Esses sintomas iam e vinham, mas definitivamente mudaram o homem decidido e de mente aguçada que ele fora.

No fim de julho de 1881, Tiago e Ellen foram convidados a falar numa reunião evangelística em Charlotte, Michigan. O clima era agradável e eles percorreram os 48 quilômetros na sua carruagem. Muitas pessoas na comunidade assistiram às reuniões. Tiago falou três vezes e Ellen, quatro. Tiago se mostrava excepcionalmente alegre e louvou ao Senhor por Suas misericórdias e bênçãos. Ele e Ellen desfrutaram o passeio a Charlotte, retornando para casa na quarta-feira, 27 de julho.

A manhã de sábado os encontrou no seu bosque de oração, como era costume deles. Tiago orou três vezes, pedindo repetidamente a guia e a bênção especial de Deus. O Senhor lhe respondeu às orações e o coração de ambos se encheu de paz. Pouco depois, naquela manhã, encontravam-se nos seus lugares costumeiros no Tabernáculo. Tiago deu abertura ao programa com cânticos e oração. Era a última vez que ocupava o púlpito.

Na segunda-feira, teve um forte calafrio. Não se sentia melhor na terça-feira. Quando na terça-feira à noite Ellen também teve calafrios e febre, o Dr. Kellogg achou melhor que ambos fossem para o sanatório, onde teriam tratamento apropriado. Ellen parecia melhor na sexta-feira, mas o Dr. Kellogg lhe disse que Tiago se encontrava em condição crítica. Ela foi levada ao quarto dele e, no momento em que o viu, soube que ele estava morrendo.

Ele entendia o que lhe diziam, e conseguia responder a perguntas

que exigissem apenas um sim ou um não. Não se surpreendeu quando ela lhe disse que pensara que ele estivesse morrendo.

– Tiago, Jesus é precioso para você? – perguntou ela, suavemente.

A resposta dele foi: – Sim, ah, sim!

Ellen e outros que estavam presentes se ajoelharam ao redor do seu leito e oraram. Ele estava sereno e parecia não sentir dor. – Jesus o ama – assegurou-lhe Ellen. – Os braços eternos estão amparando você.

Urias Smith e outros irmãos que haviam chegado oraram por ele e depois saíram do quarto. Não foram dormir, e passaram boa parte da noite orando por seu abatido irmão e líder. Ellen ficou com ele ao longo da noite. Ele faleceu logo depois das cinco horas da tarde de sábado, dia 6 de agosto.

O funeral foi planejado para o sábado seguinte, no Tabernáculo, dando tempo a que Willie e Mary White viessem da Califórnia. Num gesto de respeito para com esse estimado membro da comunidade, no dia do funeral muitos proprietários de lojas fecharam as portas, embora fosse o sábado o dia mais movimentado. Entre as 2.500 pessoas que assistiram aos funerais havia cem empregados da editora Review and Herald, todos usando uma faixa preta no braço.

Urias Smith fez o sermão fúnebre. Quando concluiu, Ellen White inesperadamente se pôs em pé. A despeito do seu pesar, Deus lhe deu forças e ela falou para a grande congregação por vários minutos, louvando ao Senhor por Seu amor e misericórdia. Firmando-se com a mão colocada sobre o esquife de Tiago, ela falou com voz clara. "Meu querido Salvador tem sido minha força e sustentáculo neste tempo de necessidade", disse ela. "Ao ser tirada do leito, enferma, para estar com meu esposo em seus últimos momentos, a surpresa do choque pareceu-me, a princípio, pesada demais para que a pudesse suportar, e clamei a Deus que o poupasse para mim – que não o levasse, deixando-me a trabalhar sozinha."

Podemos imaginá-la fazendo uma pausa, recordando a vida que tiveram juntos. "Duas semanas atrás estivemos lado a lado nesta escrivaninha; mas a partir de agora ele estará faltando. Não estará presente para me ajudar, então. ...

"E agora volto sozinha ao trabalho da minha vida. ... Quando vi que meu esposo respirou pela última vez, senti que Jesus me era mais precioso do que jamais havia sido em qualquer hora anterior da minha vida.

"E agora, aquele sobre cujas afeições me apoiei, com quem trabalhei – e estivemos unidos no labor por 36 anos – foi levado; mas posso colocar as mãos sobre seus olhos e dizer: Confio a Deus o meu tesouro até a manhã da ressurreição."

O grande cortejo fúnebre moveu-se vagarosamente para o Cemitério Oak Hill. Levou algum tempo para que as 95 carruagens e as centenas de pessoas a pé fizessem o percurso até o local do sepultamento. O líder tombado foi posto para descansar no jazigo da família, onde seus dois filhos e seus pais estavam sepultados. Tiago White tinha 60 anos quando faleceu.

Ele havia dirigido a organização oficial da Igreja e participado de quase todos os pequenos pormenores de seu desenvolvimento. Agora, ela devia prosseguir sem ele. Sua querida Ellen – seu "diadema de júbilo" – seguiria adiante sozinha, na força dAquele que os havia guiado através dos últimos 34 anos. Sem ele, os anos que se estendiam diante dela seriam solitários para Ellen, mas seu melhor amigo, Jesus, continuaria a sustentá-la e guiá-la até o fim da sua vida.

CAPÍTULO 9

Urias Smith:

"Seu na Bem-Aventurada Esperança"

Com quatro anos de idade, Urias estava doente, muito doente, com algum tipo de febre. A enfermidade passou, mas o deixou com uma úlcera que não sarava, na sua perna. Há vários relatos acerca da idade que ele tinha e do que realmente aconteceu. Numa carta escrita para J. F. Barbaret, na década de 1890, estava a descrição que ele mesmo fez do trágico evento:

"Tive uma necrose óssea na minha perna aos quatro anos de idade. Aos doze, vi-me com uma perna atrofiada e repuxada e um joelho rígido, e a febre manifestando-se novamente. Era evidente [a todos] que a perna precisava ser cortada, ou eu perderia a vida. Bem, não sei de nada com que se possa cortar uma perna a não ser uma faca. Assim, foi usada uma faca, e não tenho tido problema desde então, exceto o incômodo de usar um membro artificial."

Um famoso cirurgião, o Dr. Amós Twitchell, amputou a perna do menino durante uma operação de vinte minutos realizada sobre a mesa da cozinha da família Smith. Na época, não havia anestésico cirúrgico, e o menino de doze anos era jovem demais para ser embebedado com uísque, a anestesia daquele tempo. A parte que tocou a Rebeca Smith foi ajudar a segurar seu filho mais novo sobre a mesa, enquanto o Dr. Twitchell cortava a perna gangrenada do menino. É difícil imaginar o horror daquele dia e dos dias seguintes para a jovem mãe e seu filho.

Deus certamente deve ter enviado Seu melhor anjo cirurgião para ficar ao lado do Dr. Twitchell e guiar-lhe os pensamentos e atos enquanto realizava aquela primitiva cirurgia, bem como para garantir que não resultasse numa infecção – a causa comum de mortes após uma cirurgia naquela época.

AFC

O interessante é que Urias parece não ter-se perturbado com aquele trágico evento, e não há evidências de que tenha sofrido qualquer depressão traumática ou perda da auto-estima. Foi um fato da vida e ele o aceitou, adaptando-se à situação. Cresceu e se tornou um homem inteligente e bem ajustado, admirado e apreciado por todos os que o conheciam.

O bisavô Zacarias Smith foi um dos primeiros colonos em New Hampshire. Seu filho, Urias, mudou-se para Wilton, New Hampshire, por volta de 1778, e sustentava a família como curtidor. Um dos seus dez filhos foi Samuel, que se casou com Rebeca Spalding. Samuel e Rebeca tiveram quatro filhos – Annie, John, Samuel e Urias, que recebeu o nome do seu avô.

Samuel e sua família ouviram a pregação sobre o advento, e Rebeca e dois dos filhos, Annie e Urias, aceitaram a verdade da segunda vinda de Jesus. Urias lembra-se de ter ido a uma reunião campal, recordando as histórias que ouviu lá. Batizado no início do verão de 1844, o menino de onze anos andava pela vizinhança com as novas de que Jesus viria em breve.

Mas após o desapontamento de 22 de outubro, tanto Urias quanto Annie se afastaram dessa crença. A mãe deles continuou orando em seu favor e, depois de aprender acerca do sábado, preocupou-se mais ainda com eles. José Bates se tornou seu fervoroso companheiro de oração em favor dos filhos dela.

Urias Smith foi para a escola Phillips, uma das mais bem conceituadas daquela época. Ele tinha muitos talentos e pretendia estudar em Harvard para tornar-se professor. O pai, entretanto, sofreu reveses nos negócios e não lhe pôde custear a educação universitária. Urias simplesmente mudou de estratégia e decidiu trabalhar por um ano ou dois antes de tentar a faculdade. Dava aulas e trabalhava para um comerciante local. Então o pai morreu inesperadamente. Com a morte do pai, os pensamentos de Urias se voltaram para seu bem-estar espiritual e ele começou a estudar meticulosamente a mensagem do advento. Em 1852, foi a uma conferência em Washington, New Hampshire, onde pela primeira vez ouviu Tiago e Ellen White falando. Explica-

ram claramente a razão para o desapontamento, e também explicaram com muito cuidado por que eles e outros crentes no advento haviam adotado o sábado. Urias foi para casa muito impressionado com tudo o que ouvira.

Mas ele era uma pessoa muito cautelosa e não assumiu um compromisso antes de ter passado três meses verificando por sua conta própria tudo o que havia aprendido. Após uma árdua batalha com suas próprias ambições, escreveu: "Um exame dos argumentos sobre nossa posição me convenceu plenamente a andar com os remanescentes, que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus."

Ele renovou sua entrega ao Senhor. Iria segui-Lo por toda a vida.

Uma nova escola estava sendo estabelecida em Mount Vernon, New Hampshire, e lhe foi oferecido o cargo prestigioso e bem remunerado de diretor. Era uma oportunidade que o levaria a conquistas ainda mais elevadas no mundo da educação. Seus amigos achavam que ele seria tolo se rejeitasse uma carreira tão segura financeiramente e compensadora profissionalmente.

Mas tanto ele quanto sua irmã Annie tinham, então, os olhos voltados para um chamado superior. Assim, escolheram seguir os ensinos em que criam sinceramente – os ensinos da Bíblia, que apontavam para a breve volta de Jesus e a necessidade de observar o sábado.

Em 1851, Annie enviou a Tiago White um poema para possível publicação no periódico da igreja. O Pastor White ficou tão encantado com o bem escrito poema que escreveu a Annie e insistiu para que ela se unisse à família da casa publicadora em Saratoga Springs, Nova York, onde era impressa a *Adventist Review and Sabbath Herald*. Ela aceitou o convite.

No ano seguinte, Urias enviou um poema dele próprio, esperando que também fosse publicado. Embora tivesse uma incrível extensão de 35 mil palavras, Tiago White gostou tanto que imprimiu um segmento dele a cada semana, durante os cinco meses seguintes.

Como resultado do poema – e talvez a despeito de sua extensão – Tiago sugeriu que Urias fosse a Rochester e passasse a fazer parte da equipe da publicadora. Smith gostou da idéia, e um dia depois do seu vigésimo primeiro aniversário se apresentou à Avenida Mt. Hope, 124, em Rochester, Nova York, para começar aquele que seria o seu trabalho para o resto da vida. Suas primeiras tarefas consistiam em fazer qualquer coisa que precisasse ser feita. Mas não demorou muito

até que ele começasse a escrever, e durante os 50 anos seguintes esteve ligado ao escritório da Review, basicamente como editor ou editor associado.

Urias Smith se tornou bem conhecido não só como escritor, mas também como inventor, ilustrador, artista e poeta. Eugene Durand o descreveu assim: "Urias Smith foi o mais versátil dos pioneiros da igreja, servindo à causa do advento como autor de livros e artigos, poeta e compositor de hinos, editor, expositor-teólogo, orador itinerante, professor, administrador, inventor, artista-ilustrador e marceneiro. Realmente, ele era o homem dos dez talentos!"

Devido à perda de sua perna, Urias foi forçado a adotar um estilo de vida mais sedentário do que teria sido em outra situação. Sem dúvida, isso o levou a desenvolver muitos talentos artísticos.

O pai de Urias, Samuel Smith, era perito em atividades mecânicas, um talento que seu filho também possuía. Durante vários anos, Urias usou uma perna artificial feita de cortiça. Ele considerava aquilo um grande incômodo, já que não era flexível. Tinha dificuldade para ajoelhar-se e erguer-se da posição de oração. Tinha certeza de que devia existir algum material e modelo melhor para uma perna artificial, e a lâmpada de sua oficina brilhou por longas horas enquanto ele experimentava uma coisa após outra para descobrir esse modelo melhor.

Em 1863, depois de muitas tentativas e erros, ele produziu uma perna artificial significativamente mais leve, que se dobrava completamente no joelho. Também tinha um pé móvel, que lhe permitia andar mancando apenas um pouco. Obteve a patente da perna, que dizia em parte: "Desta maneira o corpo vivo é posto para partilhar seu vigor e elasticidade com o apêndice artificial", e o usuário é capaz de "assumir qualquer posição que seria possível com o membro natural."

A nova perna artificial de Urias Smith foi um sucesso tão grande que seu manquejar quase não era percebido. Aqueles que nada conheciam da sua história, nem sonhavam que ele tinha só uma perna de carne, sangue e ossos, e isso causou pelo menos um mal-entendido.

Enquanto Urias andava a pé para o escritório da Review e voltava, muitas vezes ia preocupado sobre como iria escrever determinado texto. Um dia, ele passou por Sands Lane, um jovem ministro que também tinha uma perna faltando. Sem conhecer Smith muito bem, o jovem se ressentiu daquilo que lhe pareceu grosseria, quando o irmão Urias deixou de responder ao seu cumprimento. Lane mencionou seus

sentimentos feridos a alguém, que por sua vez disse a Urias que ele havia ofendido o irmão Lane. O Pastor Smith ficou muito surpreso. Estivera tão profundamente mergulhado em seus pensamentos, que sequer vira o rapaz.

No sábado seguinte haveria uma Santa Ceia, e o Pastor Smith perguntou ao Sr. Lane se podia lavar-lhe o pé na cerimônia. Enquanto um lavava o pé restante do outro, lágrimas rolaram pelo rosto do jovem Lane, quando ele entendeu quão enganado estivera ao julgar aquele piedoso homem. Naquele momento, conversaram sobre o maravilhoso dia em que nenhum deles seria deficiente, mas saltariam "como cervos" (Isaías 35:6). O amor fraternal assumiu novo significado naquela cerimônia de lava-pés.

Ele vendeu a patente de sua perna artificial, obtendo dinheiro suficiente para construir uma pequena casa não muito longe do escritório da Review. A Guerra Civil sem dúvida aumentara a demanda por pernas artificiais melhores, pois havia muitos novos feridos e mutilados.

Urias Smith também inventou uma carteira escolar que foi usada nas escolas americanas por muitos anos, recebendo três mil dólares pela patente. A carteira vendeu bem até que a patente expirou, e então a fábrica se incendiou em 1891. A venda da patente da carteira possibilitou a construção de uma casa maior para a família Smith em expansão (a esposa, quatro filhos e duas filhas). Essa casa continuou como o lar da família até a morte dele, em 1903.

Seis outras patentes traziam o nome de Urias Smith, uma delas sem paralelo no incipiente mundo dos automóveis. Quando aquelas novas engenhocas – chamadas carruagens sem cavalo – começaram a fazer suas aparições em Battle Creek, muitos cavalos se assustavam, retrocedendo ou disparando enquanto seus condutores tentavam reassumir o controle. Smith desenhou uma cabeça de cavalo de madeira, que podia ser anexada à frente do automóvel. Isso devia deixar o cavalo real à vontade e fazer com que não fugisse da nova invenção. Mas logo ficou evidente que era o barulho assustador da carruagem sem cavalo que deixava os animais em pânico, e não o automóvel propriamente dito. A cabeça falsa na frente do automóvel não iludia o cavalo de verdade, de jeito algum! Smith não ganhou muito dinheiro com essa idéia, se é que ganhou algum, mas ela é lembrada ainda hoje quando se discute a carruagem sem cavalos.

O Pastor Smith não foi só inventor e editor, mas poeta e autor de hinos. Ele não compôs a melodia, mas escreveu a letra de quatro hinos: Jesus Voltará, Oh! Dia Feliz, Falecido e Escura é a Hora. Os dois últimos eram hinos fúnebres, e só o primeiro aparece no hinário adventista publicado em 1985*.

Smith foi chamado para auxiliar na compilação de vários hinários. A Review publicou em 1855 o anúncio de que um novo hinário estava sendo preparado por Tiago White, J. N. Andrews, Urias Smith e outros. Devia estar "isento de todos os erros predominantes na atualidade". A maioria dos hinos ensinava uma ou mais doutrinas errôneas, e eles queriam um hinário que fosse fiel às crenças adventistas.

Com o elevado valor que atribuía à música como sendo a "linguagem do Céu", o Pastor Smith sentia prazer em dirigir os cânticos na Escola Sabatina e em outros programas da igreja, não só no tabernáculo de Battle Creek, mas também ao viajar pelo circuito das reuniões campais e ao cumprir outros compromissos. Cerca de um ano antes do seu falecimento, ele mencionou seu amor à boa música numa estimulante nota na *Review*: "A música é um dom divino, e deve ser dedicada a propósitos divinos."

W. A. Spicer descreveu Urias Smith como "sempre calmo e sereno, jamais ansioso ou agitado".

Freqüentemente, ficava silencioso nas reuniões e quando ouvia críticas. Raramente precisava desculpar-se por palavras insensatas ou apressadas – porque não as proferia. O são juízo e a capacidade de ponderar as coisas fizeram dele um sábio conselheiro, tanto em sua função oficial na igreja, como na vida pessoal.

Urias Smith escreveu mais de 18 livros, além de *Pensamentos Sobre Daniel e Apocalipse*, o mais conhecido, que é vendido ainda hoje (em inglês). Algumas das xilogravuras usadas em seus livros foram feitas pelo próprio Smith. Em 1890, Ellen White disse que *Daniel e Apocalipse*, junto com o seu *Patriarcas e Profetas*, devia ter ampla circulação, e que essa obra "deve ser mantida perante o povo". Mais tarde, ela novamente se expressou de modo elogioso sobre *Daniel e Apocalipse*: "Considero que o livro deve ir a toda parte. Ele [...] fará uma grande e boa obra."

Através dos anos, a redação da Review se alternava entre Tiago White e Urias Smith. A casa publicadora foi transferida para Battle Creek em 1855, e Urias Smith se tornou o "Editor Residente". Ele

* N. da Tradutora: No Hinário Adventista em português é o hino 145.

tinha 23 anos de idade. Sim, muito jovem, mas com exceção de José Bates, todos os líderes da Igreja eram jovens. Smith recebeu muita ajuda dos "Editores Correspondentes" Tiago White, J. H. Waggoner, R. F. Cottrell, J. N. Andrews e Stephen Pierce. Seus editoriais eram assinados com "U.S." Os de White levavam a assinatura "J.W."

Urias Smith era um homem elegante, educado, nobre e atraente. Cultivou uma agradável comunicação com seus leitores, não só através dos artigos, mas com sua coluna "Perguntas Respondidas". Era muito estimado, tanto pelos leitores quanto por seus colegas de trabalho.

Durante 34 anos, Urias Smith foi o editor-chefe da *Review and Herald*, estabelecendo um recorde de serviço nessa função. O objetivo do órgão da igreja era levar a mensagem do advento ao maior número possível de pessoas. Sempre foi a meta de Tiago White que a *Review* estivesse disponível a todos os que quisessem recebê-la, mesmo que não tivessem dinheiro para pagar por ela. Ele e Urias faziam visitas pessoais com freqüência àqueles que podiam ajudar a providenciar recursos, a fim de que outros tivessem o "pregador visitante" em forma de revista. Esse era o único pregador que muitos deles recebiam.

Há o relato de um menino que queria arranjar uma assinatura para alguém menos afortunado que ele. O garoto possuía uma galinha; vendeu-a e depois mandou o dinheiro à Review.

O Pastor Smith nunca entendeu como alguém podia cancelar uma assinatura da revista. Achava que era triste a situação de uma pessoa que não tivesse tempo de cuidar de sua condição espiritual. Mas havia outros que lhe iluminavam o dia, ao lhe contarem o quanto apreciavam "a boa e velha *Review*". A carta de uma mãe em Kansas lhe dizia: "Eu desejava tanto assinar a *Review* que meus dois meninos, de dez e onze anos de idade, saíram para fazer armadilhas e capturar tartarugas*. Era janeiro e estava nevando. Então, eles caminharam 16 quilômetros para arrecadar dinheiro com as tartarugas. A soma foi de dois dólares e cinqüenta centavos. Isso era suficiente para as assinaturas da *Review* e de *The Youth's Instructor*. No dia seguinte, eles percorreram 13 quilômetros até o correio para despachar a encomenda das revistas. Muito obrigada, irmão Smith, pelas mensagens da bem-aventurada esperança nessas publicações."

Como essas palavras alegravam e animavam o fatigado editor!

Numa coluna intitulada "Comunicações", o editor publicava cartas de correspondentes, bem como as respostas dele. Um homem no Canadá começara a guardar o sábado depois de ler um livro, muitos anos antes. Posteriormente, visitou Battle Creek e comprou livros e revistas suficientes para encher uma sacola com capacidade para uns 50 quilos, e então os distribuiu por todo o caminho de volta para o Canadá. Ele mandou setenta dólares em assinaturas da *Review* para seus amigos. Foi novamente a Battle Creek e chegou a ser batizado, com a idade de 79 anos, embora nunca tivesse ouvido um sermão de um pregador adventista.

Uma professora de escola pública teve experiência semelhante. Leu a mensagem do advento e guardou o sábado por dois anos, sendo finalmente batizada numa reunião campal de Ohio. Até aquele momento, jamais tivera contato com os adventistas.

Em seu trabalho como editor da publicação da igreja, Urias Smith recebia muitos manuscritos de pretensos escritores. Alguns eram firmes em sua insistência no sentido de que o artigo não necessitava de revisão. Devia ser publicado exatamente como fora enviado ao editor. A resposta padrão de Smith a esses que se imaginavam grandes autores era: "O artigo já está a caminho da cesta de lixo, por via aérea, viagem só de ida, sem escalas."

Ele também não publicava os textos de outro tipo de escritor:

"Se você quiser perturbar o espírito normalmente plácido de um editor, é só enrolar seu manuscrito ao mandá-lo para o escritório. Faça um rolinho firme e apertado para que, na hora de remover o envoltório, uma ou duas folhas sejam certamente mutiladas e, quando abertas, nenhum gênio sobrenatural consiga fazer com que fiquem desenroladas. Se não quiser causar a perturbação já mencionada, dobre seu manuscrito com capricho, coloque-o dentro de um envelope, pague a correspondente tarifa postal e o despache. Então, se ele nunca for publicado, leve o fato "na esportiva" e, quando o gênio manifestar novamente suas energias titânicas, escreva outra vez."

Em Battle Creek, a editora Review and Herald crescia cada vez mais, necessitando de mais espaço e funcionários. As impressoras dobraram a produção em quatro anos; as vendas somaram trinta mil dólares, em 1886. Enquanto se dirigia à assembléia da Associação Geral em 1889, o editor Smith falou dos anos desde que a obra começara, ensaiando os primeiros tempos das publicações na velha casa da Avenida Mount Hope, em Rochester.

* N. da Tradutora: Espécie de tartaruga terrestre comestível que cava túneis no solo.

A força de trabalho original na pequena casa publicadora era de 15 pessoas. Dois anos depois desse discurso feito em 1889, a Review empregava 300 homens e mulheres.

No dia 30 de dezembro de 1902, um incêndio consumiu a Review and Herald Publishing Association, em Battle Creek, Michigan. No início do dia, o chefe dos bombeiros havia feito uma inspeção e tudo estava bem. Naquela noite, o prédio e o que ele continha foram destruídos. Embora tivessem uma apólice de seguro contra incêndio no valor de cem mil dólares*, isso cobria somente parte das perdas. Urias Smith ficou firme em sua fé:

"À sombra de uma grande calamidade, estamos de bom ânimo. [...] O fogo varreu da face da Terra o símbolo visível daquilo que por longo tempo foi considerado objeto de amor e veneração. Mas Deus vive, e Sua verdade permanece."

Urias Smith fizera parte do cenário desde o início da obra de publicações. Havia vigiado e trabalhado enquanto a Review and Herald crescia, de um jornalzinho impresso num prelo manual até se tornar uma grande editora com centenas de empregados, dispondo do melhor equipamento; e publicando a literatura em seis idiomas. Quando ele tinha tempo, ia com freqüência ao parque gráfico só para ver as publicações passarem por todas as etapas de impressão até o setor de expedição. Isso era sempre uma experiência emocionante para ele.

Na época do incêndio, o número de membros da igreja era de 75 mil, e a tiragem da *Review* era de 15 mil exemplares.

Após o incêndio, o conselho de Ellen White foi de que a obra de publicações devia ser estabelecida em outro lugar. Depois de muita discussão e procura em vários locais, decidiu-se que a mudança seria feita para Washington, DC. Mas Urias Smith não se mudou com ela.

Na sexta-feira de manhã, dia 6 de março de 1903, o Pastor Smith ia a pé para o trabalho, como era seu costume. No bolso, carregava manuscritos que havia acabado de escrever. Ao aproximar-se do tabernáculo de Battle Creek, caiu sobre a grama. Outros, também a caminho do trabalho, viram-no e correram para socorrê-lo. Ele foi levado ao escritório da Review, e depois à sua casa, onde um médico e duas enfermeiras cuidaram dele. Alguns horas depois, morreu com um ataque cardíaco fulminante.

Tanto os membros da igreja quanto os cidadãos de Battle Creek ficaram atônitos. Foi dada a ordem ao chefe da gráfica: "Pare os prelos!"

* Algumas fontes dizem que o seguro era de 150 mil dólares.

Planejou-se uma despedida condizente para o amado editor do órgão da Igreja. A edição seguinte da *Review* trouxe uma foto de Urias Smith com as bordas pretas na primeira página, uma distinção jamais concedida antes a um pioneiro adventista. Imprimiu-se um poema em sua homenagem, escrito muitos anos antes por sua irmã Annie.

Ele dorme em Jesus – pacífico descanso –
Luta mortal nenhuma lhe invade o peito;
Dor, pecado, lamento ou cuidado nenhum
Alcança aquele que agora dorme silente.
Ele dorme em Jesus – para erguer-se em breve,
Quando a última trombeta rasgar os céus;
Então, desfeitos os grilhões da tumba,
Despertará com vigor pleno e imortal.

A cerimônia fúnebre foi realizada no tabernáculo de Battle Creek, no domingo, dia 8 de março de 1903 – o maior funeral em Battle Creek desde o de Tiago White. Toda a equipe de empregados da Review and Herald formou um cortejo desde a casa da família Smith até o tabernáculo. Diante do púlpito havia um feixe de grãos maduros, significando que Urias Smith havia deposto tudo sobre o altar do serviço. Estava pronto para ser ceifado.

Os oradores foram A. G. Daniells e W. W. Prescott. Um quarteto cantou um hino escrito por Frank Belden, uma hora depois de ter sabido da notícia da morte de Smith. Além de outros hinos usados no funeral, havia um escrito por sua irmã Annie – Ele Dorme em Jesus.

Junto com muitos outros pioneiros adventistas, Urias Smith repousa no Cemitério Oak Hill, aguardando o chamado de Jesus. Pudesse ele falar hoje, quase certamente animaria os crentes na mensagem do advento a serem fiéis.

Jesus voltará, com poder voltará;
Os Seus levará para o Céu.
Iremos com Ele pra sempre morar
Num lar só de paz e de amor.
Estás pronto a ir e morar com Jesus,
O teu Salvador sem igual?
Estás pronto a ir e morar com Jesus,
A ir para o lar celestial?

As últimas palavras que ele escreveu faziam parte de um sermão que planejava apresentar diante da assembléia da Associação Geral de 1903.

"Estou com todos vocês no esforço de proclamar este evangelho do reino nesta geração, como testemunho a todas as nações. E quando isso se completar, será o sinal para a coroação de nosso Rei vindouro.

"Seu na Bem-Aventurada Esperança, Urias Smith."

Ele não chegou a apresentar o sermão nem falou essas palavras específicas, pois constavam dos manuscritos que levava no bolso enquanto ia caminhando para o escritório na última manhã da sua vida.

Feijão, Feijão e Mais Feijão

O grupo heterogêneo e alegre de obreiros se reunia em torno daquilo que servia como mesa – uma longa tábua colocada sobre duas barricas vazias de farinha. Eram os rapazes e as moças que se dedicavam a imprimir a revista adventista, *The Review and Herald.* Todos moravam na grande casa velha da Avenida Mount Hope, em Rochester, Nova York. Não eram só eles que moravam lá, mas a revista também – impressa num simples prelo manual instalado num dos quartos grandes. Como se vê, era um prédio "de mil e uma utilidades"!

O dinheiro era escasso. Todo centavo que conseguiam economizar ia para a obra que Deus lhes chamara a fazer. Pagavam 175 dólares por ano pelo aluguel da casa. Economizavam todo centavo para fazer com que o pouco dinheiro que tinham durasse o máximo possível. Nenhum deles recebia salário, só a hospedagem e comida, e alguma pequena quantia de que precisassem para artigos de uso pessoal.

Mas lá estavam eles – felizes por servir ao Senhor nesse novo empreendimento.

Jennie Fraser logo se uniu ao grupo, encarregada de cozinhar e lavar a louça. Embora fosse jovem e cheia de energia, isso não significava que entendia de como promover um regime alimentar equilibrado. Ela entendia, sim, era de pobreza e economia – pobres eles eram, e economia eles aprenderam. Aprenderam a comer nabo em lugar de batata – os nabos eram muito mais baratos. Pela mesma razão, comiam mingau em vez de ovos mexidos e torradas.

Não era necessário ser formado em economia para saber que um saco de feijão custava menos do que praticamente qualquer outro alimento. E era necessário muito alimento para dar de comer aos quinze membros da família da publicadora, na maioria rapazes com um apetite colossal. Sim, o feijão era o artigo mais usado para encher todos aqueles estômagos vazios, e era servido com freqüência.

Urias Smith já convivia com a família da publicadora por várias semanas quando começou a perceber como eram as coisas. Um dia, quando a tigela de feijão foi passada ao jovem Urias, ele observou: "Bem, eu gosto de feijão, e não me importo de comê-lo 365 dias seguidos. Mas quando se trata de torná-lo o único ingrediente do cardápio, sou obrigado a protestar!"

Essa não foi a primeira vez que o grupo teve de dar boas risadas como resultado das palavras espirituosas de Urias. Nem seria a última. Suas expressões gentis e às vezes engraçadas davam o recado em reuniões, nos seus artigos, cartas e em conversas.

Colheres e Relógios

Numa edição do *The Health Reformer*, os leitores de Urias Smith foram advertidos contra a "Desprezível Ingratidão". Contou ter recebido pelo correio o oferecimento de um jogo de colheres de prata avaliado em dez dólares, e de um relógio de prata avaliado em quarenta dólares. Ao devolver os certificados que haviam sido anexados, junto com 2,35 dólares para a postagem, ele receberia tanto o jogo de colheres quanto o relógio. Sentindo o impacto dessa oferta, ele achou necessário escrever imediatamente à empresa. O que ele escreveu foi isto:

"Cavalheiros:

"Recebi os certificados anexos de sua firma, alguns dias atrás. Não tenho o desejo de privá-los de bens no valor de 50 dólares, devolvendo-lhes apenas quatro dólares. Certamente será melhor para os senhores, como parece em face destes certificados, que eu lhes devolva ambos, e peça as colheres sem fazer nenhuma remessa, em lugar de enviar os quatro dólares e pedir o relógio e as colheres. Portanto, em vez de remeter 2,35 dólares para o envio das colheres, devolvo meu certificado pelo relógio de 40 dólares, que certamente cobrirá o valor, e gostaria que me enviassem as colheres.

"Meu argumento neste caso é certamente correto; e agora, se o seu estabelecimento não for uma daquelas empresas mentirosas, com as quais o país está sendo atualmente afligido de modo especial, e em comparação com as quais a cólera é uma bênção, sei que receberei as colheres.

"Respeitosmente,

"U. Smith

"P.S.: Não se esqueçam de enviar as colheres."

No seu artigo, Smith mencionou que, embora tivesse esperado um

longo tempo, as colheres nunca apareceram. Ele acautelou seriamente os que tinham recebido os tais certificados para que não esperassem receber alguma colher em troca. Smith era um homem que sabia ser objetivo!

Com Barba ou Sem Barba

Antes de 1850, os homens não costumavam usar barba. Até o Tio Sam (personagem-símbolo dos Estados Unidos) era bem barbeado. Na época da Guerra Civil, contudo, as barbas começaram a ser moda entre os homens. Mas havia muita crítica. Para Urias Smith tanto fazia, mas a questão da barba se tornou uma polêmica tão grande que ele finalmente escreveu um artigo para a Review, intitulado "Barbas e Bigodes".

Ele não considerava o caso como questão de consciência, e por isso o seu artigo não era nem a favor nem contra. A essência de sua declaração foi: "Se um homem acha que o fato de barbear-se vai prejudicar sua saúde, não o obrigaríamos a causar danos à sua constituição física; se ele acha que a simpatia entre os olhos e o lábio superior é tal que ele não possa barbear o último sem prejudicar os primeiros, então, naturalmente, um bigode é uma necessidade. Essas opiniões, entretanto, exigem muita pesquisa para serem confirmadas.

"No que diz respeito à aparência, dizem alguns que barbear-se danificaria a beleza da face humana assim como Deus a planejou; mas nem todos têm a mesma idéia acerca da beleza. Aos olhos de muitos, um bigode farto e uma barba longa são aptos para fazer com que o homem se pareça tanto com um bode como com um venerável patriarca – talvez mais assim.

"Só podemos dizer que cada um procure formar idéias corretas sobre decoro e viva em harmonia com elas; se, sob essas circunstâncias, se sentem livres para [...] brandir uma navalha, não temos objeções a apresentar."

Smith também lembrou seus leitores de que o Senhor criou a mulher, tanto quanto o homem, à imagem de Deus. Ela não tem barba, de modo que o fato de ser imberbe não deve desfigurar a imagem de Deus. A única objeção do editor à questão toda era fazer do assunto um teste religioso, quando de fato não é isso.

Por falar no assunto, há somente uma foto de Urias Smith sem barba – em seu lugar, ele usava costeletas!

Quem Estará Lá?

Uma das perguntas na coluna do editor Smith pedia uma resposta espirituosa, em vez de séria. O leitor perguntava: "Nós nos reconheceremos no Céu?" Após a assinatura, constava uma anotação: "Por ordem da esposa."

A resposta de Smith foi enérgica:

"Estamos tentando entender qual é o estado de coisas que isso indica exatamente. Se ambas as partes desejam reconhecer-se no Céu, e se chegarem lá, não vemos nenhum problema. Se, todavia, não quiserem reconhecer-se, fica muito claro que ambos nunca chegarão lá, e assim não haverá problema."

CAPÍTULO 10

John Nevins Andrews:
Nosso Homem Mais Capaz

Um bando de índios rastejou silenciosamente até a extremidade do bosque e aguardou com paciência que o homem e seus filhos chegassem ao milharal. Aquele milharal fora duramente cultivado no solo pedregoso ao redor de Taunton, Massachusetts. Foram separadas as pedras, metro a metro, e caprichosamente empilhadas para formar um muro marcando o campo. Logo depois do romper do dia, Esdras Andrews e quatro de seus filhos apareceram, com uma espingarda em uma das mãos e a enxada na outra.

Apoiaram as armas contra o muro de pedra e começaram a trabalhar nas longas filas de pés de milho. Não havia acontecido nenhum ataque de índios em muitos meses, e Esdras não estava muito preocupado quando começaram a trabalhar. Talvez a falta de uma atividade visível dos índios tenha dado motivo a que os homens descuidadamente tivessem deixado aumentar a distância entre eles e suas espingardas. Mas os índios, pintados para a batalha, observavam atentamente. De súbito, com gritaria e brados de guerra, saíram correndo do bosque, impedindo o acesso dos homens brancos às espingardas. Sem poder alcançar as armas, Esdras e seus filhos correram para o bosque e tentaram defender-se arrancando pequenas árvores e usando-as como armas. Todavia, cinco homens e alguns pequenos troncos de árvore não podiam enfrentar a disposição hostil dos índios. As flechas e machadinhas atingiram o alvo e, um a um, os homens da família Andrews foram massacrados.

A Sra. Andrews ouviu o grito de guerra, os brados e berros. Correndo para a porta, viu com impotente horror enquanto seu esposo e quatro dos seus filhos eram mortos no milharal. Poucas dúvidas tinha ela de que os índios correriam até a casa e matariam o restante da família. Mas, enquanto esperava, petrificada de choque e medo, os sons do ataque diminuíram e um silêncio mortal se instalou sobre o milharal e o bosque adjacente. Dentro do alcance de sua visão e audição, nem sequer um animal ou ave se movia.

A.E.G.

Um longo período de silêncio a convenceu de que os índios se haviam retirado. Seu coração batia violentamente quando ela saiu para o campo, esperando, contra a lógica, que pelo menos um dos seus homens estivesse vivo. Mas nenhum sobrevivera.

Oito membros da família Andrews se haviam reunido ao redor da mesa naquela manhã, planejando o dia enquanto tomavam seu farto desjejum de batatas fritas, biscoitos e molho, mingau de fubá e peru silvestre. Agora, só permaneciam três – Elisa Andrews, a filha Mary e o filho caçula Henry, que teve a sorte de estar doente naquele dia e não fora para o campo com o pai e os irmãos. Amortecidos com o choque, Elisa, Mary e Henry conseguiram de alguma forma cavar sepulturas e enterrar seus mortos.

Henry Andrews cresceu e se tornou um homem alto e forte. Casou-se com uma bela jovem e teve uma grande família de rapazes. Com o passar dos anos, o clã Andrews se instalou em Massachusetts e Maine. Durante a Revolução Americana, David Andrews, descendente de Henry, e seu amigo John Nevins, serviram juntos no exército de George Washington.

Muitos anos mais tarde, Edward, neto de David Andrews, casou-se com Sara, neta de John Nevins. Foram morar em Poland, Maine, onde tiveram um filho. Deram-lhe o nome de John Nevins Andrews, nome do bisavô. Nove anos mais tarde, nasceu William P. Andrews naquela família. Edward e Sara tiveram outros dois filhos, mas ambos morreram na infância.

John Nevins não tinha saúde muito boa, e foi-lhe necessário deixar a escola muito cedo. A partir de então, estudou sozinho. Carregava sempre um livro consigo, e toda vez que tinha um momento livre, abria as páginas e assimilava algumas palavras ou uma frase com seu cérebro prodigioso.

Tinha uns treze anos quando aceitou a Jesus como seu Salvador.

Especialmente afeiçoado à Bíblia, aprendeu sozinho a lê-la em grego, latim e hebraico. Antes de morrer, lia a Bíblia em sete idiomas.

Morou por pouco tempo com seu tio Charles e tia Persis, em Dixfield, Maine, e freqüentou a escola do Sr. Grover. Tia Persis ficou bem impressionada com John, embora o considerasse "desajeitado e relapso nas tarefas, e não muito caprichoso". Ele media 1,82 m e calçava botas de tamanho maior que o normal. Ela achou que ele era um estudante promissor, muito correto, e com voz notável para leitura. A tia decretou que ele tinha "um bom senso de primeira categoria" – sempre optava pelo melhor.

O tio Charles via futuro no sobrinho e tentou convencê-lo a ir para a universidade e se tornar advogado. Esperava até que se tornasse um político, como ele próprio. Ofereceu-se para pagar todas as despesas com os estudos, incluindo roupa e manutenção. Como aquilo parecia significar muito para o tio Charles, John não quis desapontá-lo e lhe disse que pensaria no assunto. Mas, na realidade, John não estava interessado. Amava a Jesus Cristo e queria que outros O conhecessem também. Assim, afinal teve de contar ao tio que agradecia o bondoso oferecimento, mas tinha um compromisso anterior e superior.

Sua decisão encontrou desaprovação da parte do seu estimado tio.

Charles Andrews era considerado rico, e membro do Congresso. Pesquisas mais recentes indicam que ele não era tão próspero, e foi congressista durante apenas alguns meses antes de morrer de tuberculose, em 1852.

***

A família de Edward Andrews assistira a algumas palestras nas quais ouviram do breve retorno de Jesus. Todas as noites, papai Andrews examinava cuidadosamente todos os textos apresentados durante o último sermão. Ao estudar esses textos, descobria que correspondiam ao que o ministro dissera. Assim, ele e a família aceitaram o novo ensino e se tornaram mileritas. Havia muito preconceito contra os que aguardavam a breve vinda de Jesus, e a família Andrews suportou o seu quinhão de ridículo e sarcasmo.

Certa noite, pouco depois de ter aceitado a mensagem milerita, John estava acompanhando um amigo de mais idade, o Sr. Davis, até a reunião. De repente, um grupo de rapazes desordeiros parou diretamente na frente deles, bloqueando a passagem, e um deles ameaçou

bater no Sr. Davis com seu pesado chicote. John colocou-se na frente do amigo e disse corajosamente ao chefe da gangue: "A Bíblia diz que devemos levar os fardos uns dos outros. Se vocês vão espancar o Sr. Davis, devem espancar a mim também."

O líder ficou desconcertado diante da coragem do jovem. Tentando ocultar o chicote sob o braço, disse-lhes envergonhado que fossem adiante, resmungando: "É feio demais bater num mero rapazinho."

Descobrindo o Sábado

Após o Grande Desapontamento de 22 de outubro de 1844, a família Andrews trouxe para sua casa uma família de sobrenome Stowell, a qual tinha vendido tudo o que possuía para ajudar a contar aos outros que Jesus estava voltando. Enquanto morava com a família Andrews, a filha de 17 anos da família Stowell, Mariana, recebeu um folheto escrito por T. M. Preble, acerca do sábado. Mariana leu-o e acreditou nele, e depois deu o folheto ao seu irmão Oswald. Após examinar os textos citados no panfleto, Mariana e Oswald se convenceram da verdade e guardaram o sábado seguinte da melhor maneira que puderam.

Oswald teve a curiosidade de saber o que John Andrews acharia do panfleto. Ele era um grande estudioso da Bíblia e saberia o que ela realmente ensinava. Mariana levou o folheto a John e lhe pediu que o lesse. Ele o fez e ficou chocado. Podia ser verdade aquilo? Teriam observado como santo o dia errado aqueles anos todos? Ele começou a estudar o assunto, procurando todos os textos e comparando um com o outro. Quanto mais estudava, mais convencido ficava quanto às verdades expostas no panfleto de Preble.

Em pouco tempo, tanto a família Andrews quanto a família Stowell estavam guardando o sábado. Não demorou para que outras sete famílias em Paris, Maine, fizessem parte do grupo, incluindo a família de Cyprian Stevens. A futura esposa de J. N. Andrews e também a de Urias Smith eram filhas dessa família.

Fanatismo Entre os Crentes

Ellen White precisou enfrentar muito fanatismo em Paris, Maine, em meados da década de 1840. Havia alguns que acreditavam que Cristo viera espiritualmente no dia 22 de outubro de 1844, e que Ele, agora, vivia perfeitamente em Seus santos. Também acreditavam que havia raiado o sábado eterno e, como não se trabalha no

sábado, eles se recusavam a trabalhar. "Provavam" que estavam espiritualmente no Céu, "humilhando-se" e se tornando como criancinhas. Arrastavam-se com os joelhos e as mãos no chão. Acreditavam então que eram como os anjos e assim se sentiam livres para tomar esposas espirituais. Parecia não haver fim aos esquemas fanáticos que conseguiam inventar.

As evidências parecem indicar que a família Andrews se envolveu em alguns aspectos do fanatismo, especialmente com a doutrina do ócio. Persis Sibley Andrews escreveu no seu diário em março de 1846: "Exortamos o irmão Edward, que – pobre e iludido homem – junto com sua família ainda crê na breve volta de Cristo e que o dia da graça passou este ano. Eles não têm trabalhado por mais de dois anos e vivem na constante expectativa de que, a qualquer momento, o mundo será consumido pelo fogo. Gastaram praticamente todos os bens de sua pequena comunidade de 'santos' e quase exauriram a caridade e a paciência dos seus amigos. Edward disse que já estava esperando que fossem obrigados a ir trabalhar. Algumas outras famílias bem situadas, com propriedades de três a quatro mil dólares, gastaram tudo o que possuíam e, o que é pior, impediram os filhos de ir à escola e de aprender a trabalhar, educando-os apenas em cantilenas e ilusão."

O fanatismo dividiu o grupo de Paris, que não se reuniu por vários anos. Mas uma visita de Tiago e Ellen White, em 1849, foi o ponto de partida de dias melhores para os crentes dessa localidade. Pais, filhos e companheiros de fé confessavam seus pecados uns aos outros, e um genuíno reavivamento lhes empolgou as fileiras. Ellen White o descreveu como "um oásis no deserto". Foi nessa reunião que o jovem John Andrews exclamou: "Eu trocaria mil erros por uma verdade."

Nessa mesma reunião, ele também tomou a decisão de pregar as novas do sábado e da breve volta de Jesus. Ele não só pregou, como escreveu muitos artigos para o novo jornal da igreja, o *Advent Review and Sabbath Herald*.

Pregador de Manutenção Própria

Durante os cinco anos seguintes, J. N. Andrews literalmente se desgastou viajando de um lugar para outro, em busca de pessoas que desejavam ser salvas. Caminhou milhares de quilômetros, no calor e no frio, e se envolveu tanto na pregação da Palavra que pouca atenção dava a vestuário e alimento, ou ao lugar onde dormiria. Tinha um só

alvo – alcançar o maior número possível de pessoas com o evangelho de Cristo. A princípio, foi sozinho pelas aldeias do Maine. Posteriormente, na companhia de José Bates, pioneiro da verdade do sábado, foi a New Hampshire, Vermont e Ontário, no Canadá.

Em 1852, Andrews realizou uma série de reuniões em Rochester, Nova York. Um homem, chamado J. N. Loughborough, que pregava para os adventistas guardadores do domingo, foi incentivado por alguns dos seus membros a ir às reuniões e ouvir o que o jovem tinha a dizer, e apontar seus erros. Loughborough achou que era uma boa idéia e foi, armado com textos bíblicos que, segundo ele, provariam seus argumentos. Para sua grande surpresa, o jovem pregador usou cada um desses textos para provar seus próprios argumentos. Loughborough foi para casa e reestudou toda a questão, para depois, com alegria, unir-se aos guardadores do sábado. Ele e Andrews permaneceram amigos e colegas ao longo dos anos, desde então.

Andrews formou uma dupla com Hiram Edson, um fazendeiro que se tornou pregador, e visitaram novos estados no Oeste. Usando a charrete e o cavalo de Edson, percorreram perto de mil quilômetros em seis semanas. Durante esse tempo, Andrews contraiu uma tosse persistente e ficou magro como uma vara, exigindo de si além do limite. De dia ele pregava; à noite – até tarde – escrevia artigos para a *Review*. Edson procurava dissuadi-lo de trabalhar tanto, mas Andrews se sentia como o Apóstolo Paulo: "Ai de mim se não pregar o evangelho! Como posso descansar quando pessoas estão perecendo?"

Muitas foram as noites em que Edson ouviu Andrews orando por auxílio divino para enfrentar as muitas crises diante de si. Preocupava-se especialmente com O. R. L. Crozier, que havia guardado o sábado e passara a ser um amargo inimigo. Depois havia também T. M. Preble, cujo folheto convencera Andrews e sua família quanto ao sábado. Preble tinha renunciado sua fé no sábado, passando a pregar para uma igreja no domingo. Por fim, Andrews se sentiu compelido a escrever: "Amei vocês dois, pelo testemunho que deram quanto à verdade de Deus. Meu coração tem sofrido ao testemunhar o estranho curso que estão seguindo desde então. Mas deixo-os aos cuidados da misericórdia de Deus, cujos mandamentos ousam combater." O sentimento de Tiago White com relação a Andrews era claro: "Graças a Deus por John Andrews! Ele se tornou o nosso mais vigoroso campeão no que diz respeito ao verdadeiro sábado de Deus."

Mas ninguém pode queimar a vela em ambas as extremidades por

tempo indefinido, e a vela de John Andrews finalmente chegou ao centro. Com a frágil saúde perdida, foi necessário que ele tomasse o caminho de casa. Chegou só em Rochester, Nova York, onde a obra de publicações havia sido instalada, e se apresentou ao portão da Avenida Mount Hope, 124. Naquele momento, Tiago White olhou pela janela e viu um homem combalido, curvado, firmando-se numa bengala enquanto se arrastava na direção da casa. Havia alguma coisa familiar naquele homem, e Tiago saiu para cumprimentá-lo. O homem olhou para cima e, não vendo no rosto de White sinal de que o reconhecia, perguntou: – Não me conhece? – Embora a voz fosse fraca, o Pastor White percebeu quem era. Nada mais havia, porém, naquele homem doente e abatido que ele pudesse reconhecer.

Tiago ajudou Andrews a entrar em casa, onde as pessoas se apressaram para lhe preparar uma refeição quente. Depois de banhar-se e vestir um pijama limpo de Tiago, agradecido ele afundou numa cama quentinha e confortável. O casal White e a família da casa publicadora procuraram alimentá-lo para que recuperasse a saúde, e Tiago conseguiu juntar dinheiro suficiente para substituir-lhe as roupas esfarrapadas. Mas ele estava tão doente e exaurido que permaneceu com os White em Rochester por quase três meses, antes de ter condições de prosseguir em direção a Paris e sua casa.

Sua mãe e seu pai se regozijaram muito ao vê-lo, porém mal conseguiam identificar aquele homem magro e encurvado com o filho alto e ereto que havia saído para pregar, cinco anos antes. Discutindo a questão com seus pais, todos concordaram em dar prioridade ao mais importante: John precisava recuperar a saúde. Era primavera e quem sabe, pensaram, além da boa culinária de sua mãe, o trabalho da fazenda ao ar livre lhe restauraria a saúde. John via que o pai precisava de toda a ajuda que pudesse obter, pois o irmão, William, era inválido e não podia fazer muita coisa. O que aconteceu foi que o trabalho árduo, o ar fresco, muito alimento nutritivo e a luz do sol eram justamente as coisas de que John precisava, e sua saúde melhorou rapidamente. Uma vantagem a mais foi que ele e Angeline Stevens puderam renovar sua amizade.

Então, a família Andrews viu um artigo escrito por Tiago White numa edição de 1852 da *Review*, sugerindo que alguns dos crentes da Nova Inglaterra considerassem a possibilidade de mudar-se para Iowa, no Oeste. Podiam conseguir o próprio sustento enquanto testemunhavam entre os vizinhos. White escreveu: "Por que não mudar-se para o Oeste, irmãos? O solo é rico e profundo, fácil de trabalhar. Vocês o acharão muito diferente das encostas pedregosas que vêm cultivando há anos. A seara se abre amplamente diante de vocês, e as pessoas ouvirão sua mensagem. O trabalho necessário para conquistar um converso no Leste trará vinte no Oeste."

Assim, a família Andrews discutiu o assunto. Embora não fosse fácil desarraigar-se da terra que a família havia cultivado por tanto tempo, decidiram vender a fazenda e mudar-se para o Oeste. Alguns meses mais tarde, a família de Cyprian Stevens os seguiu, bem como J. N. Loughborough e sua esposa, e alguns dos vizinhos. Por fim, uns 30 crentes se mudaram para a cidadezinha de Waukon, Iowa. Foi lá que John Andrews e Angeline Stevens se casaram, no dia 29 de outubro de 1856.

Os colonos adventistas, todavia, estavam fracassando no seu propósito original de partilhar a fé com os vizinhos. O viver cotidiano era tão árduo que não sobrava energia para interagir muito com os outros, e Deus mostrou a Ellen White em visão que o seu testemunho era necessário em Waukon.

A Travessia do Rio

Foi assim que Tiago e Ellen White fizeram sua famosa travessia do rio Mississipi enquanto o gelo derretia. O clima estava bom para andar de trenó enquanto faziam seus planos de viagem, mas no momento em que chegaram ao rio ninguém sabia se conseguiriam realmente atravessá-lo. Todas as informações que obtiveram eram de que não seria possível. O clima andava moderado; caía chuva em vez de neve, e havia 30 centímetros de água sobre o gelo, que começava a derreter. Quando chegaram ao ponto da travessia, às margens do largo rio, Josias Hart, condutor do trenó, perguntou: – É para Iowa, ou de volta para Illinois?

A resposta foi categórica: – Vá em frente, confiando no Deus de Israel.

Com uma prece a cada respiração, Hart lentamente conduziu os cavalos e o trenó sobre o gelo, e a passagem para o outro lado foi feita com segurança. Quando o trenó alcançou a margem do rio que ficava em Iowa, a pequena multidão que observava das ribanceiras aplaudiu, e os três ocupantes do trenó louvaram a Deus por Sua guia

e misericórdia. Vários espectadores disseram que não teriam tentado aquela travessia por dinheiro nenhum. Sabiam que o gelo se havia rompido sob vários trenós, cujos condutores mal escaparam com vida.

Tiago e Ellen foram recebidos de maneira fria em Waukon. Cartas vindas do Leste haviam levado os crentes a perder a confiança no casal White e na obra que faziam para o Senhor. Mas Ellen sabia que o Senhor a enviara até lá e tinha um trabalho para ela fazer, e foram tomadas providências para a realização de reuniões que começariam naquela mesma noite. Com as mensagens que Ellen trouxe de Deus e as explicações sobre alguns assuntos polêmicos, a atitude dos residentes em Waukon começou a descontrair-se. Então, numa das reuniões, Ellen White teve uma visão que afetou muito os presentes.

Pessoas foram conquistadas pela intervenção direta do Espírito Santo. Foram feitas confissões e apresentados pedidos de perdão, e tanto J. N. Andrews quanto J. N. Loughborough renovaram seu compromisso com Deus e Sua obra. Os poucos dias que o casal White passou em Waukon foram bem recompensados. Loughborough retornou para Michigan com o casal, e John Andrews permaneceu em Waukon por mais dois anos, pregando na região e adjacências.

O Diário de Angeline

Durante esses anos, John e Angeline tiveram um filho, Charles Melville, nascido no dia 5 de outubro de 1857. Ocorreu uma tragédia no ano seguinte, quando o pai de Angeline, Cyprian Stevens, foi picado por uma cascavel. Ele viveu cinco dias em agonia, antes de sofrer uma morte torturante.

O diário de Angeline Andrews mostra alguns vislumbres da família. Ela conta que Charles era "um austero companheirinho, muito interessado em suas letras". Ela sentia uma falta terrível de John quando estava fora, pregando, mas sempre desejou que ele fizesse o que achava certo e bom. Certa vez, ela andou onze quilômetros, ida e volta, esperando encontrar uma carta de John no correio. Mas não havia nada. A filhinha Mary nasceu no dia 29 de setembro de 1861.

Em 1862, John pensou em mudar-se com a família, saindo de Waukon. Alguém insistira para que ele se estabelecesse no Estado de Nova York, onde estava realizando reuniões numa tenda. Assim, ele escreveu para Angeline, e decidiram que seria melhor mudar-se para Nova York. Ela aprontou as crianças e se dirigiu a Battle Creek, onde

passou alguns dias com sua irmã, Harriet Smith. Depois, seguiram para Nova York, onde tiveram um feliz encontro com o esposo e pai. Foi feliz pelo menos para Angeline e Charles, então com 5 anos. Mas Mary, com 17 meses, não se sentiu tão alegre. Ela não se lembrava do pai, e não só teve medo dele, como de todo o mundo. Depois de alguns dias, porém, Mary se tornou a menininha do papai.

John e Angeline tiveram outras duas filhas. O bebê que nasceu em 1863 viveu apenas quatro dias. Foi a primeira a ser sepultada no jazigo da família, no cemitério Mt. Hope, em Rochester, Nova York. Carrie Matilda nasceu no dia 9 de agosto de 1864 e morreu com disenteria cerca de um mês após o seu primeiro aniversário.

Na época do falecimento da pequena Carrie, seu pai recebera uma incumbência especial de visitar o Chefe Geral da Polícia Militar em Washington, D.C. Sua missão particular era obter o *status* de não-combatentes para os adventistas do sétimo dia. Passou algumas semanas visitando vários membros da equipe do Presidente Lincoln, explicando por que os adventistas do sétimo dia crêem que a participação em combate é contrária aos princípios cristãos. Com a sua diplomacia e explicações claras e eloqüentes, o pedido foi deferido: os adventistas podiam requerer serviços como não-combatentes. Essa decisão lançou os fundamentos da Organização do Serviço Nacional, que se tornou fonte de ajuda àqueles que na vida militar desejavam observar o sábado.

Como o terceiro presidente da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, J. N. Andrews foi eleito em 1867 e reeleito em 1868. Mantinha-se mais do que ocupado com deveres administrativos gerais, viagens, sermões em reuniões campais e igrejas, além de presidir as assembléias anuais. Não teve condições de escrever muito nesses dois anos, mas em 1868 passou a ser novamente um colaborador regular nas páginas da *Review*.

Traga um Coração Faminto

A primeira reunião campal adventista do sétimo dia foi realizada em 1868, em Wright, Michigan. Notícias do evento apareceram no jornal da igreja, que também orientava os leitores sobre o que levar a fim de terem conforto e extraírem o máximo das reuniões. O Pastor Andrews os conclamava: "Mais do que tudo, tragam um coração faminto. Venham para este banquete, irmãos."

As pessoas viajaram a cavalo e de charrete, com juntas de bois, trem e

diligências; alguns caminhavam parte do caminho ou todo ele. As barracas – que não eram à prova d´água – eram feitas de tecido fino para lençóis. Das 22 barracas para servir de igreja, só uma se parecia remotamente com as tendas que surgiram mais tarde. Essa tenda havia sido trazida do Estado de Nova York, e era a única que não vazava quando algum temporal feroz de vento e chuva se abatia sobre o acampamento.

Vários ministros pregaram em diferentes momentos, mas os oradores principais foram o Pastor e a Sra. White e o Pastor Andrews. É claro que encontraram muitos velhos amigos, alguns dos quais haviam sido batizados em reuniões anteriores. Viam-se apertos de mão, abraços, batidinhas nas costas e a entusiasmada pergunta que se repetia: "Lembra-se de mim?"

Outros alegremente informavam aos pregadores que haviam sido batizados por White ou Andrews nesse ou naquele lugar, em tal e tal ocasião. Durante o período das campais, afastados de sua rotina movimentada e cansativa, os acampantes desfrutavam uma feliz e animada atmosfera em que o amor de Deus reinava supremo.

Como iluminação noturna, fincavam estacas no chão a cada poucos metros, e uma caixa cheia de terra era pregada no topo de cada estaca. Então as tochas de nós de pinho eram firmadas dentro da terra. Quando acesos, os nós de pinho produziam não só uma luz muito clara como também uma fragrância agradável.

Todas as noites, depois que as reuniões eram encerradas e as pessoas se recolhiam, um homem alto, de barba, caminhava para lá e para cá entre as filas de barracas. Ao lado de cada uma, parava e perguntava: "Está tudo bem? Precisam de alguma coisa?" Se as pessoas ali dentro diziam que estavam confortavelmente acomodadas, ele se dirigia à barraca seguinte. Se precisavam de alguma coisa – fósforos, água ou qualquer coisa que ele pudesse providenciar – o Pastor Andrews arranjava para elas. O presidente da Associação Geral cuidou do seu rebanho na reunião campal de Wright´s Grove.

Um escritor descreveu a reunião campal de Wright em termos brilhantes e, ao encerrar, fez uma declaração segundo a qual o Pastor Andrews havia acompanhado o casal White nas suas apresentações em público e tinha "assimilado o mesmo espírito".

Tiago White se sentiu mais do que um tanto desgostoso com essa declaração e três semanas mais tarde escreveu na *Review*: "Um escritor, recentemente, falando da reunião campal de Wright, disse que o irmão Andrews trabalhou com o irmão e a irmã White até captar o mesmo espírito. O irmão Andrews é um homem de Deus. É um diligente estudioso da Bíblia. Ele fala com Deus e participa amplamente do Espírito Santo, direto do trono. O irmão e a irmã White freqüentemente encontram alívio ao aconselhar-se com o irmão Andrews e ouvir as sábias palavras dos seus lábios."

Ellen Não o Ouviu

Durante um período de quatro meses, Andrews foi de reunião em reunião com o casal White, e os três falavam regularmente. Durante esse tempo, Ellen White escreveu bastante – mais de mil páginas – e tudo isso, logicamente, era feito a mão. Ela se concentrava tanto no que fazia que mal tinha consciência do que acontecia ao seu redor, como mostra o seguinte episódio. Um dia, quando Andrews estava falando, Ellen White sentou-se a uma mesa diretamente abaixo da plataforma na qual ele pregava. Ela escreveu durante todo o sermão, página após página, tão rapidamente quanto a tinta fluía. Ao meio-dia, enquanto almoçavam e conversavam com alguns dos acampantes, alguém lhe perguntou o que ela achava do Pastor Andrews como pregador.

– Bem – disse ela pensativamente – faz tanto tempo desde que eu o ouvi pregando que realmente nem posso dizer.

Esse comentário foi recebido com sorrisos e até francas risadas, enquanto explicavam a cena de poucos minutos antes. Ela estivera tão concentrada no que escrevia que não tinha ouvido uma palavra que Andrews dissera, embora estivesse sentada a poucos metros dele.

Deve-se observar que J. N. Andrews e Urias Smith, editor da *Review and Herald*, eram concunhados – John se casou com Angeline Stevens e Urias com a irmã dela, Harriet. Como os dois homens eram intelectualmente dotados, cultivaram uma firme amizade que perdurou até a morte de John. Urias conheceu Harriet quando foi a Rochester em 1853, e ambos trabalhavam na principiante casa publicadora. Sem dúvida, foram instrumentos na conservação de John e Angeline dentro da igreja durante o período em que estes viveram na instável atmosfera de Waukon.

John realizava reuniões em tendas no Maine quando seu pai entrou nos últimos estágios da temível tuberculose. A Sra. Andrews perguntou-lhe se devia mandar chamar John para que viesse vê-lo pela última vez em casa.

– Não há nada que ele possa fazer por mim – respondeu o pai. – Diga-lhe que morro na fé e o encontrarei quando Jesus vier. – Edward Andrews faleceu na bem-aventurada esperança no dia 14 de abril de 1865.

Ansioso por revisar seu livro mais conhecido, *History of the Sabbath and First Day of the Week* [História do Sábado e Primeiro Dia da Semana], Andrews planejou fazer esse trabalho na região de Boston. Sem que ele o soubesse, Tiago White pediu a duzentas pessoas que cada uma colaborasse com dez dólares para se conseguir uma biblioteca para o Pastor Andrews, já que ele não tivera o devido acesso aos livros de que precisava quando escreveu a primeira edição. Andrews ficou constrangido ao descobrir como lhe chegou o dinheiro, mas se sentiu grato. E White, ansioso por ver pronta a segunda edição o mais rápido possível, ofereceu-lhe ilimitado auxílio do escritório da Review and Herald. Urias Smith também estava tão ávido pela revisão que, no verão de 1871, deixou de lado suas responsabilidades editoriais e foi a Boston para ajudar Andrews, passando lá treze semanas. Smith achou que os resultados de suas pesquisas compensaram em muito o tempo investido e as despesas.

Na noite de 17 de fevereiro de 1872, a amada esposa de John, Angeline, sofreu uma crise que a deixou parcialmente paralisada, com o braço direito inútil e a fala prejudicada. Com as orações de John, dos filhos e de muitos outros em seu favor, ela pareceu melhorar. Algumas semanas mais tarde, teve o desejo de fazer uma curta caminhada. Era um lindo dia e ela teve vontade de ir para fora. Tragicamente, desmaiou quando John a ajudava a vestir o casaco. Aos 48 anos de idade apenas, ela faleceu na manhã seguinte, 19 de março.

Seu esposo prestou homenagem a Angeline na *Review*, escrevendo: "Registro aqui o fato de que ela fez o máximo em seu poder para ajudar-me a sair para o labor na causa de Deus, e nunca reclamou quando eu permanecia longo tempo ausente. Durante o período todo de nossa vida conjugal, nenhuma palavra indelicada se ouviu entre nós, e nenhum sentimento contrariado existiu em nosso coração."

John continuou seu trabalho para o Senhor, mas talvez por causa da morte tão repentina de Angeline e de sua relativa pouca idade, parece que não conseguia superar o luto. Mudou-se para South Lancaster, Massachusetts, e, quando viajava, as crianças ficavam com a família Harris.

Comentava-se que J. N. Andrews recitava a Bíblia toda de memória. Quando J. N. Loughborough lhe perguntou se era verdade, ele respondeu que, se o Novo Testamento fosse destruído, conseguiria reescrevê-lo. Mas não tinha tanta certeza de fazer a mesma coisa com o Antigo Testamento.

Os Primeiros Missionários no Exterior

Na assembléia da Associação Geral de 1874, J. N. Andrews deu um passo corajoso e significativo. Aceitou a indicação da Associação Geral no sentido de que fosse para a Europa a fim de lá estabelecer a obra dos adventistas do sétimo dia. Como Ellen White posteriormente lembrou os irmãos na Europa, "nós lhes enviamos o homem mais capaz que tínhamos".

O Pastor Andrews e seus dois filhos, Mary, de 12 anos, e Charles, de 16, navegaram para a Europa a bordo do Atlas. Enquanto permaneceram no convés à saída, devem ter-se perguntado quando – ou se alguma vez – veriam sua pátria outra vez. O Atlas atracou em Liverpool, e J. N. Andrews e seus filhos tomaram um trem para Londres, e depois Paris. Foram recebidos em Paris por Ademar Vuilleumier, que os levou para sua casa em Neuchatel, Suíça. E lá permaneceram. A casa era tão grande que a família Andrews ficou num apartamento exclusivo. Moraram em Neuchatel por dois anos.

Uma vez estabelecidos na Suíça, pai, filho e filha mergulharam nas desafiadoras tarefas diante de si. Charles começou a aprender todas as etapas do trabalho de tipografia, bem como a estudar francês e alemão. Seu pai escreveu que Charles era "firme e quieto", e parecia preferir passar tempo com ele em lugar de conviver com outros jovens.

Quanto a Mary, ela absorveu o idioma francês como uma esponja. Em pouco tempo, estava lendo as páginas das provas do novo jornal de seu pai, *Les Signes des Temps* [Sinais dos Tempos]. Conseguia perceber erros gramaticais que o irmão Aufranc passara por alto – e francês era o idioma dele!

John, Charles e Mary se dedicaram tanto à tarefa de aprender essa nova língua, que redigiram um acordo que cada um deles assinou. Dizia: "Nós, por meio deste, concordamos em usar apenas o idioma francês em conversas um com o outro. Procuraremos, no temor de Deus, guardar este concerto, e pedimos o Seu auxílio para que o cumpramos fielmente. Mas será nosso privilégio usar o idioma alemão sempre que soubermos dizer uma palavra ou frase com ele."

Em seu primeiro relatório à Associação Geral, em 1875, Andrews pôde informar que havia descoberto outros guardadores do sábado pela Europa. Sentia-se especialmente feliz por relatar que, tanto quanto sabia, havia milhares de guardadores do sábado na Rússia. E qualquer guardador do sábado era um amigo de J. N. Andrews, não importando sua nacionalidade ou onde morasse.

Também mencionou que por duas vezes havia recebido dinheiro da Rússia, de assinantes do *Les Signes*. Uma senhora, inclusive, lhe havia escrito uma "animadora carta".

Foi um dia feliz para Andrews quando ele soube que a Associação Geral votara estabelecer uma gráfica na Europa. Foram feitos planos para coletar dez mil dólares a fim de dar início à publicadora. Tiago e Ellen White contribuíram com os primeiros mil dólares "para a missão e a gráfica na Europa".

"Morrendo de Fome"

Basiléia, na Suíça, tornou-se a sede para a família Andrews porque a melhor impressora da Suíça estava localizada ali. Foi em Basiléia que apareceu o primeiro exemplar de *Les Signes des Temps*, em julho de 1876. Calcula-se que, num período de sete anos, J. N. Andrews tenha escrito mais de "480 artigos, ou uma média de cinco ou seis por mês", para *Les Signes des Temps*. Obviamente, o jornal tomava grande parte do seu tempo. Era ele o principal colaborador, bem como o tradutor de artigos da *Review* escritos pelos líderes nos Estados Unidos. Ele também planejou publicar periódicos em alemão e italiano.

Andrews fez mais do que lançar a obra de publicações na Europa; ele realizou muito trabalho pessoal também. O contato pessoal foi uma de suas motivações para estudar os idiomas com afinco, pois precisava falar a língua para fazer o contato.

Os governos de alguns países europeus dificultavam para as organizações protestantes o aluguel de igrejas ou salas para a realização de reuniões, de modo que, muitas vezes, as reuniões aconteciam em casas particulares. Até mesmo essas reuniões eram freqüentemente dissolvidas, e assim era quase impossível dirigir séries de evangelismo público. Muitos dos contatos – e conversos – de Andrews se faziam por correspondência.

O Dr. H. P. Ribton, da Itália, era um dos mais fiéis correspondentes de Andrews, tendo recebido alguns dos seus folhetos e outras publicações de Basiléia. Em 1877, Andrews teve a oportunidade de visitar a família Ribton, em Nápoles. Depois de estudar a Bíblia com eles, teve o privilégio de batizar o doutor, sua esposa, a filha e outra pessoa "no mar de Puteoli, o porto no qual Paulo desembarcou quando viajava para Roma como prisioneiro". Através dos esforços perseverantes do Dr. Ribton, dentro de um ano 22 pessoas aceitaram a mensagem do advento em Nápoles.

Três anos após a chegada à Suíça, John contraiu pneumonia. Foi chamado um médico para tratar dele, e quando o doutor abriu a camisa para examiná-lo, exclamou: "Ora, este homem está morrendo por falta de comida!"

Era verdade, pois além do pesado fardo do trabalho, o Pastor Andrews procurava economizar tudo o que podia nos itens de manutenção – inclusive o alimento – para promover a obra do Senhor. Ele e seus filhos viviam basicamente do pão branco da padaria local, mingau, batata e, às vezes, repolho. Usavam pouco leite ou manteiga, e praticamente nada de frutas. Infelizmente, seu regime alimentar carecia das vitaminas e dos minerais necessários para a saúde. John falava de sua empregada como "a pior cozinheira" que ele conhecia.

Além disso, as instalações para banho e higiene eram extremamente deficientes e insalubres. Não era de admirar, portanto, que John e Mary, bem como outros obreiros, tivessem adoecido.

Mas as coisas estavam melhorando. Novos obreiros chegaram dos Estados Unidos para ajudar Andrews no trabalho. Ele ficou entusiasmado diante da perspectiva e aproveitou a oportunidade para recebê-los em Londres. Uma alegre vantagem a mais nessa viagem era que ele poderia comprar suprimentos para a editora enquanto lá estivesse.

No porto, conheceu o Pastor e a Sra. William Ings, e a Srta. Maud Sisley, que foram enviados para ajudá-lo no preparo de manuscritos. Também se encontrou com o Pastor William M. Jones, seu amigo que dirigia o trabalho dos Batistas do Sétimo Dia, em Londres. Jones convidou Andrews para pregar nos dois sábados em que lá esteve. As reuniões obtiveram tanto sucesso que o Pastor J. N. Loughborough foi enviado à Inglaterra para continuar o trabalho com os interessados.

Em Basiléia, a Sra. Ings assumiu a cozinha e o cuidado da casa. Ficou espantada diante da vida paupérrima que Andrews e os filhos levavam. Mas se encarregou do assunto e escreveu animadoramente para Ellen White: "Encontramos aqui tudo o que é necessário para

viver de maneira saudável, e como temos um fogão para assar nosso pãozinho, estamos felizes."

Quando o Pastor Andrews se preparou para assistir à assembléia da Associação Geral em 1878, decidiu levar Mary consigo, pois tinha quase certeza de que ela contraíra tuberculose. Assim que eles chegaram a Battle Creek, os médicos confirmaram seus piores temores. Apesar das advertências do Dr. Kellog de que a tuberculose era contagiosa, John passou cada minuto possível ao lado da cama de Mary, prestando-lhe todos os cuidados que um pai amoroso prestaria. Mary, com apenas 17 anos de idade, morreu no dia 27 de novembro. O Pastor Andrews a sepultou ao lado da mãe e das duas irmãzinhas no Cemitério Mt. Hope, em Rochester. John estava sozinho nos Estados Unidos e Charles ficara sozinho na Europa. Haviam perdido o único outro membro da família, e não puderam nem mesmo chorar juntos.

Charles escreveu de modo encorajador para o seu pai: "Nossa separação será breve e então, se formos fiéis, encontraremos nossos queridos. Por isso, papai, não desanime. Oramos muito por você."

A Sra. White escreveu para John: "Nossos profundos sentimentos estão com você em sua grande tristeza, mas não nos entristecemos como aqueles que não têm esperança. Mary, querida e preciosa menina, descansa. Era a companheira de suas tristezas e esperanças frustradas. Com os penetrantes olhos da fé, você pode antever sua Mary, com a mãe e outros membros da família, respondendo ao chamado do Doador da vida e levantando-se triunfante sobre a morte. O Senhor o ama, meu querido irmão. Ele o ama."

Ela também aconselhou o Pastor Andrews a casar-se novamente, mas ele não conseguia sequer pensar em dar esse passo. O seu luto por Angeline era pesado e ele disse que sua afeição parecia "incapaz de afastar-se dela e aceitar alguma outra, por mais digna que seja". Mas reconheceu que ele e seus filhos teriam vivido muito melhor caso tivessem "o cuidado de alguma boa mulher".

Andrews permaneceu nos Estados Unidos por mais um ano após o falecimento de Mary. Na viagem de volta à Europa, desembarcou em Glasgow, onde passou momentos agradáveis conversando com amigos. A caminho de Londres por trem, sentiu calafrios e febre – algo que o havia acometido de quando em quando através dos anos. Por experiências anteriores, ele sabia que sofreria uma enfermidade prolongada. Conseguiu chegar à casa de seu velho amigo, J. N. Loughborough, que realizava obra missionária em Londres. Ele e a esposa receberam Andrews em casa, cuidando dele ao longo de muitas semanas de enfermidade e convalescença. Foram três meses até que ele pôde retornar a Basiléia.

Durante o tempo em que esteve doente em Londres, sentiu-se especialmente animado ao saber de um mercador turco que havia lido um exemplar de *Les Signes des Temps* e agora guardava o sábado.

De volta a Basiléia, Andrews nunca chegou a recuperar completamente a saúde. Andava tão fraco que na maior parte do tempo ditava cartas e artigos, bem como cuidava dos assuntos da igreja, deitado na cama. Mas sua mente continuava aguçada como sempre, e ele produzia artigos em inglês, francês, alemão e italiano.

Cada mês, ao aproximar-se a época de imprimir uma nova edição da revista, o Pastor Andrews reconquistava forças suficientes para concluir seus artigos e fazer a revisão, a fim de que o periódico pudesse ir para o prelo. Depois, continuava exausto até o momento do número seguinte.

Esperando que alguma coisa nova tivesse sido descoberta no mundo da medicina, ele chamou o mesmo médico que antes o havia examinado. Conversaram com franqueza e John perguntou o que havia realmente de errado com ele, e se chegaria a recuperar as forças.

– Quer saber a verdade, Sr. Andrews? – perguntou o médico.

– Sim, doutor. Seja o que for que o senhor tiver a dizer, saberei lidar com isso.

– Bem, lamento dizer-lhe, Sr. Andrews, mas o senhor está com tuberculose. Ela está avançada e um dos pulmões já quase se foi. O outro está gravemente afetado. Não lhe posso oferecer nenhuma esperança de recuperação.

Ao saber da grave condição do Pastor Andrews, a comissão da Associação Geral votou dedicar um dia de oração e jejum para rogar por seu restabelecimento. A notícia foi publicada na *Review*, marcando a data de 24 de julho de 1880. Depois desse dia, ele se reanimou um pouco, sentindo-se bem melhor do que nos últimos tempos. Mais tarde naquele ano, o Pastor S. N. Haskell foi enviado à Suíça para animar e ajudar o Pastor Andrews no trabalho.

Haskell viu logo que eram necessárias instalações mais amplas para expandir a obra e aumentar a equipe de trabalho. Em conselho com os obreiros franceses, decidiu-se alugar um prédio que tinha mais do que

o dobro do espaço do lugar antigo. Sabendo que o Pastor Andrews não tinha forças nem coragem para sequer pensar num empreendimento assim, e sem contar-lhe sobre a mudança, Haskell alugou um cavalo e charrete, e os dois passaram o dia no campo. Quando retornaram, a mudança havia sido realizada, e Andrews ficou atônito ao descobrir que haviam melhorado muito suas condições de moradia.

Estranho como possa parecer, o Pastor Andrews não recebia um salário regular. Sem ter idéia de como as despesas na Europa diferiam daquelas nos Estados Unidos, a comissão da Associação Geral havia adotado uma atitude de "esperar para ver". Nesse meio tempo, várias quantias de dinheiro lhe foram enviadas para o trabalho, e ele podia descontar suas despesas desse fundo. Infelizmente, o dinheiro não era enviado com muita regularidade e, de qualquer maneira, Andrews não se sentia à vontade para tirar dinheiro desses recursos a fim de suprir as próprias necessidades. Como resultado, ele e seus filhos viviam na pobreza.

J. N. Andrews era um homem dedicado a espalhar o evangelho a toda nação, tribo, língua e povo, mas lastimavelmente deixava a desejar em alguns aspectos práticos da vida. Ellen White havia sabiamente insistido para que ele se casasse de novo, pois uma mulher em casa teria tornado a vida deles mais confortável e bem organizada. Se ele tivesse atendido ao conselho, as coisas teriam sido muito diferentes, e é bem provável que tanto ele quanto Mary tivessem vivido mais tempo. Todavia, cada pessoa age dentro de sua própria armadura, e foi esta a armadura que Andrews escolheu usar – a de uma vida tão abnegada que destruiu a própria saúde. Talvez fosse tudo o que ele podia fazer.

Trabalhando Até o Fim

Em 1883, Andrews passou o tempo todo confinado ao leito. Em sua última carta para Ellen White, um mês antes de sua morte, escreveu: "Entreguei o controle de tudo ao irmão Whitney. Ainda tento ler as provas do nosso periódico em francês, mas não tenho energia para preparar artigos. Não passo de um esqueleto e nem tenho tentado vestir minhas roupas por muitas semanas. Mas posso dizer que meus pés estão sobre a Rocha dos Séculos e que o Senhor me segura pela minha mão direita."

Um dos seus últimos atos foi deixar em testamento os quinhentos dólares que lhe restavam para serem usados na obra do Senhor na Europa.

No outono de 1883, foi realizada uma importante reunião em Basiléia, com a presença de representantes de vários países europeus. Durante as reuniões, muitos dos pastores foram ao seu quarto para conversar e orar com ele, mas no dia 21 de outubro vários foram solicitados a ir ao quarto dele para orar em seu favor de maneira especial. Enquanto a mãe de Andrews ficava ao seu lado, abanando-lhe o rosto, eles se ajoelharam ao redor da cama e uma vez mais rogaram por seu amigo. Quando se ergueram da oração, os encantadores raios do sol poente enchiam o quarto com uma luz dourada, quase como uma bênção. Permaneceram em silêncio por alguns instantes, cada um perdido em suas próprias reflexões. Anjos celestiais pareciam estar bem perto, na quietude dourada do quarto.

Então, Albert Vuillemier, parado ao pé da cama, colocou seus óculos e olhou atentamente o semblante pacífico de seu irmão em Cristo. "Ora, ele está morto!" exclamou.

Enquanto seus companheiros ministros oravam por ele, o Pastor Andrews respirara pela última vez de modo tão sereno e tranqüilo que nenhum deles percebeu. Que maneira apropriada de um homem modesto e despretensioso entrar no descanso!

O Pastor Andrews havia encarregado seu amigo e cunhado de não permitir que algum elogio aparecesse na *Review and Herald* em sua homenagem. Contra a própria vontade, Urias Smith atendeu esse pedido.

Muitas instituições educacionais ao redor do mundo têm o nome de J. N. Andrews. Nos Estados Unidos, várias escolas de nível fundamental e médio levam alguma forma do nome dele e, em Michigan, a Universidade Andrews abre suas portas para estudantes de praticamente todos os países do mundo.

Na verdade, John Nevins Andrews foi o homem mais capaz que tivemos e, sem dúvida, naquele dia tão longamente aguardado, ele verá seu Senhor voltando.

CAPÍTULO 11

Annie Smith:

Poetisa, Artista, Editora

Uma das jovens pioneiras adventistas, cuja vida foi abreviada aos 27 anos de idade, deixou um legado de poemas e hinos que ainda hoje é considerado muito importante. Dez dos hinos de Annie Smith faziam parte do Hinário da Igreja, publicado em 1941, e três permanecem no hinário em inglês, publicado em 1985.

Annie Smith era a única menina em uma família de três irmãos – John, Samuel e Urias. Ela era quatro anos mais velha que seu bem-conhecido irmão.

Aos dez anos de idade, Annie entregou o coração a Jesus e passou a fazer parte da Igreja Batista. Quando ela e sua mãe ouviram a mensagem do advento, em 1844, ela saiu da Igreja Batista e se uniu ao grupo dos crentes no advento. Sua influência positiva sobre alguns dos colegas os levou a se prepararem para a segunda vinda de Cristo.

Mas quando o dia 22 de outubro de 1844 acabou sendo apenas mais um dia, em vez de ser aquele do encontro com Jesus e as hostes de anjos, tanto Annie quanto Urias perderam o interesse na esperança do advento e voltaram aos seus estudos. Acharam que deviam preparar-se para ganhar o próprio sustento e abrir seu caminho no mundo. Durante os seis anos seguintes, Annie não só deu continuidade aos estudos, mas lecionou em sete escolas diferentes.

Durante seu último ano no Seminário Feminino Charlestown, perto de Boston, algo lhe causou um problema nos olhos, e por oito meses mal conseguiu ver. O Monte Prospect era o lugar preferido para pintar paisagens, e alguém concluiu que ela deve ter forçado os olhos enquanto fazia um desenho da cidade de Boston, a quase cinco quilômetros dali. Ela permaneceu no seminário, repousando e fazendo tratamento, mas não assistia às aulas.

A Sra. Rebeca Smith era fiel em sua crença na breve volta de Jesus, e se preocupava porque parecia que seus filhos sucumbiam às atrações do mundo. Então José Bates foi a West Wilton e se reuniu com um pequeno grupo de adventistas, apresentando a mensagem do sábado. Rebeca Smith aceitou prontamente o sábado, e como mãe amorosa que era, pediu que o Pastor Bates orasse com ela para que seus filhos se convertessem totalmente e aceitassem a verdade do sábado.

Enquanto conversavam, o Pastor Bates soube que Annie estava terminando seu último ano no Seminário Feminino Charlestown e que Urias freqüentava o colégio Phillips, em Exeter. Os dois haviam recebido ofertas de emprego de mil dólares por ano, incluindo hospedagem e alimentação.

Bates ficou estupefato. Mil dólares! Não era de admirar que os jovens estivessem tentados a seguir os caminhos do mundo. Ele imediatamente traçou um plano.

"Irmã Smith, vou realizar algumas reuniões em Boston dentro de poucos dias, não longe de onde Annie estuda", disse ele. "Talvez fosse bom escrever a ela convidando-a para assistir às minhas reuniões. Serão realizadas na casa da Sra. Elizabeth Temple. Vou anotar o endereço para a senhora enviar a Annie."

Quando Annie recebeu a carta da mãe, não se sentiu muito inclinada a ir à reunião. Por outro lado, amava e respeitava a mãe e queria agradá-la. Encolhendo mentalmente os ombros, ela pensou: *Bem, não estou assistindo às aulas e realmente nem tenho outros planos, de modo que posso muito bem ir. Vou fazer a mamãe feliz.*

Na noite anterior à reunião, Annie teve um sonho. No sonho, parecia estar atrasada para uma reunião. Entrando na sala, ocupou o único assento que havia – uma cadeira junto à porta. Um homem alto, de boa aparência, apontava para um cartaz e repetia: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs, e o santuário será purificado."

Naquela mesma noite, José Bates sonhou exatamente a mesma coisa, sob o seu ponto de vista.

Na noite seguinte, Annie saiu para a reunião com bastante tempo de antecedência, mas por algum motivo errou o caminho. Quando encontrou a casa certa, a reunião já havia começado. Entrando na sala, ocupou o único assento disponível – uma cadeira junto à porta. Ela olhou para a frente e viu um homem alto, simpático, apontando para um cartaz e dizendo algo acerca de um santuário.

Todos os pormenores do seu sonho se desenrolavam assim como os havia visto.

Por seu lado, quando José Bates viu aquela estranha entrando, seu sonho lhe veio subitamente à lembrança. Havia planejado falar sobre um assunto diferente, mas ao recordar o sonho mudou para um sermão sobre o Santuário.

Encerrada a reunião, ele cumprimentou calorosamente aquela moça. "Você deve ser a filha da Sra. Smith, de West Wilton", disse ele. "Nunca a vi antes, mas seu rosto me é familiar. Ontem à noite sonhei que a vi."

Com surpresa, Annie lhe contou que também o havia visto num sonho.

Ambos relataram seus sonhos e Annie ficou muito impressionada com esse inesperado encontro. Aceitou o convite do Pastor Bates para estudar a Bíblia com ele, e umas três semanas mais tarde novamente se comprometeu com a mensagem do advento, incluindo o sábado e todos os seus ensinos.

Ao mesmo tempo em que Annie orava acerca de seu futuro trabalho, enviou a Tiago White, em Saratoga Springs, Nova York, um poema intitulado "Não Temas, Pequeno Rebanho". Poderia esperar que ele o publicasse na *Review and Herald*?

Tiago White ficou bastante impressionado com o poema. Em conversa com José Bates, perguntou o que ele sabia acerca de Annie Smith, e Bates lhe deu uma boa recomendação. Annie recebeu um convite para fazer parte do corpo de funcionários de Saratoga Springs como editora-assistente da Review and Herald. Ela não se sentia segura quanto a um empreendimento como esse, explicando que tinha problema nos olhos e que sua visão não era muito boa. O Pastor White pediu que ela fosse assim mesmo.

Depois de conversar e orar com a mãe acerca do assunto, Annie decidiu aceitar o convite do Pastor White. Assim que ela chegou, o Pastor White convocou a família da casa publicadora. Explicou-lhes que a visão de Annie havia sido prejudicada por algum motivo e sugeriu que realizassem uma cerimônia de unção para pedir que Deus lhe curasse os olhos a fim de que ela tivesse plenas condições de realizar a Sua obra. Ajoelharam-se ao redor de Annie e oraram fervorosamente para que o poder da cura divina repousasse sobre a irmã deles, Annie Smith. O Senhor julgou por bem curar os olhos

de Annie instantaneamente, e a cerimônia de unção se transformou num culto de oração e louvor. Assim, ela pôde começar o trabalho de imediato.

A maior parte do tempo, Annie trabalhava como revisora, mas de vez em quando recebia a responsabilidade de editora interina da *Review* enquanto o Pastor e a Sra. White viajavam. Além dos deveres na área editorial e revisão, ela continuou a escrever poemas e hinos. Ao longo dos três anos seguintes, 45 poemas e hinos escritos por Annie Smith foram publicados na *Review* e no *Youth's Instructor*.

De Saratoga Springs a obra de publicações mudou-se para Rochester, Nova York. Uma vantagem da mudança era que a publicadora podia ter sua própria máquina impressora. O trabalho de impressão não mais teria de ser enviado a gráficas seculares. Hiram Edson emprestou a Tiago White 600 dólares para comprar um prelo manual da marca Washington e os acessórios que o acompanhavam. Tiago alugou uma casa grande e antiga na Avenida Mount Hope, por 175 dólares ao ano, e era ali que a família White e todos os obreiros moravam e publicavam a próspera revista.

O pequeno prelo funcionou na casa da Avenida Mount Hope até que todas as dependências se tornaram necessárias para acomodar a crescente equipe de funcionários. Então, o equipamento de impressão e acessórios foram levados para um local próximo.

Como todos os editores antes e depois dele, Tiago White ficava ansioso para que seu amado periódico saísse perfeito; e que nenhum erro lhe maculasse as páginas. Por vezes, o trabalho de Annie como revisora deve ter sido francamente desalentador. A certa altura, ela escreveu um poema cheio de humor, mas carregado de verdade, com o qual todo revisor pode identificar-se. É bem provável que tenha surgido após um dia difícil diante do perfeccionismo do Pastor White, e foi intitulado "Lamentações do Revisor":

Que novas chegam aos meus ouvidos?
Qual será a próxima visão dos meus olhos?
Meu cérebro delira, meu coração treme –
Oh, aquele chocante erro!
"Lamentável! Lamentável!" Ouço-os gritarem;
"Você devia estar com os olhos fechados!
Inexplicável! Mais que inexplicável! Como pôde cometer

Tão evidente e disparatado equívoco?
Culpada, condenada, trêmula, levanto-me,
Apertando nervosamente as mãos,
Sem poder apresentar qualquer pretexto,
Por ter deixado passar tão grave erro.
Se correto, nenhum louvor recebo,
Nada mais que a obrigação cumprida;
Se errado, então sofro a censura,
Responsabilizada por tão crasso erro.
Por que devo seguir sofrendo,
Quando mesmo os mais sábios se equivocam?
Perder para sempre a paz não deveria –
Considerando que foi apenas um erro.

Mesmo assim, Annie amava tanto o Pastor quanto a Sra. White, e eles, por sua vez, a amavam e lhe apreciavam o trabalho.

Pode ter havido alguém mais que mexeu com os sentimentos de Annie. Alguns acham que Annie pode ter tido esperanças de um futuro ao lado do elegante jovem John Andrews. Praticamente com a mesma idade, eles viveram em Rochester na mesma época. É fácil pensar que podem ter tido interesse um pelo outro. Ou pode ter sido apenas da parte dela, pois a afeição especial dele estava voltada para Angeline Stevens, de Paris, Maine – uma garota que ele conhecia desde a infância.

Parte dessa especulação se baseia numa carta de Ellen White a John Andrews, cerca de um mês após o falecimento de Annie. Ela escreveu: "Vi que o melhor para você agora é casar-se com Angeline; depois de ter chegado a esse ponto, seria injusto deixá-la. O melhor caminho a seguir agora será casar-se e fazer o seu melhor pela causa de Deus. O desapontamento sofrido por Annie lhe custou a vida."

Em outras palavras:

"Você despertou as esperanças e expectativas de Angeline quanto ao casamento. Para ela não seria justo que você se afastasse agora. Você decepcionou Annie; não faça a mesma coisa com Angeline."

Isso, combinado com as poesias da própria Annie, parece dar fundamento à idéia de que John Andrews pode ter partido o coração de Annie, ou pode ter acontecido que Annie simplesmente se iludiu; que ele não sentia por ela o que ela sentia por ele.

A mãe de Annie publicou um livreto em 1871, e ele inclui alguns dos poemas não-religiosos da filha. Um deles, escrito para a mãe, pode lançar luz sobre o assunto:

Meu quinhão foi aprender
De amizade falsa, que resplandece
Quando a sorte estende as asas luminosas,
Mas se extingue ao anoitecer.

"Querida Annie", escreveu a mãe dela, no seu próprio estilo poético:

Embora teu quinhão tenha sido suportar
Destino adverso, entre labutas e cuidados,
Que expectativas viste morrer
E que triunfante visão da esperança fugir?
Não começou o teu coração a sentir
As alegações dAquele que fere para curar?

Dadas todas as circunstâncias da época, como as entendemos hoje, é certamente possível que Annie Smith tenha se apaixonado por J. N. Andrews. Isso acrescenta mais um mistério à especulação quanto ao seu hino "Vi Alguém Fatigado, Triste e Arrasado".

Diz a tradição que Annie tinha pessoas específicas em mente ao escrever cada uma das três primeiras estrofes. Conclui-se que a primeira tenha que ver com José Bates, o capitão de navio aposentado, que se tornou um dos co-fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Como ele era o patriarca do grupo, os sulcos de pesar e cuidados "que lhe marcavam a fronte", sobre os quais Annie escreveu, indicariam alguém com mais idade.

Julga-se que a segunda estrofe se refira a Tiago White, aquele que "ousadamente enfrentou o cenho carregado e frio do mundo" e foi "desgastado por labutas, oprimido por inimigos".

A terceira estrofe é considerada uma referência a John N. Andrews, erudito autodidata, escritor, professor e o primeiro missionário oficial da denominação. Outros têm sugerido que talvez Annie se referisse a seu irmão, Urias Smith. Urias, porém, pode ser eliminado com base no fato de que não se tornou guardador do sábado senão vários meses depois que Annie escrevera o hino.

Seria na realidade John Andrews a pessoa descrita nestes versos?

> Entre eles está um que deixou para trás
> Amigos queridos da infância,
> E renunciou a honras, prazer e abastança
> Para trilhar a senda orvalhada de lágrimas.
> Em meio a duras provas e penosos combates
> Ostentava ainda um sorriso de alegria;
> Indaguei o que lhe alentava o espírito,
> E ele disse: "É isto: a bem-aventurada esperança!"

É verdade que o hino foi publicado uns cinco meses após a chegada de Annie a Rochester. Esse era aproximadamente o mesmo período de tempo que Andrews estava lá. Ele não tinha, porém, "honras, prazer e abastança" a que renunciar. Era seu tio, Charles Andrews, membro do Congresso, quem tinha essas coisas a oferecer. Estava dando a seu sobrinho a oportunidade de tê-las, pois queria que John se tornasse advogado e entrasse no cenário político.

John desistiu da perspectiva de possuir tudo isso ao se unir a um grupo religioso desconhecido que guardava o sábado. Só parcialmente se encaixava como o personagem do poema.

A família de Leonard Hastings era vizinha da família Smith, e acreditava que Annie falava de sua própria experiência. Sabiam que Annie havia renunciado ao que ela considerava uma promissora carreira literária e artística para guardar o sábado. Ela jamais teria escrito abertamente a respeito de si mesma; não obstante, poderia com facilidade ter-se disfarçado usando pronomes masculinos.

Deve-se dizer, no entanto, que apesar de ser essa uma história intrigante, a aplicação pessoal de qualquer uma das três estrofes é incerta. Até mesmo a especulação mais verossímil continua como especulação, e seria impossível dizer com certeza se alguma das suposições tradicionais é verdadeira. Essa questão provavelmente nunca seja resolvida, e fica bem assim.

Fazia apenas um ano que Annie estava na Review, quando o irmão de Tiago White, Nathaniel, e sua irmã Anna chegaram, ambos sofrendo com tuberculose. Nathaniel viveu somente até maio de 1853; Anna morreu no ano seguinte. O poema que Annie Smith escreveu para Anna White após saber da notícia do seu falecimento se tornou um

hino que seria cantado nos funerais da própria Annie, pois ela também contraiu a terrível tuberculose.

Doente, Annie voltou para a casa de sua mãe em novembro de 1854. Ele havia feito um curso de "tratamentos com água", mas esses tratamentos não a ajudaram. Sabendo que a doença não só desencoraja, mas esvazia a carteira, Tiago e Ellen White lhe mandaram 75 dólares, durante sua última enfermidade.

Na época em que ela voltou para casa, depois dos tratamentos, José Bates passou por lá para ver a família. Rebeca Smith descreveu algo sobre a visita: "No começo do sábado[...] o espírito e o poder de Deus desceram sobre ela, e ela louvou a Deus em alta voz. [...] O irmão Bates, então, disse a Annie: 'Você precisava desta bênção, e agora, se o Senhor vê que lhe é melhor descansar, Ele estará com você.'"

Ela estivera trabalhando num pequeno livro de poesias e queria vê-lo publicado antes de morrer, bem como concluir seu poema "Lar Aqui e Lar no Céu". Urias chegou de Rochester a fim de ajudá-la a dar os retoques finais no texto. Ele então desenhou uma peônia, a flor preferida de Annie, para ser entalhada na capa do livro.

Annie acreditava que, uma vez concluído o livro de poesias, ela morreria ou então seria curada. No dia 18 de julho, escreveu um poema que intitulou "Nosso Dever".

> Nunca tome emprestado do futuro
> Um fardo que não traga junto o bem,
> As forças necessárias para o amanhã
> Podem ser hoje perdidas também.

No dia seguinte, ela disse à mãe que alguma coisa havia mudado e ela acreditava que não estaria viva no fim daquele dia. Rebeca Smith e o filho John a acompanharam durante a noite, enquanto Annie se esforçava para respirar. Pareceu ganhar forças por volta das duas horas da madrugada, mostrando-se muito feliz.

"Annie está sendo abençoada", cochichou a Sra. Smith ao filho.

Então, Annie falou com a voz mais forte que tivera nos últimos tempos: "Glória a Deus! O céu está aberto. Despertarei na primeira ressurreição."

Em Rochester, Urias esperava colocar as coisas em ordem para que Annie visse as folhas das provas do seu livro antes de falecer. Rebeca

quis mandar buscá-lo, mas Annie não permitiu. "Não fará diferença", disse ela. "Acho que estou morrendo. Por favor, mamãe, não me deixe enquanto eu estiver viva."

Rebeca Smith permaneceu ao lado de Annie. Acalentava a lembrança dos bons tempos anteriores, não querendo se esquecer do doce companheirismo que juntas desfrutaram com Jesus.

Annie ainda escreveu outro poema, o seu último, na manhã da terça-feira, dia 24 de julho.

> Oh, não derrameis lágrimas sobre o lugar onde durmo;
> Pelos vivos chorai, e não pelos mortos.
> Por que lamentar pelo cansado que tranqüilo repousa,
> Livre, na tumba, dos fardos e pesares da vida?

Rebeca Smith pôde atestar que, durante seus últimos dias, Annie ainda estampava um "sorriso de alegria". Seu ânimo era mantido pelos sentimentos da quarta estrofe do seu hino:

> Enquanto, peregrinos, avançamos na jornada
> Por este vale escuro de pecado e desalento,
> Por tribulações, ódio e desprezo,
> Ou através dos portais da sepultura,
> Até que volte o nosso Rei
> E Seus cativos leve para o lar celestial,
> O que pode manter o espírito alentado?
> Isto apenas: a bem-aventurada esperança.

Últimas Horas

Rebeca Smith deixou este registro das últimas horas de sua filha.

A noite de terça-feira foi solene e especial. Permaneci sozinha com ela toda a noite. Nenhuma de nós duas dormiu. Ela estava feliz e conversou muito comigo. Disse ela, em sua maneira peculiar: "Mamãe, temo que vou desgastá-la. Tenho-a ocupado noite e dia."

Sentia-se incômoda por me manter acordada por sua causa. Mas disse: "Aqui estou, sua filha moribunda. Penso que esta é a última noite, e você deve descansar quando eu me for. Ah, bendita mãe, eu retribuirei no Céu todo o seu cuidado por mim. Lá não haverá tristeza nem sofrimento. Todos seremos livres. Sim, seremos livres quando chegarmos ao lar, e viveremos para sempre. Apesar de todos os meus sofrimentos, posso sorrir para você agora."

A quarta-feira, dia vinte e cinco, foi sua última noite de sofrimento. O frio da morte pairava sobre ela. De tarde, sentiu-se aliviada da dor e do cansaço. Falou daqueles que cuidariam dela durante a noite e disse: "Não quero que ninguém fique em pé. Podem deitar-se no sofá."

À uma hora da madrugada, chamei Samuel [um dos irmãos de Annie]. Ela conversou com ele, pediu o que queria, como o fazia sempre, e disse-lhe que podia deitar-se. Cerca das três horas da manhã, ela o chamou para que lhe umedecesse a testa e disse que estava com sono. Na verdade, estava entrando em seu último sono. Samuel molhou-lhe a testa e logo se dirigiu a mim, dizendo: "Não sei, mas parece que Annie está morrendo."

Falei com ela. Não me respondeu, respirou algumas vezes e morreu, aparentemente como alguém que dormiu um sono natural. Seus sofrimentos haviam acabado. Ela estava morta. Eram quatro horas da manhã do dia 26 de julho de 1855.

Bibliografia

Adventist Heritage, 1984, vol. 9, nº 1.

Arquivos de Documentos da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia

Arquivos de Documentos do Patrimônio Literário de Ellen G. White

Bliss, Sylvester. *Memories of William Miller*. Leaves of Autumn Books, 1988.

Cartas de Heman S. Gurney. Arquivos de Documentos do Patrimônio Literário de Ellen G. White.

Durand, Eugene. *Yours in the Blessed Hope*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1980.

Ford, Mark. *Church at Washington*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002.

Graybill, Ron. "Annie Smith, Her Life and Love". *The Advent Review and Sabbath Herald*, 1º de abril de 1976.

Gordon, P. A. e J. R. Nix. *Laughter and Tears of the Pioneers*. Teach Services, 1989.

Knight, George. *Joseph Bates*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004.

Maxwell, C. Mervyn. *Tell It to the World*. Mt. View, CA: Pacific Press, 1976.

Nix, James R. *Early Advent Singing*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1994.

_____. Apresentação Oral, 29 de maio a 1º de junho de 2001.

Pioneer Stories Retold. Washington, DC: Review and Herald, 1956.

Robinson, Ella M. *Lighter of Gospel Fires*. Mt. View, CA: Pacific Press, 1954.

Robinson, Virgil E. *Cabin Boy to Advent Crusader*. Washington, DC: Review and Herald.

_____. *Flame for the Lord*. Washington, DC: Review and Herald, 1975.

_____. *James White*. Washington, DC: Review and Herald, 1976.

Seventh-day Adventist Encyclopedia. Washington, DC: Review and Herald, 1996.

Spalding, A. W. *Footprints of the Pioneers*. Washington, DC: Review and Herald, 1947.

_____. *Pioneer Stories*. Southern Publishing Association, 1922, 1942.

Spicer, W. A. *Pioneer Days*. Washington, DC: Review and Herald, 1947.

Wheeler, Gerald. *James White*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2003.

White, Arthur L. *Ellen G. White Biography*, vol. 1-6. Washington, DC: Review and Herald, 1981-1986.

White, Ellen G. *Early Writings*. Washington, DC: Review and Herald, 1882.